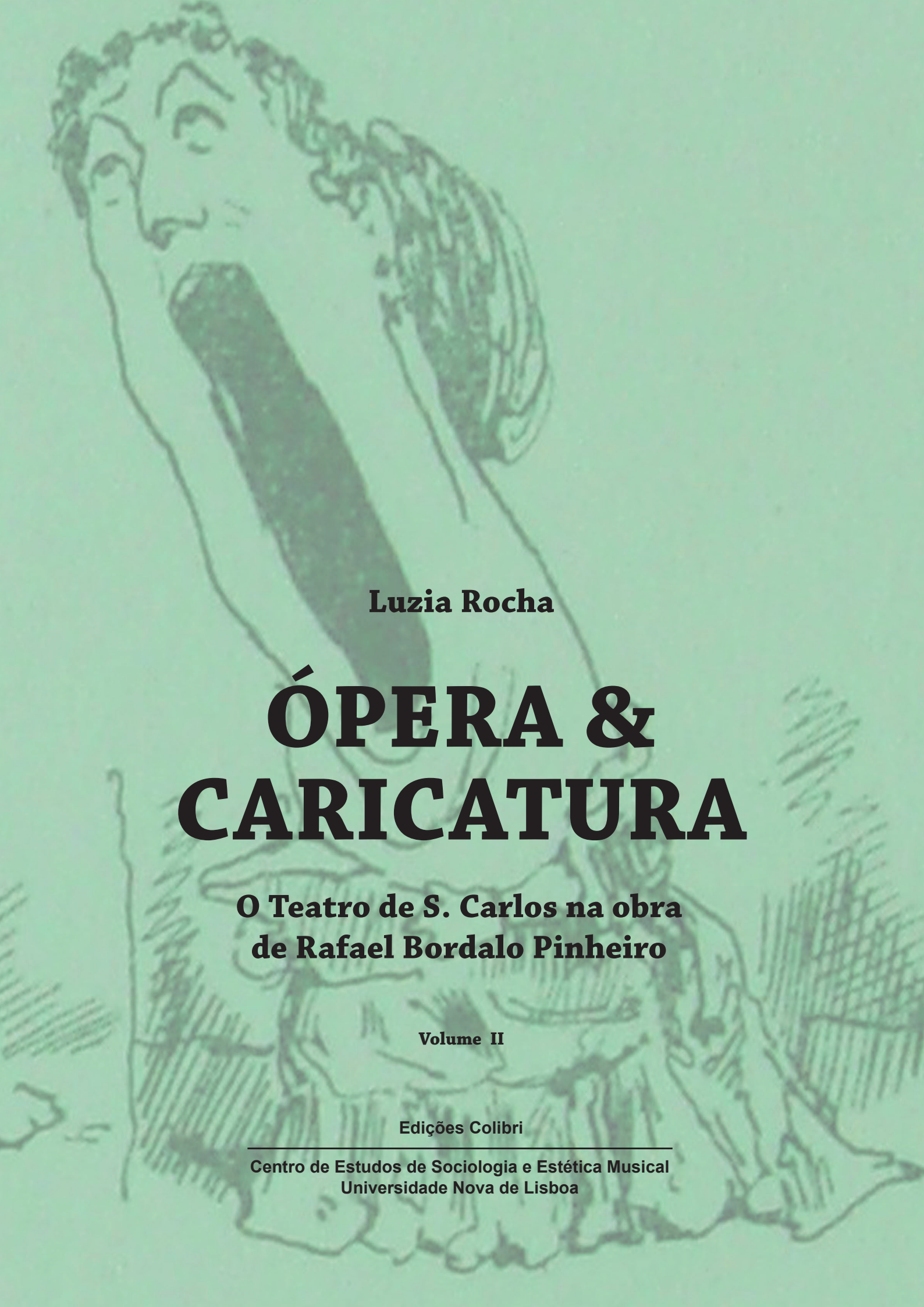




Luzia Rocha

ÓPERA & CARICATURA

**O Teatro de S. Carlos na obra
de Rafael Bordalo Pinheiro**

Volume II

Edições Colibri

**Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical
Universidade Nova de Lisboa**

ÓPERA & CARICATURA

O Teatro de S. Carlos na obra de Rafael Bordalo Pinheiro

Volume II

Colecção: **ESTUDOS MUSICOLÓGICOS**

Coordenação: Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical
(C.E.S.E.M.) da Faculdade de Ciências Sociais
e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Direcção: Prof. Doutor Manuel Pedro Ferreira

1. *Música, Estética e Sociedade nos Escritos de Jorge Peixinho*
Cristina dos Anjos Raminhos Delgado Teixeira
2. *Constança Capdeville – Entre o Teatro e a Música*
Maria João Serrão
3. *Interpretação Musical: Teoria e Praxis*
Francisco Monteiro e Ângelo Martingo (coordenação)
4. *Investigação em Psicologia da Música – Estudos Críticos*
Helena Rodrigues e Christopher Johnson (coordenação)
5. *Medieval Sacred Chant: from Japan to Portugal*
/ Canto sacro medieval: do Japão a Portugal
Manuel Pedro Ferreira (coordenação)
6. *Expression, Truth and Authenticity:*
On Adorno's Theory of Music and Musical Performance
Edited by Mário Vieira de Carvalho
7. *Mozart, Marcos Portugal e o seu tempo / and their time*
Coordenador / Editor: David Cranmer
8. *Ópera & Caricatura. O Teatro de S. Carlos*
na obra de Rafael Bordalo Pinheiro (vol. I e II)
Luzia Rocha

Esta colecção é apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia
através do financiamento plurianual de unidades de investigação

This series is supported by the Foundation for Science and Technology
[Fundação para a Ciência e a Tecnologia]

Luzia Rocha

ÓPERA & CARICATURA

O Teatro de S. Carlos na obra de Rafael Bordalo Pinheiro

Volume II

Edições Colibri

•

Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical

ROCHA, Luzia, 1978-

Ópera & caricatura : o teatro de S. Carlos na obra de Rafael Bordalo Pinheiro. – 2 v. –
(Estudos musicológicos ; 8)

2º v.: p. – ISBN 978-989-689-067-4

CDU 741

782

Título: Ópera & Caricatura.
O Teatro de S. Carlos na obra de Rafael Bordalo Pinheiro (Vol. II)

Autora: Luzia Rocha

Edição: Edições Colibri / Centro de Estudos
de Sociologia e Estética Musical

Depósito legal: 318 245/10

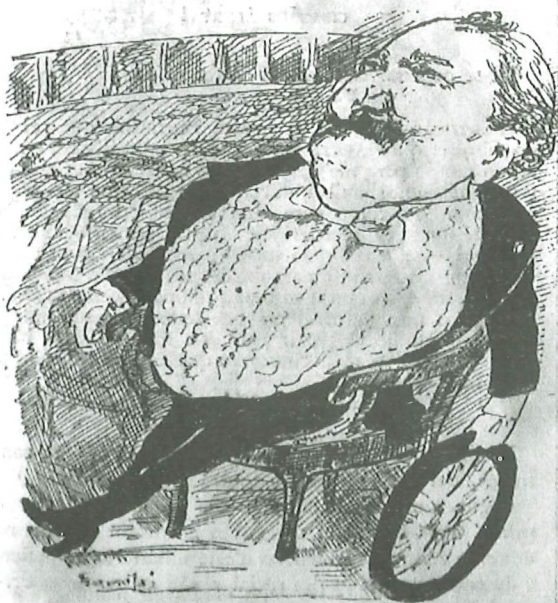
Lisboa, Dezembro de 2010



O sr. conselheiro Arrobas partiu para Setúbal a conferenciar com a pipa em companhia da qual percorreu ha dias as ruas d'aquella cidade. Vae combinar com ella a proxima campanha eleitoral.



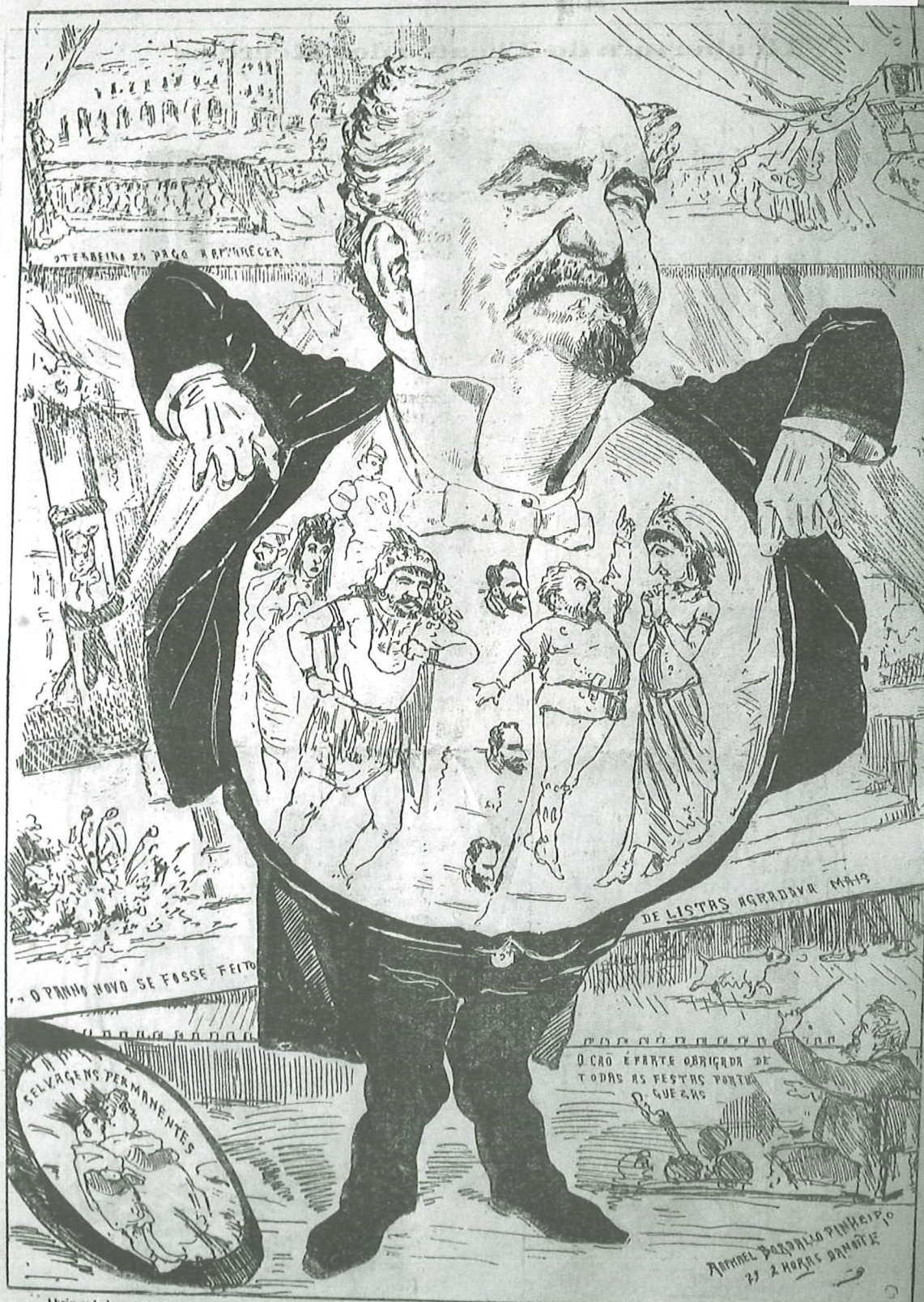
Faz amanhã 25 annos o nosso amigo sr. conde da Mosqueira Preta.



O nosso amigo o joven poeta Zé Carlos, em quanto não chega a epocha lyrica, para matar saudades, vae passar o verão na superior de S. Carlos.



Partiu hontem para o coupé do sr. ministro da justiça, onde tenciona passar a estação calmosa, o reverendo prior da Lapa e o seu brilhante.



— Abriu-se! chegaram as nossas noites!
 E que noite a de hontem! Dois pannos atravessados um no outro. O funcionalismo quando viu que lhe tiravam a vista do Terreiro do Paço, aonde estão as secretarias da sua alma, protestou e queria antes um panno feito de officios. Desacostumado das gratificações achava ervas demais. Panno bem pintado e pouco rhetorico. Córds do 2.º acto rhetoricos de mais e desafiados. Berghi-Mamo cantora distinctissima, mas com menos alguma pontinha de voz do que de nariz. Tenor, negro Co-có lyrico muito ameno e agradando immenso ás plateas. Pandolfini bello artista, cansado já de andar correndo atraz da fama. Nos corredores casacos de mais, e cabides de menos.
 O Antonio Maria não assistiu ao juizo final do espectáculo por serem já duas horas da noite, e reserva o juizo para o numero seguinte.



ISEOA manifestou-se uma cidade aprazível nos ultimos dias.

A politica foi enriquecida com um jacaré fabuloso, na pessoa do sr. Mariano de Carvalho.

O sr. Rosa Araujo escreveu algumas cartas de namoro municipal ao *Diario Popular*.

O *Illustrado* reproduziu um crocodillo do sr. Monteverde, á falta de retratos d'outras celebri-
dades.

Sua magestade participou ao sr. commandante da 1.ª divisão, em carta regia publicada no *Diario do Governo*, que o amava e por isso o mimoseava com uma gran-cruz.

O baritono Ciapini foi pateado em S. Carlos.

A prima donna Gargano fez um *debute* de caretas, como se a empreza e os espectadores podessem viver d'isso.

Finalmente, os candidatos vencedores cantaram o seu *Te-Deum* em acção de graças, como se em vez dos galopins fosse Deus Nosso Senhor que vencesse as eleições!

Nunca se viu tanto sacrilegio junto. E todavia da futura camara faz parte uma collegiada composta de oito clérigos com os respectivos acolytos!

PHYSIONOMIAS POPULARES

Não ouve a gente fallar, desde pela manhã até á noite, por todos os becos, viellas e jornaes da cidade, senão no Osorio do municipio, no Osorio da Lapa.

Pois, meus senhores, ahí o teem, colhido vivo na ultima recita em S. Carlos, em flagrante delicto de dormitar ao som da *Africana*.

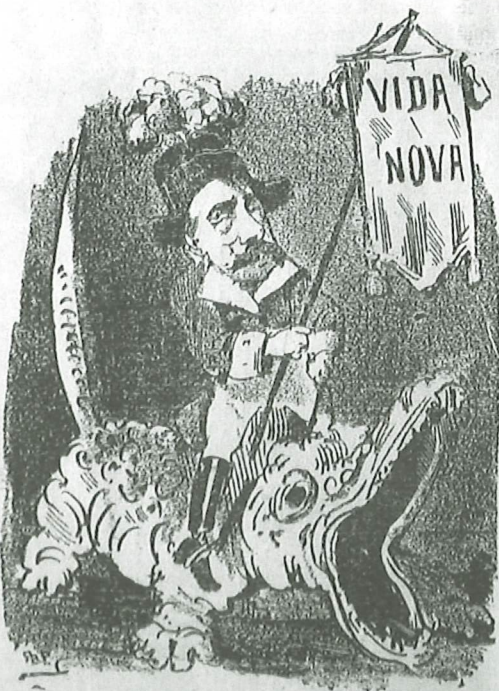
Eis aqui um dos fiadores dos destinos e dos typhos municipaes!

E levanta-se uma prima-dona de noite, para amassar notas, para elle ouvir em dias de gala!...



CARTA AO «PIMPAO»

AMIGO.— O *Antonio Maria* te envia muito saudar, como aquelle que ama e preza, tal qual Sua Magestade costuma ás vezes fazer no *Diario do Governo* a respeito de alguns medalhões sufficientemente nullos, para a munificencia regia recahir sobre elles — o que se não dá no teu caso, pois que os teus assignalados serviços se tornam



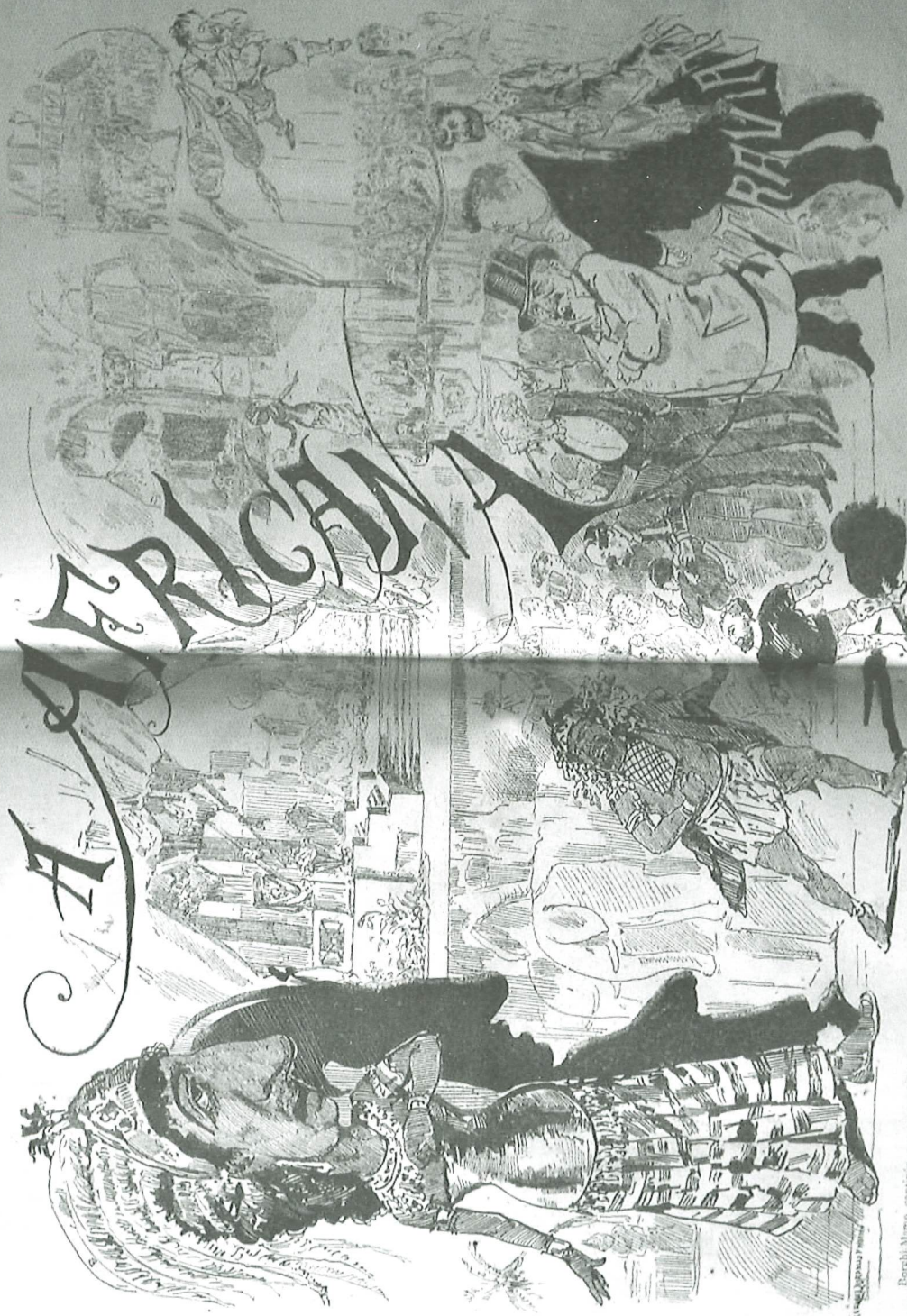
O jacaré progressista, depois de devorar a maioria regeneradora. Aspecto do monstro.

(Cópia d'uma photographia que o *Illustrado* nunca viu.)



Epilogo triste.—O reverendo prior, como Diogenes da Lapa, procura a opposição por todos os recantos da politica, e não a encontra.

Theatro lyrico.—A Apiciana e a Travinta



Borghesi Memo. crônica, com o seu bello talento a fazer sempre a toda a companhia. A prima dona Gagliardi, em obsequio a todos os talentos de mizes de papello para a honrarem nas proximas rectas. O p... dos dilletante, e da Travinta e a... o contrario n'curso.

se entrou na Travinta e com esta e um grande numero de outros. O primeiro Gagliardi, sendo os propositos e mudando-se, continua a proveer o appello de lances e pectados. No 2ºº, cada yde de cada se que temto ingir no p...a

Era na ultima récita de gala em S. Carlos. A tribuna real patenteava-se em todo o seu esplendor. Quando as pessoas reaes sahiam, os cortezãos dobravam a espinha dorsal em arco, até a cauda do vestido de Sua Magestade a rainha e as abas da farda de Sua Magestade el-rei desaparecerem no horisonte.

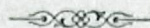
Estava a côrte n'esta faina de dobrar a espinha e de endireitar a espinha, quando de repente o binoculo de *Antonio Maria* avista um dos espelhos que adornam as paredes lateraes da tribuna. N'esse espelho reflectia-se uma imagem, e essa imagem não nos era extranha.

Vacillavamos se a deviamos ou não reproduzir. A sensibilidade da nossa alma dizia-nos que não, mas a consciencia bradava-nos que sim, como chronistas fieis, encarregados pelo leitor de lhe darmos conta de todos os successos. De mais a mais a imagem remirava-se com tanta presumpção que seria imperdoavel não a offerecer ao menos como exemplo aos que se prezam de elegantes.

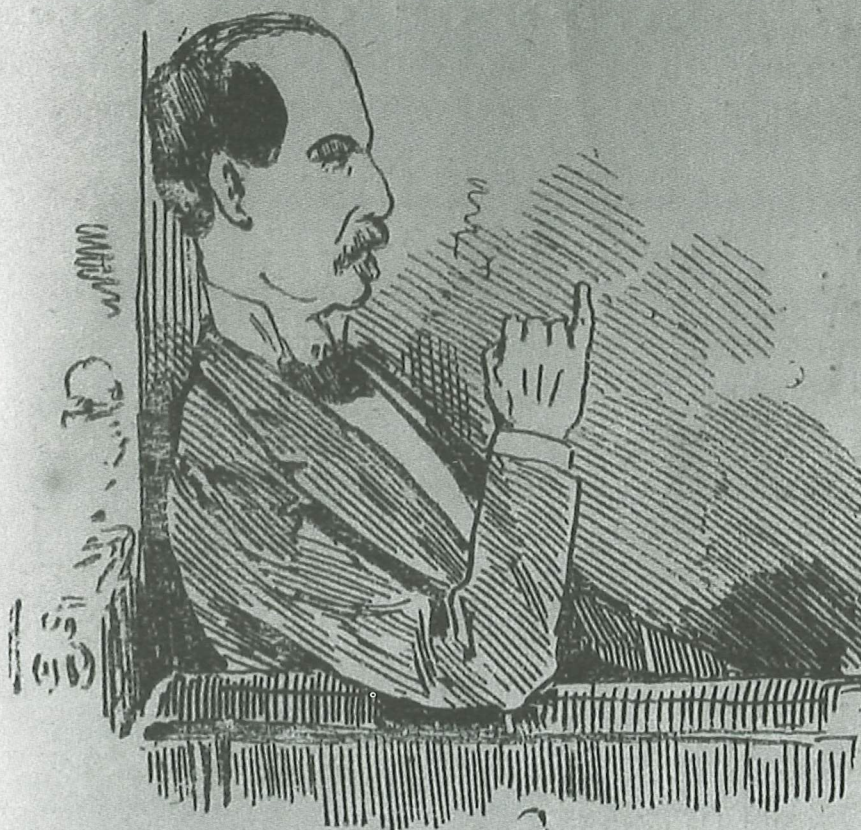


Emquanto ella se contemplava ao espelho, *Antonio Maria* já, de antemão, balbuciava:

Miras-te, e eu vélo, seductora imagem,
Grata miragem que em S. Carlos vi.
Tu vês-te ao espelho! tentação fatal!
Não é por mal que eu te desenho aqui!



ram repentinamente surprehendidos por uma extran 6
apparição que se manifestava no camarote dos ministros.



Não era o sr. Adriano do Prior, nem nenhum dos ornamentos da egreja ministerial. Era um sujeito pouco mais ou menos d'este feitio, se a memoria nos não falla.

Ouvimos chamar-lhe o advogado de *Cambronne Junior*.

Chronica da semana



Os melhores narizes de Lisboa vão em comissão comprimentar uma prima donna illustre, que os recebe cheia de reconhecimento.



Alguns admiradores ficam tristes, por não terem nariz condigno d esta solemnidade.

Depois da recepção, Minhava acaricia o jacaré, ao qual está ensinando orthographia sonica para o lançar contra a academia.

Corre com elle á mesa, e é ahí que o jacaré lançando as vista em redor

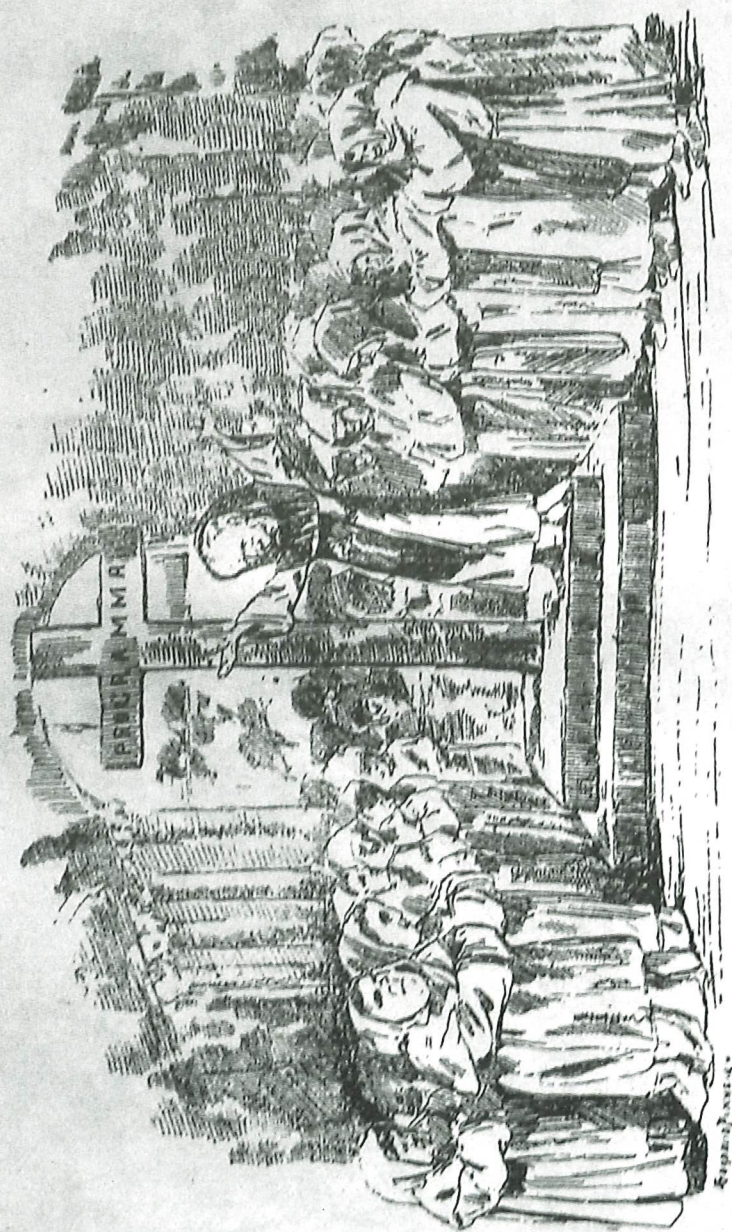


avista a Camoniana, e se atira a ella comendo-a toda d'uma vez, faminto de Lusiadas.

Minhava põe as mãos na cabeça.

Dá-lhe laxantes, e o jacaré nada de Camões!..

4.º Acto da 'Favorita'.

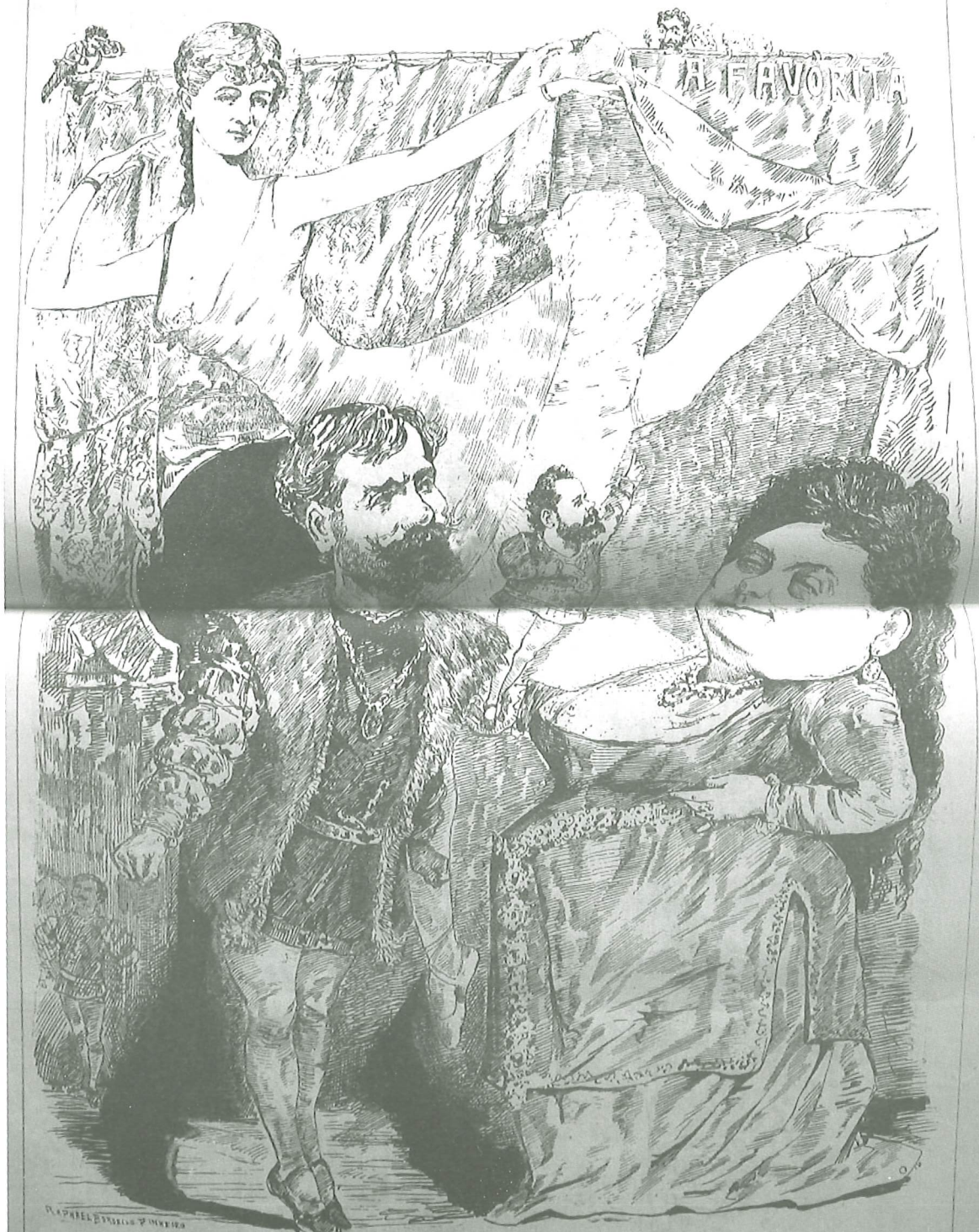


Suppõe-se que o parlamento, em janeiro, deve apresentar pouco mais ou menos o mesmo numero de conegos que a opera.

THEATRO LYRICO

PAGINA OFFERECIDA A JULIO CESAR MACHADO

9



PHILIPPO DI MARELLA

O barytono Pandolfini, com uma grande voz; o tenor Bulterici, com uma voz grande; madame Fricci, com uma voz alguma coisa mais pequena... Não formos...



Emilia, a tragica *eterna*;
Fricci, a luz de todos nós,
Encontram-se ambas e dizem:
— Então como vae de voz?

THEATRO DE S. CARLOS

Linda de Chamounix

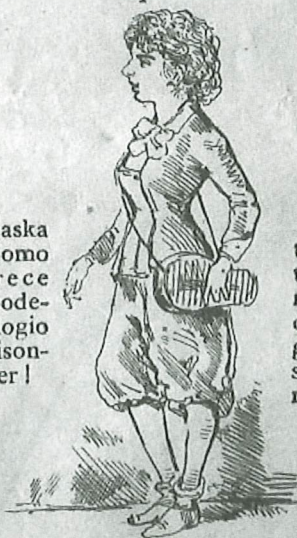
11

O tenor Gazul por fim de contas não é tão mau, com a platéa de S. Carlos o pinta.



É páosinho.

A sr.^a Proaska é bonita. Como cantora parece que não podemos fazer elogio que mais lisongeie a mulher!



Como mulher tem umas bonitas maneiras. Parece que não podemos fazer elogio que mais lisongeie a cantora.



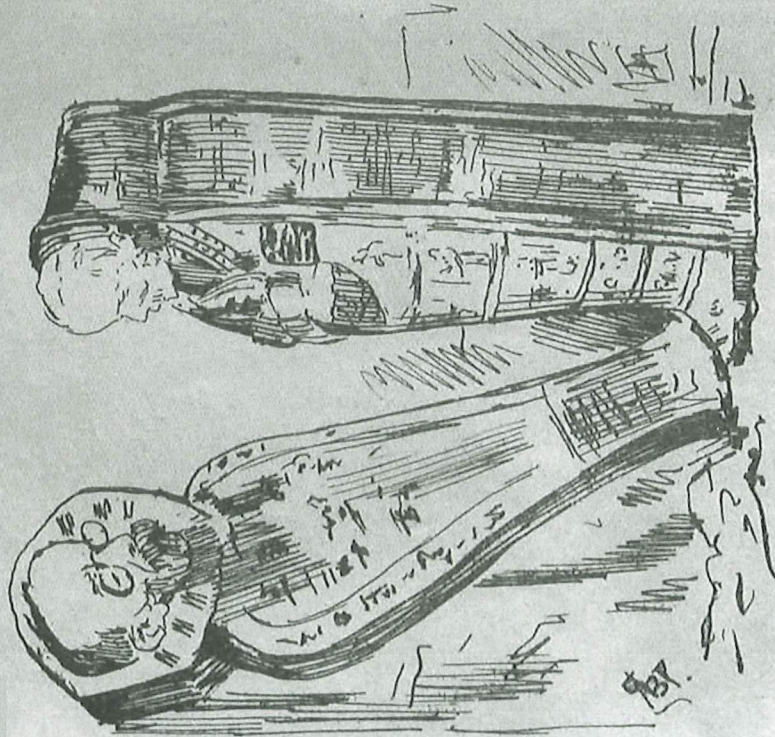
A empresa de S. Carlos, escripturando o tenor Gazul, animou de certa forma as glorias nacionaes a reclamarem consagração identica.

Justino, o bem conhecido bailarino lizo, requereu que pelo ministerio do reino se nomeasse uma commissão encarregada de examinar se elle está no caso de desempenhar o cargo de primeira bailarina, ou, não podendo ser, de primeiro bailarino.



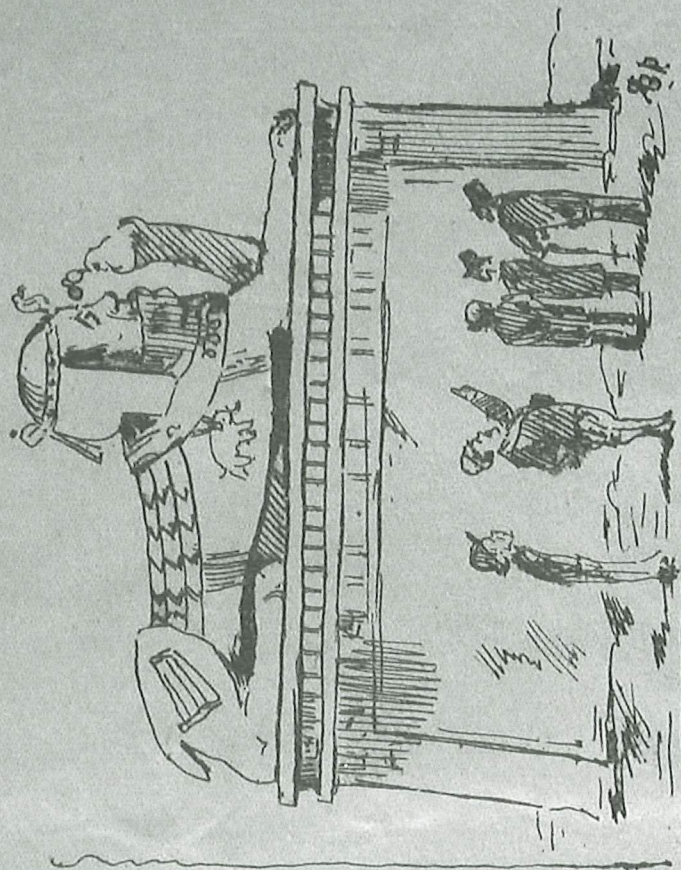
Affiança elle que, especialmente nos passos de thesoira e de parafuso, é muito melhor do que o Justino italiano, que actualmente está em S. Carlos.

A proposito da AIDA



AS MUMIAS

Prova-se que no partido regenerador o sr. Serpa é uma múmia tão bem conservada como o sr. Braamcamp.



A ESPHINJE

Entre os monumentos egypcios da politica portuguesa, a esphinge de Bolama é uma das mais impenetraveis.



RAPHAEL BOGALDO, NHFTR.

THEATRO DE S. CARLOS
Primeira representação da *Aida*.—Fantazia egypcia

O entusiasmo comunicou-se a todas as almas: «Eis, pobreza e povo.
O Antonio Maria, tocado pela voz arrebatadora de Aguiar-Naimo, resolve não a dar de perfil!

Ainda a proposito da AIDA

14

RECLAME A PROPOSITO DA TRANÇA DE M.^{me} FRICCI



— Tanto cabelo! O que fizestes?
— Puz-lhe o oleo do Egypto.

BENEFICIO DE CARLOS COHEN

LEMBRANÇA PARA UM FUTURO SCENARIO DO TERCEIRO ACTO.



O sacerdote Minhava sahindo do Nilo montado n'um jacaré.

D. MARIA II.—O Coq Hardy
Tradução litteral — O GALLO ATREVIDO

RETRATO DO GALLO



Brazão, protagonista cantou antes da meia noite.

RETRATO DA GALLINHA APOSENTADA



Está choca; não cantou antes nem depois:—cacarejou.

O QUEI LUIZ CATOGUEZE



—É pgeciso salvé a Fgança!

VARIOS PERSONAGENS DA PEÇA



Todos muito bem, muito obrigado.

UMA REMINISCENCIA DA «AIDA»



Processo para tirar ainda alguns sons da primeira tragica portugueza.

JUIZO DO «COQ-HARDY»

Pela commissão Primeiro de Dezembro na noite da 3.ª récita



KAPAL. JARDIM. INACIA.

1.º Vogal.—Que bella sonéca que eu tenho feito.
2.º Vogal.—Se nós, para nos vingarmos dos hespanhoes, fossemos representar a peça á fronteira?...



ORNA-SE urgente estudar o *dilletantismo* portuguez, debaixo do seu aspecto litterario e da banha que o cobre. É uma tarefa que aconselhamos aos phisiologistas e aos *naturalistas*, convictos de que lhe apontamos uma verdadeira mina a explorar.

No *Diario Illustrado* de terça-feira manifesta-se um d'estes *dilettanti* n'um folhe-

tim encomiastico a proposito de madame Fricci, de quem o folhetim resa o seguinte :

Que madame Fricci esteve em Lisboa *menina e moça*, desabrochando em S. Carlos no *Marino Faliero*.

Mais tarde o *dilettanti* applaudiu-a no seu *meio dia* festivo.

E agora applaude-a na creação de *Amneris*.

Aqui o *dilettante* abstem-se prudentemente de fazer rhetorica nocturna ou diurna, pois que dizendo que madame Fricci esteve cá ha muito tempo no *meio dia* festivo, seria forçado a confessar que volta agora na sua *meia noite* gloriosa.

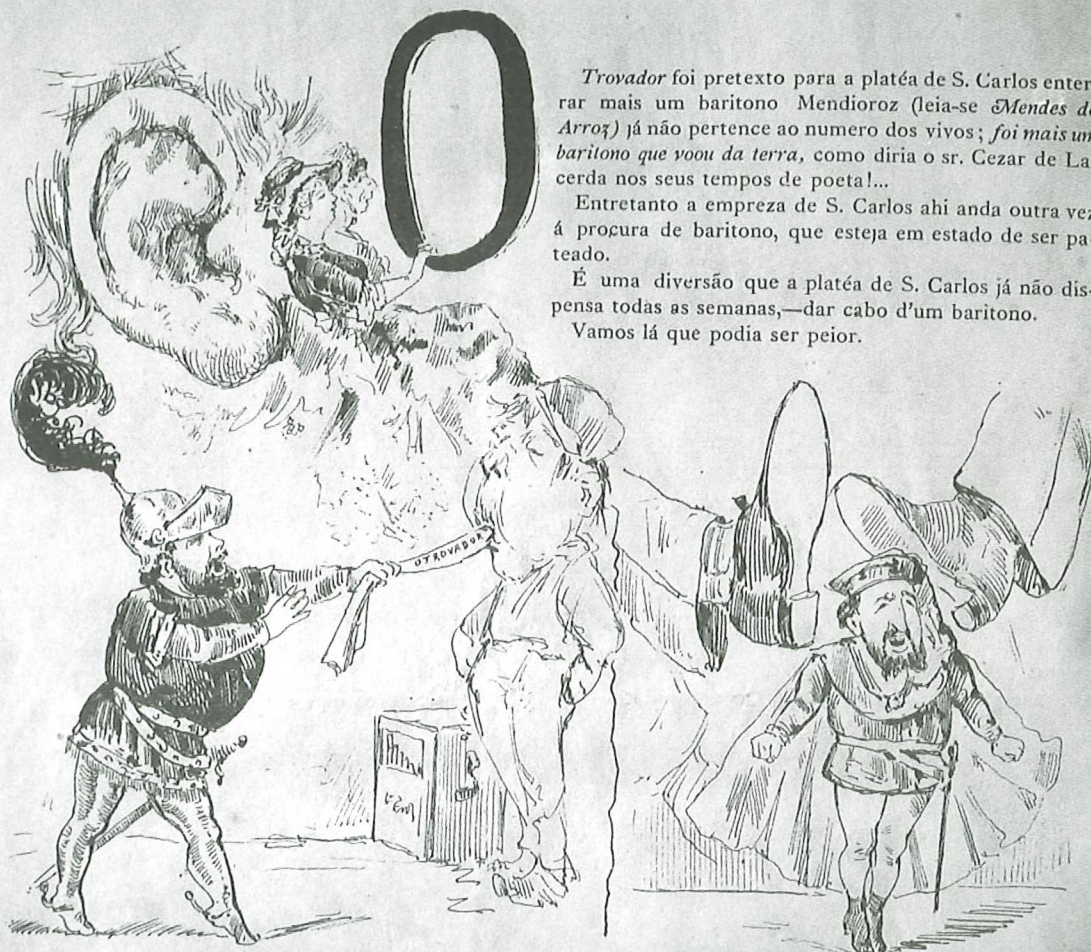
Mas um pouco mais além sustenta que Ovidio teria dito á distincta cantora uma phrase da sua *Arte de amar*: *Veteres heroidas equas*.

Isso tambem é de mais: madame Fricci é apenas contemporanea da sr.^a Pusich: querel-a tornar contemporanea de Ovidio parece-nos, pelo menos, uma falta de attenção.

Emfim, meus senhores. Estudemos o *dilettanti* portuguez debaixo dos seus variados aspectos e investiguemos a causa que dá logar ás centenas de folhetins lyricos que durante o inverno flagellam a população lisbonense.

Na França, aonde ha arte muzical, apparecem como criticos da especialidade Fetis e mais dois ou tres collegas. E a França já acha de mais.

Aqui, na platéa de S. Carlos, ha quasi um Fetis por cadeira. São quasi tantos como assentos de palhinha.



Trovador foi pretexto para a platéa de S. Carlos entrar mais um baritono Mendioroz (leia-se *Mendes do Arroz*) já não pertence ao numero dos vivos; *foi mais um baritono que voou da terra*, como diria o sr. Cezar de Lacerda nos seus tempos de poeta!...

Entretanto a empresa de S. Carlos ahi anda outra vez á procura de baritono, que esteja em estado de ser pateado.

É uma diversão que a platéa de S. Carlos já não dispensa todas as semanas,—dar cabo d'um baritono.

Vamos lá que podia ser peor.

O tenor Bulterini puxou á fieira quanto pôde a opera moída por todos os realejos e assobios do globo.

De *Mendes do Arroz* não podemos dizer *as botas lhe sejam leves*, porque na verdade lhe foram muito pesadas.



Reduzzi procurava consolal-o, dizendo-lhe que as pateadas, em os cantores se costumando a ellas, levam-se com uma perna ás costas.
— Aqui estou eu que em as não levando já estranho...



Madame Fricci, em compensação de mademoiselle Borghi-Mamo se apresentar branca, apresentou-se preta.



Grande alegria no seio do partido constituinte pelo exito que os pretos alcançam este anno em S. Carlos.



Foi uma revelação profunda para o *Antonio Maria* a nova metamorphose da prima-dona Erminia Borghi Mamo! Pois que *Leonor*? és tu a *Selika* da *Africana*?... és tu a celeste e preta *Aida*?...

— Sou isso de quando em quando — diz ella — mas agora abjurei; fiz-me branca !..

— *Molto bene. Mai più di naço.*



Theatro lyrico — O POLIUTO

O tenor Tamagno tem uma voz immensa como elle, e grande como o seu nome. No dueto com a Borghi Mamo todos os espectadores se julgaram no paraizo, excepto os do *paraizo*, que se julgaram na superior.

N.B. Alguns criticos affirmam que Tamagno canta um pouco pelo nariz; se assim é, cantando elle tão bem, deve forçosamente cantar pelo nariz da Borghi-Mamo.



Constipação lyrica dividida em duas partes. A empresa serviu a missa como um xaropê, mas a larynge do tenor mostrou-se rebelde a todas as tentativas.

Missa do gallo para as familias e de gallinha para as bailarinas que a ouvem dos camarotes.

Pede-se ao sr. baixo que não torne a cantar senão de casaca, ainda que tenha de ser sacerdote no *Poliuto*. A sua corda de voz ageita-se muito melhor aos trajes profanos.

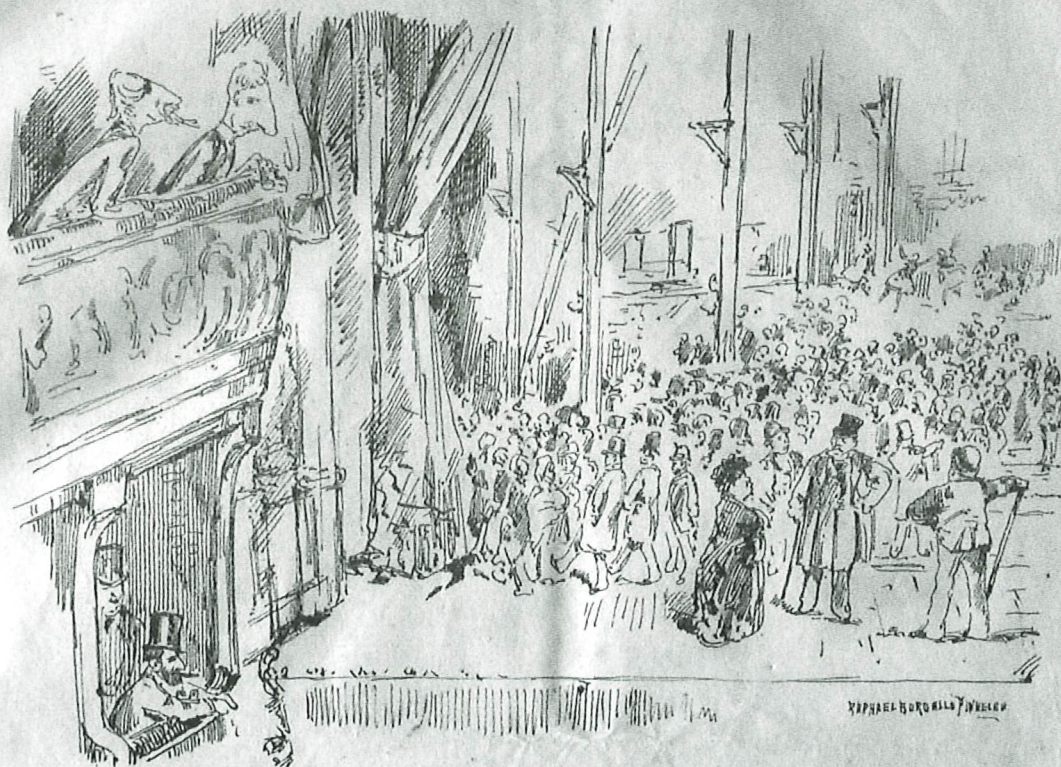
Na primeira parte um corista cantou de chinô, na segunda recantou calvo. Ignora-se se isto é reclame a cabelleiro, ou a pomada para fazer cair o cabelo.

THEATRO LYRICO — O Trovador



O novo barytono Lailani sopra as notas com tanta força, que apaga as luzes, apagando a propria reputação do barytono Reduzzi, e causando bronchites em vez de causar enthusiasmo.

Os antigos *dilettanti* apunham pela vez primeira uma constipação produzida pela musica!



Os príncipes portugueses não tendo nada que fazer em sua casa, e julgando os *tres setes* e o *gamão* entretenimentos indignos de pessoas reinantes, resolvem *reinar* com os artistas de S. Carlos, indo assistir aos ensaios.

As quinzenas dos *comparsas* sentem-se vexadas em presença dos altos personagens, e a empresa para cohonestar a presença dos magestosos e serenísimos visitantes, pensa em oferecer o lugar de ensaiador de coros a um e o lugar de cabo de coristas a outro.

LE PORTUGAL A VOL D'OISEAU

M.^{me} Rattazzi declara no seu livro que o sr. Fontes é um grande cantor.



canto dos que adoram os cantores caros!...



ADAME Rattazzi diz no seu livro que o maior prazer d'uma dama portugueza é vestir uma saia verde, pôr um chale vermelho, cobrir-se com um chapéu amarello e espanejar-se, enfeitada com estas galas alucinantes, ao sol do Passeio Publico!

Que pese aos nossos sentimentos patrióticos, devemos confessar que este traço é copiado do natural em face do Passeio

Publico, nas tardes dos dias santificados!

Ha muito que nós do fundo d'alma pediamos para tantos horrores o fogo do céu. Pois bem, elles ahi chegam agora no livro da princeza, que a sr.^a D. Guiomar Torrezão vae traduzir para castigo dos culpados.

Ei dezoa do engenho e arte nocional, cumpre-nos fazer ao estimado *Tam-tam* do Porto, a seguinte observação:

Annunciando o paesado collega, que vae encetar a publicação de caricaturas gravadas em zinco e feitas pelo processo da photo-zincogravura, ensaiado recentemente em Paris, devemos notar que ha muito tempo elle é ensaiado em Lisboa.

O *Antonio Maria*, por exemplo, desde o seu primeiro numero, dá os seus desenhos gravados em zinco, com excepção d'alguns numeros lytographados, em razão de ter adoecido o artista encarregado de tão delicado trabalho.

O melhor é que alguns jornaes de Lisboa repetiram a

noticia do *Tam-tam*, o que nos dá a idéa de que os collegas a respeito de zincogravura e seus correlativos, estão tão adiantados como os nossos avós.

E todavia o nosso zincographo ainda a noite passada se levantou á meia noite para dar a tempo os trabalhos para este numero!...

Theatro do Gymnasio

No *Processo Lerouge* Antonio Pedro apresenta, como sempre, um bello typo. Recommenda-se esta peça em especial aos srs. juizes, escrivães, delegados, procuradores, fiéis de feitos, criminosos, e a todas as pessoas em fim que se interessam pelo andamento dos processos, tanto na Boa-Hora, como fóra d'ella.



Quem gostar das commoções com muitos lances por acto, vá ao Gymnasio.

Theatro do Principe Real

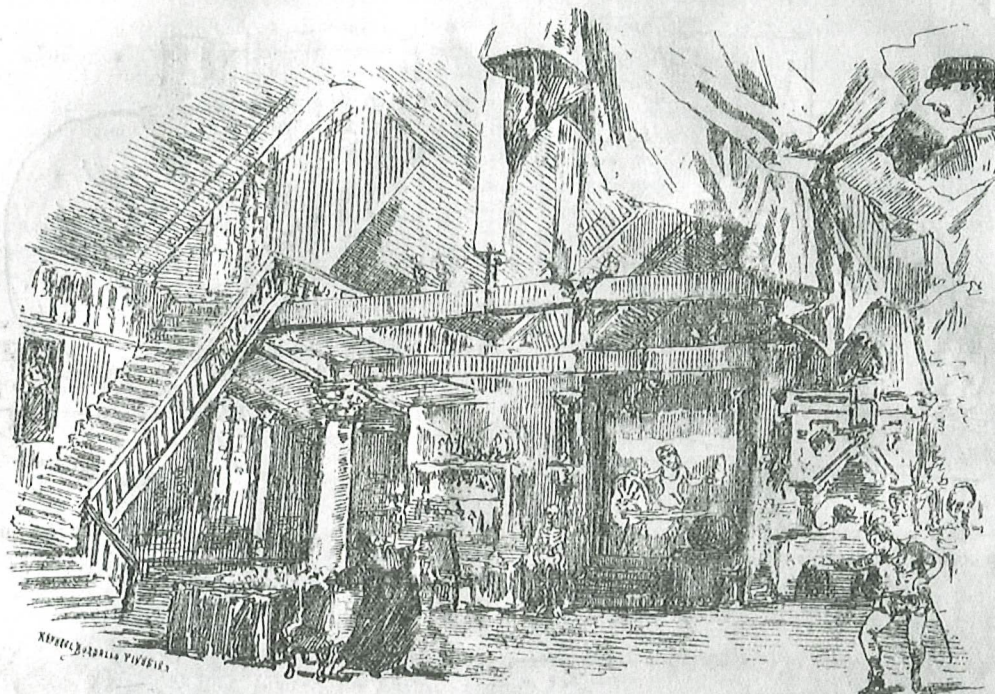
Eis a concepção que o guarda-roupa do Principe Real tem da figura do caricaturista do *Antonio Maria*.

É assim!

Palavra que é a caricatura que mais nos tem feito rir.

Em paga das charges arremessadas sobre tantos desgraçados, eis a fôrma por que um trocista anonymo sabe vingar as nossas victimas.





A scena do 1.º acto, alegre mas pouco mysteriosa. Parece um *chalet* feito d'encomenda para o sr. Fausto... Guedes, antes de ser visconde de Valmor.

Entretanto o sr. Fausto Bulterini patenteou aos espectadores, além d' um bigode effectivo e outro supranumerario, uma gordura que realmente nos socegava a respeito do estado *interessante* das penas do seu coração.

Vê-se que em S. Carlos as transformações á vista não são feitas em virtude de sortilegios diabolicos, mas sim com o auxilio das mãos do sr. Paccini, que surgem das profundas dos infernos, a puxar pelas vestimentas.



No *Fausto* o sr. Bulterini, depois de transformado, manifestou-se puro *pão-sinho*!



Reduzzi, o cantor legendario, lá appareceu em cima do banco em que tinha ficado empoleirado na epocha passada, a cantar a sua aria do segundo acto.

E o côro dos velhos, manifestou desafinações novas e trajos extremamente velhos.



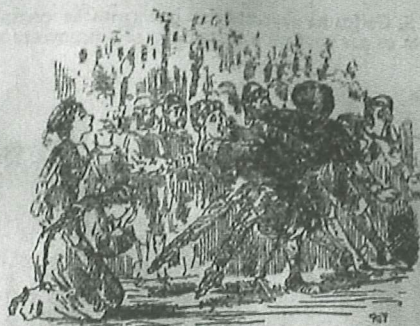
*Parlatele d'amore
O care pore*

A empresa descobriu enfim uma cantora que tem um nome em harmonia com o methodo do canto: — é a sr.^a Marra.



À prima dona Borghi-Mamo é offerecido um ramo que é trazido a pau e corda para a scena.

Margarida estremece à claridade d'uma lua cheia de tremel'ques, e que faz vontade de reprovár o sr. Paccini em luas, como já no *Propheta* tinha sido reprovado em soes.



O barytono quando expira faz um gesto que justifica a bem conhecida phrase — esticar o pernil.

Tanto o *estica* que prega com dois coristas no chão.



O baixo Dondi canta a serenata do 4.º acto satisfactoriamente; entretanto alguma porção de publico resolve exprimir juizo desfavoravel por meio d'um raciocinio que se costuma calçar por cima das meias.



O baritono Laloni apparece quasi preto, o que nos faz suppor que esteve metido na carvoeira na noite da *rusga*.



Pãozinho corre afflicto atraz de Mephistopheles, atim de que elle não lhe seduza a Martha, e se vá tudo quanto Martha... desalinou.

Recommenda-se a cara de Martha á sociedade de geographia—como mappa.

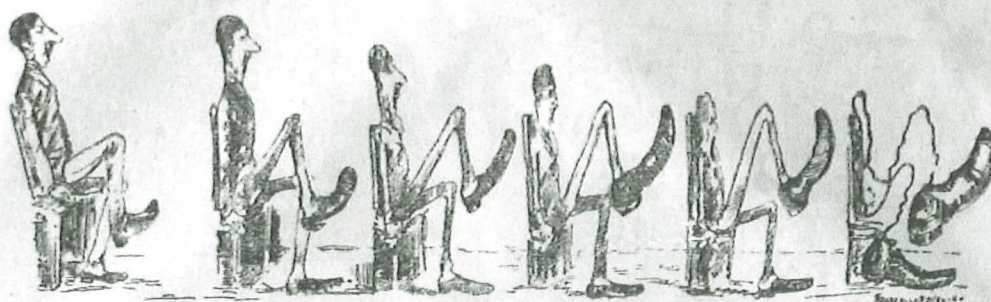


As coristas que no *Propheta* tinham desmaiado para um lado,



No *Fausto*, por causa da symetria, cahem para o outro.

Em S. Carlos ha espectadores que tanto se compenetraram do seu papel de *dilettanti* pedestres, que na força bater com os pés chegam a manifestar-se unicamente sob o aspecto de botas.



Começam a diminuir — e os pés a crescer, a crescer, a crescer, ficando assim!... Só botas e nada mais!

Acontecimentos da semana



Esteve em Lisboa o sr. Vilhena, redactor do *Campeão das Províncias d'Aveiro*. Bonito collo! A Casa Havaneza estremeceu d'entusiasmo ao vel-o, e o Valentim, que não tem pescoço, olhou com inveja o do *Campeão*.

Pedimos a este collo do Vouga que não venha a Lisboa fazer mais victimas!

No *Segredo de Miss Aurora* os espectros do ultimo acto portaram-se d'uma forma indigna de almas do outro mundo. No fim do espectáculo o secretario da empresa pegoun'elles e foi archival-os, para memoria.

A actriz Anna Pereira teve muitos pedidos para emprestar as barrigas das pernas para o baile do paço.

ANJOS E DEMONIOS



Typo d uma dilettanti do theatro lyrico e das sessões parlamentares.



A sr.^a Chini, novo Siebel do Fausto.
N. B. — A sr.^a Chini podia ser mais chinesa do que é.



A interessante Moriones trajando de Cupido e seguida por um anjo de barretina na nova zarzuela *O Destino do Amor*.



INTERMEDIOS POLITICOS E THEATRAES



O sr. marquez de Vallada tanto tem sollicitado na camara alta o assento do sr. Pereira de Miranda, que o illustre deputado resolveu tomal-o por estes dias. Parabens ao digno par.

M.^{me} Fricci despediu-se de S. Carlos no meio de ruidosos applausos.

Fazemos votos para que a illustre prima-dona encontre na Italia, de perfeita saude, a sua voz e o seu esposo, — que d'esta vez a não acompanharam.

THEATRO DE CARLOS
OS HUNGAROS



A Borgia-Nunco, sublima a ponto de varios espectadores applaudirem o proprio pae. A Gargano excedendo a si mesmo, faz a si mesmo, e quasi sem-lhe, com excepção d'uma boa de pomada de de cada-
nha. As botas da sr.ª Clina, mecos lustrados, mas fazendo concorrência com as dos espectadores, que a fizeram
da Fonseca em varias edições. Um dos frades da confraria parecia o sr. visconde que faz de ser par. Os dois retratados
Dallón.

O sr. ministro da fazenda applaude tanto que se diria estar resolvido a lançar um imposto na voz do sr. Tan-

Feita no «Diário do Commercio» pelo sr. P. C. P.



O sr. Primo, com a musa inspiradora na cabeça, pensou e escreveu o que vae escripto ao lado.



E depois de pensar e escrever, o nosso Primo applaudiu.



O sr. P. C. P. é o pseudonymo do sr. Primo da Costa, segundo corre em S. Carlos.

«O sr. Tamagno foi bastante applaudido, quando cantou a romança *Bianca al par* não obstante alguns pequenos lapsos. O sr. Dondi foi um perfeito artista nas canções da Rochella, quando com tanta saudade recordava os seus tempos do celebre cerco, em que os protestantes foram vencidos pelo sombrio Richelieu.

No segundo acto sobre maneira se distinguiu a senhora Gargano, que cantou com muito mimo, correcção e graça, alcançando n'esta peça a maior das suas corôas d'este anno, (note-se que não falla nas corôas do anno passado) pois mestrando-se perfeitissima na *Traviata*, e cantando muito regularmente na *Linda*, na *Lucia*, no *Rigoletto*, excedeu todos os creditos n'este segundo acto. Conhecia-se que cantava sem esforço, e as notas soltavam-se-lhe com a maior naturalidade. Certamente com o papel de Margarida se coaduna a sua corda vocal, pois mereceu geral agrado e sympathia já na aria *O vago suol de la Tuena*, já no terceto com as senhoras Chini e Mari, já no canticco *sotto il uno impero*, em que foi muito applaudida, já no duetto com o sr. Tamburline, em que colheu altos applausos.

A scena do juramento foi brilhantemente cantada por todos e por extremo applaudida, tendo muitos bravos o intelligente regente da orchestra o sr. Kuon.

As honras da noite pertenceram *par droit de conquete* a sr.^a Borghi-Mamo, que mais uma vez dominou todos os ouvidos com a ineffável belleza da sua voz e com a impecável correcção, de que nem um só momento se afasta.

Recebida com as sympathias e esperanças que os amadores esperavam ao recordarem-se de sua mãe, estreitou-se em Lisboa na *Africana* em que logo se mostrou á altura dos enormes e justos creditos, que a precediam; elevou-se muito mais na *Aida*, em que maravilhou o publico, até que exhibiu a primeira vez o seu rosto insinuante e formosissimo de todas as bellezas da mocidade no *Trovador*, colhendo ovações freneticas no *Pollin*to e no *Fausto* até a vermos nos *Huguenotes*, em que já nos não podia surpreender, porque como dama de *primo-castello*, que é, está sempre no agigantado piano de tudo o que é mais alto e grandioso na arte.



E veio confessar para o theatro o folhetim que praticou.



Os criticos curvam-se todos deante d'elle!

A nossa humilde opinião (em estylo brasileiro) é que quem não fôr do parecer de vossê, seu Primo, é maçom arrepublikano, que abocaja as primas-donas *di castello*, e deve ser enforcado, porque não é brinquedo a bocage que um home bota nas primas-donas *di castello*.

O que vossê escreveu, seu Primo, está direito.

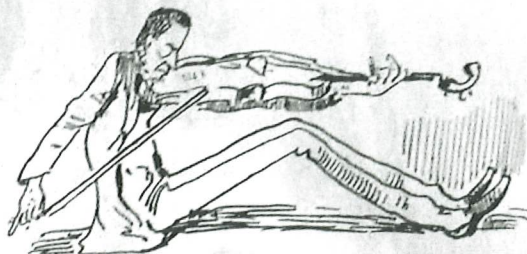


A VIOLA D'AMOR

(Emprestada por Sua Magestade para o 1.º acto dos Huguenotes)



Duas Damas das Camélias tocam viola defronte do sr. Barros Gomes, para que s. ex.ª lhes não lance imposto de rendimento.



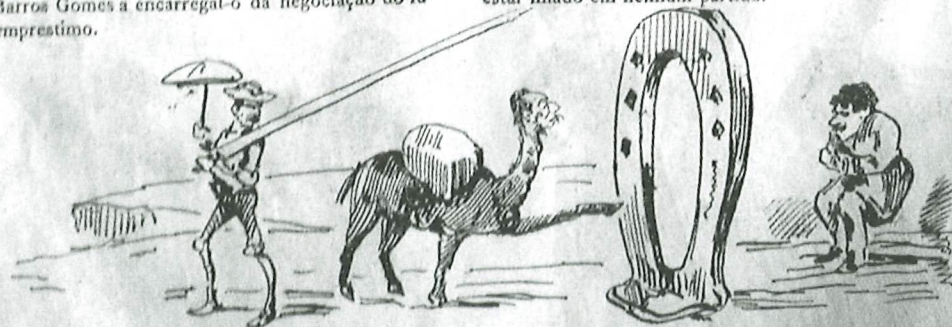
O Dr. Pedro Penedo toca-a, para que Deus Nosso Senhor lhe conceda na camara outro penedo a que se encoste.



Um capitalista toca da sua varanda, afim de convencer o sr. Barros Gomes a encarregal-o da negociação do futuro empréstimo.



E o sr. Manuel Vaz, para que a providencia affugente um besouro preto, que costuma tomar assento na camara quando s. ex.ª falla, intromettendo-se na politica, sem estar filiado em nenhum partido.



'O DIARIO ILLUSTRADO' DIZENDO QUE NÓS LHE DEMOS "DOIS COICES" QUIZ PROVAR, SEM FUNDAMENTO, QUE DESEJAMOS TROCAR UM APERTO DE MÃO COMO SEU "CAMELLO"

A redacção do *Antonio Maria*, pensando bem no caso e reflectindo nas circumstancias, resolve pôr á margem o noticiario Alberto Pimentel, visto ser demasiada gloria dar-lhe a honra da caricatura nas paginas reservadas a assumptos mais selectos. — Á margem.

MIS-EN-SCENE LEGISLATIVO



Condução dos elementos religiosos necessários para na camara dos dignos *impares* ser votado o real d'agua, com a benção do senhor patriarcha.

OS PATEADOS DA SEMANA



O «BAILE DE MASCARAS»

A sr.^a Christophani, o sr. barytono, o sr. tenor e os còros, foram *tres* pessoas distintas e uma desafinação verdadeira.

O QUE É



RAPHAEL BORDABERRY.

Continuam todos debaixo da capa. A mesma albarda em cima das mesmas costas.

O QUE PÔDE SER



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

O Zé-Povinho transforma-se em Povo, atirando com os aparelhos ao ar.

N. B. — Esta pagina não é dedicada aos frequentadores de S. Carlos.

OS PATEADOS DA SEMANA

O «BAILE DE MASCARAS»



A sr.^a Reynel, vulgarmente conhecida pelo nome de Ramella, foi' um pagem extremamente cordato, tanto pelas suas virtudes como pelas suas meias d'algodão — á frederica, como disse um critico.
Como pagem não deu o dó do peito nem ha de dar, talvez, a mão d'esposa a ninguém.



A orchestra manteve dignamente as antigas tradições do Zê-Pereira. O *mis-en-scène* digno da phantasia do sr. Pacini, que achou meio de pôr o retrato de D. João V a presidir áquelle baile digno do antigo Price.



O sr. Christophani de Bolama, centindo pateada na galeria, põe o chapéu na cabeça e vae com a sua collega de S. Carlos propôr a rescisão da escriptura aos respectivos *Emprezaes*.

OS FIASCOS DA SEMANA

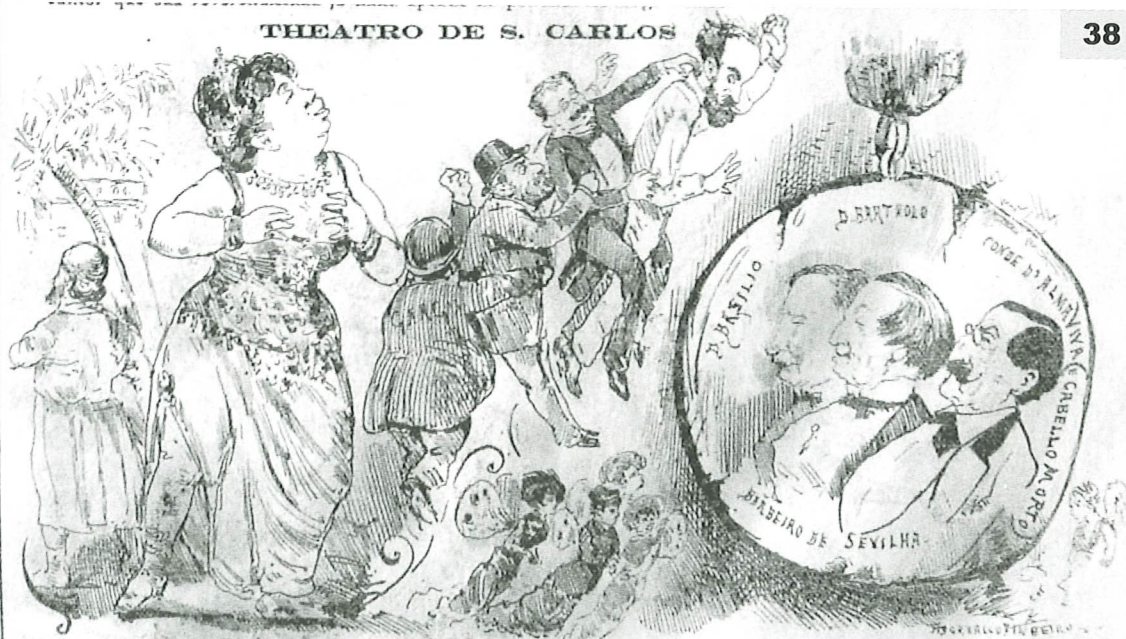


O sr. duque d'Avila e Bolama, para esconjurar as pateadas, resolve fazer um convenio com a empresa de S. Carlos, afim da sr.^a Cristophani presidir ás sessões da camara dos pares e elle cantar o *Baile de mascarar*.

Depois da pateada



Sahida do nobre duque, acompanhado do seu partido, prompto a amparal-o na queda. O partido visto de frente e visto pelas costas, ao passar no Largo das Duas Egrejas.



A sr. Biancolini na "Aida".

Amneris canta com umas botas romanas e voz de gallo de crista romana, mas bem. Os maridos e paes das cantoras agarram-se ao empresario, que se vê allicto com exigencias, promettendo que para o anno ha de recompensar os que estiverem quictos com uma medalha em que figurem as effigies dos tres mais assíduos *dilettanti* da superior.

Aspecto da camara dos deputados na sessão nocturna
de 23 para 24 de março

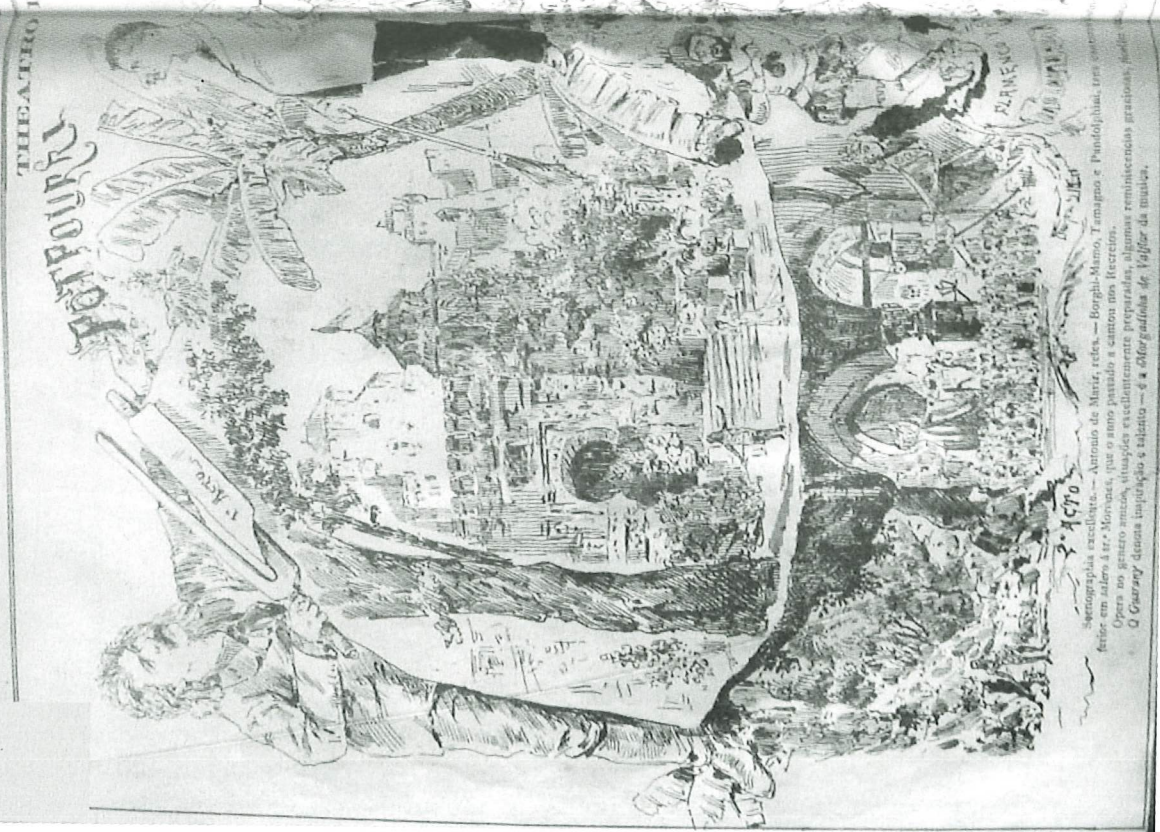


São 4 da manhã. O sr. Arrobos falla, e os *ouvidores* dormem. A camara aconchega-se, resonando, nas bancadas: os continuos, por causa do frio lançam-lhe capachos por cima. Ao longe ouve-se o pregão dos leiteiros. O sr. Pedro Penedo manda comprar 10 réis de fava rica para a *socega*, e entretanto o sr. Arrobos continua a fallar! Chama-se a isto o... *yimpão* da madrugada. O tigre está furo!

O maestro Carlos Gomes, auctor do «Guarany», em Lisboa



O *maestro* sahe do paquete, vae a S. Carlos, applaude a orchestra, embarca, e faz-se de vela.
O *dilettanti* brasileiro, Nicolau, faz-lhe as honras do paiz, e fica saudoso em terra, dizendo o ultimo adeus ás botas e á cabelleira do *maestro*, que desaparece ao longe.



UMA REMINISCENCIA DA SEMANA SANTA



O sr. Padre Luiz José Dias proclama do pulpito da Encarnação esta verdade theologica :
 «A civilização aufere-se pelas philarmonicas e pelas en-
 sas altas.»

UM DUETO DE CAVAQUINHO



Cecy canta no *Guarany* a ballada do 2.º acto — *Cera uma volta um principe.*

Ao *Antonio Maria* parece estar vendo do outro lado um rei proscripto respondendo a taes queixumes ao som do cavaquinho.

A DERRÓCADA FINAL DO «GUARANY»



As muralhas, negando-se a cair, obrigam o sr. Pacim a vir á scena com uma bengala fazel-as entrar no cumprimento dos seus deveres.

PRENDAS DOS SELVAGENS



No 3.º acto do *Guarany* apparece uma banda marcial de selvagens, tocando por musica. Grande regosio entre os pelles vermelhas constituídos em philarmonicas nacionaes.

A SETA RECALCITRANTE



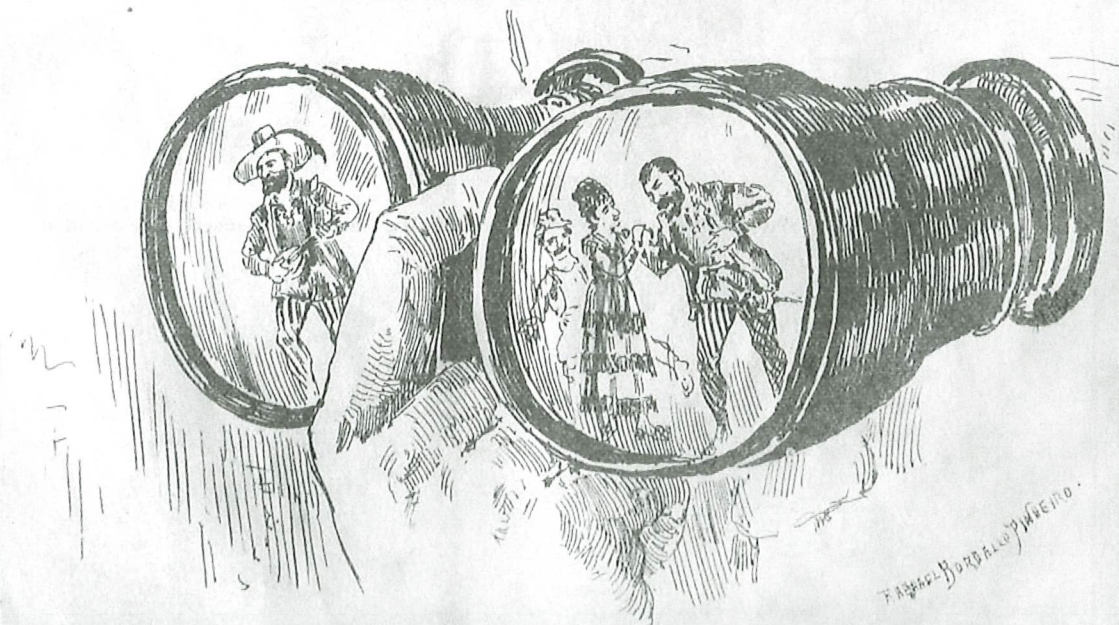
No 2.º acto do *Guarany*, a flecha que deve furar o braço de Gonçalez, não calculando a altura, fura um bas-tidor.

O sr. Pacini, de dentro, inflige na flecha uma repre-hensão severa.

A tribu dos Aymorés parlamentares



A camara preparada depois da ordem do dia para o 3.º acto do *Guarany*. O *poder occulto* dirige a manobra na sua qualidade de Pacini legislativo.

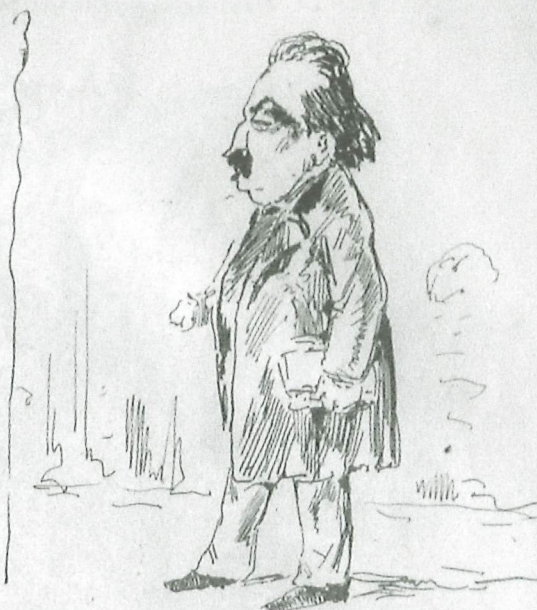


Beneficio de Pandolphini. A serenata do *D. João*, de Mozart, e o duetto do 2.º acto. Reduzzi alegre por se ver pela primeira vez noivo d'uma prima-dona *di cartello*, elle que as mais vezes é apenas tio!..
Bravo, muito bem!...

Parallelos theatraes e parlamentares



O sr. tenor Villa (género pãosinho) quando canta, parece o sr. Laranjo quando falla.



O sr. Laranjo quando falla, parece o sr. Villa quando canta.

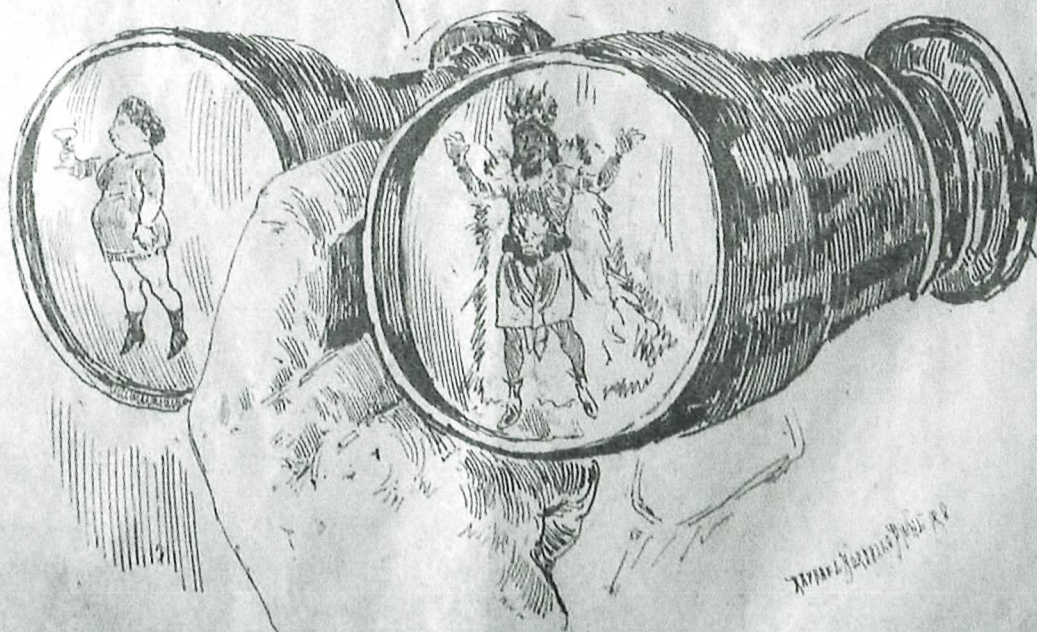
Parallelos parlamentares e theatraes



O sr. Fontes soprou prudentemente, n'uma das ultimas sessões, a chama que já começava a abraçar o sr. Vaz Preto, evitando que o incendio se communicasse ao sr. José Luciano.

Viu-se, da mesma fórma, o sr. Reduzzi em S. Carlos, na *Lucrecia Borgia*, soprando as luzes no ultimo acto, afim de dar verosimilhança á situação, depois dos outros convivas lhe dizerem : — *Hespanol no bebe?*

O binoculo do ANTONIO MARIA



Na ultima semana vimos a prima-dona Biancolini, depois de *emmagrecida* convenientemente, fazendo o papel de Maíto Orsini na *Lucrecia Borgia*.

Avistámos o sr. Tamburlini, fazendo, por incommodo de saude de Pandolphini, o Cacique no *Guarany*, arrastando uma pelle com a magestade com que se costuma, arrastar um capacho — como a referida pelle parece.

(19 DE ABRIL 1880)



A ovação tocou as raías do delirio. Houve de tudo, desde a pulseira de brilhantes até ao lencinho d'algodão acenando das torrinhãs; e quando ella cantou a *malagueña*:

Tan solo una cosa os pido,
Al ausentar-me d'aqui
Y es que como yo en vosotros,
Penseis vosotros en mi.

O *commendatore* Brito correu com papel e tinta, aproveitando-se da commoção da prima dona para ella assignar a escriptura.

Paccini mereceu os maiores louvores por ter preparado o throno de confeitaria onde appareceram os brindes no 3.º acto. Parecia uma festa de quinta-feira d'endoeças!

Muito mimosa a corôa formada de flores naturaes e flores artificiaes, symbolo do *meio soprano*, como explicava o *dilettanti* que a offereceu. As flores articiaes estavam tão bem feitas que até principiaram a murchar por engano. — pensando que ellas é que eram as verdadeiras!

THEATRO LYRICO

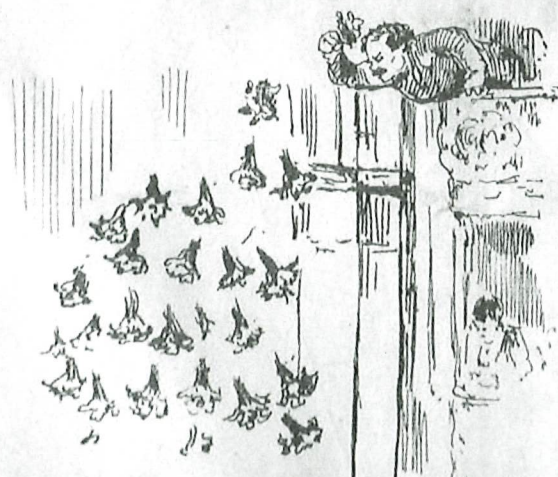
A RÉCITA DO "TROVADOR"



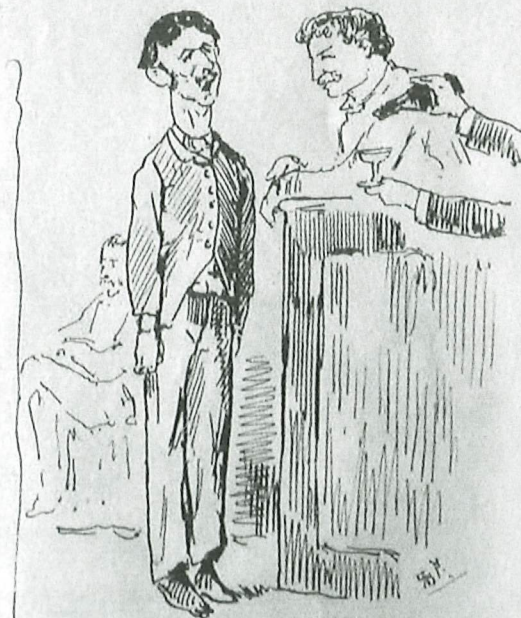
O tenor Tamagno canta o *Corro a salvar-te*, sobraçando um bouquet do tamanho d'elle, enfeitado com as côres nacionaes. Não se sabe se o *Corro a salvar-te* se refere á mãe, se ao paiz symbolisado nas referidas côres.



Tamagno agradece cingindo na cabeça a corôa de prata offerecida pelos seus admiradores, como quem tenciona usal-a como barrete de dormir.

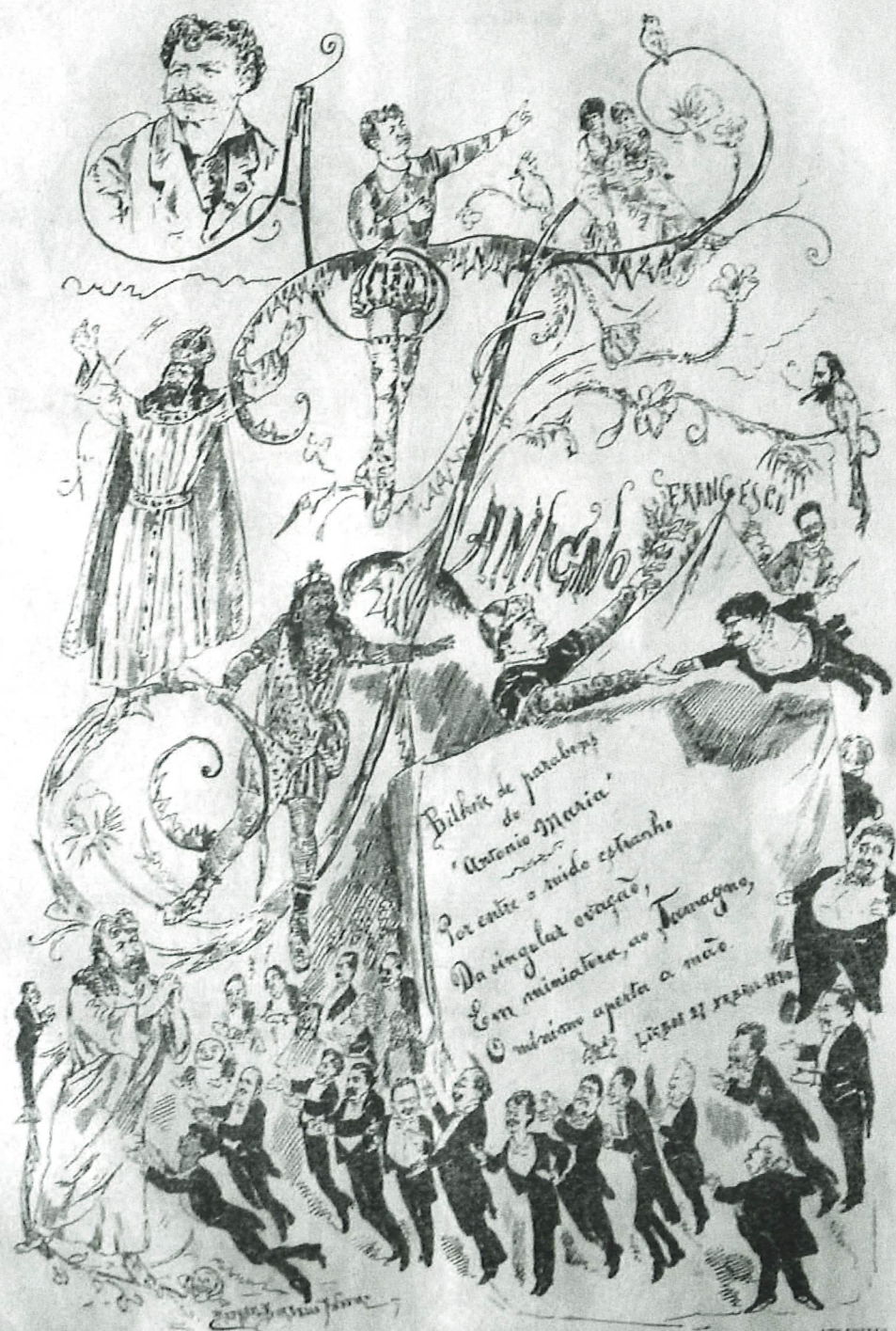


O Napoleão de S. Carlos arroja das torrinhinhas sobre o beneficiado 2:500 bouquets. Atira-os com a ancia de quem atira pedras, e a sua maior gloria seria partir a cabeça a um tenor!



Á hora da ceia apparece um *reporter* inglez, que, em vez de tomar notas, toma vinho do Porto, acabando por ensinar ao Tamagno como se canta o — *God save the Queen*.

Festa artistica do tenor Tamagno



(Bilhete arrebanhado das torrinhas, na força de vários exemplares, e reproduzido em atenção aos leitores extra-lyricos.)

PARALELLOS POLITICO-THEATRAES



O sr deputado José Luiz Dias substitue perfeitamente a sr^a Chini nos *divertissements* de S. Carlos. O caso é elle querer executar a dança das ligas. Demonstra-se.

O tenor Tamagno parte, levando um pigarro nacional adquirido á sombra do *cache-nez* do senhor de Bolama. Que bello seria se um levasse o *cache-nez* e o outro ficasse com a voz!

PARTIDA DA BORGHI

50

(O astro desaparece no horisonte, acompanhado por seu pae D. Miquelino.)



Para nos consolar fica-nos o saleroso Barros, que já na noite da despedida, em S. Carlos, foi visto n'uma friza ensaiando graciosamente os meneios do leque.

A abertura de S. Carlos
O Trovador



Em S. Carlos o sr. ministro da fazenda, sob o nome de Mademoiselle Synnerberg, faz de cigana. E ao que leva o excesso do espirito financeiro!



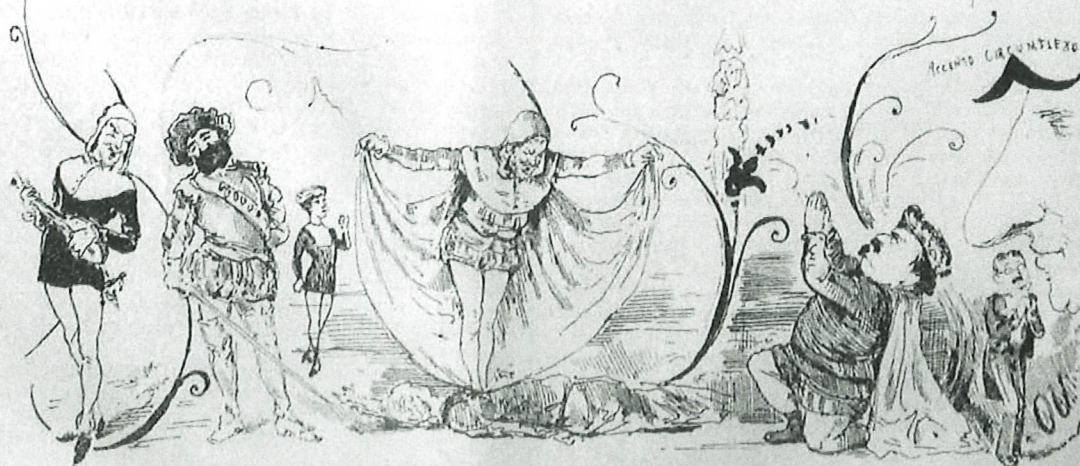
Um salame aceita o papel de Manrique.



Madame Carla Serena disfruta este espectáculo.



Queres mais jolas, doutor?... Aqui tens 18:000 contos emprestados. Dá cá mais um recibo, uma commenda e os juros.



S. Carlos. Os Faustos



O verdadeiro Fausto.

Que se não confunda
com este!

Nem com este.

Nem com aquelle.



Nem com est'outro



Nem com aquel'outro



Nem com isto

Quando elle aperta o
figado sae-lhe o d'ó.

Ao contrario d'outros a quem não sae nada.

S. Carlos

A MARTHA



A SEMANA MUSICAL

Concerto Nelly-Marzi

Terrível luta de um picador com o seu oboé.

Primeiro es-
forço.Segundo es-
forço.Terceiro es-
forço.Quarto esfor-
ço. E nada.Da parte da
dama eguaes es-
forços.

Primeiro.

Segundo.

Terceiro.

Quarto.

Constáta-se a-
nal que o oboé
tem dentro um
pinçel.Não o terá
tambem a voz
da dama?

SERÁ ELLE?

Terminada a
luta o picador
retira do campo
montado no ins-
trumento do cri-
me.

SERÁ ELLE?

Passando-se da esphera das hypotheses para o terreno da investigação experimental, conseguiu-se finalmente descobrir que o Alviella não corria nos canos d'esgoto, porque os canos d'esgoto estão intupidos de immundicia.

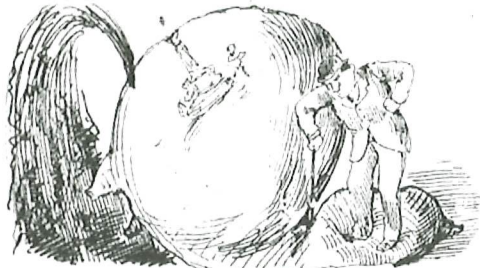
A cidade portanto não tem canalisação. Tem tumescencias, tem bolhas, tem abcessos.



Lisboa inteira é um immenso furunculo de sujidade.



Dizia-se que estavam sobre um vulcão. Pêta! Nós estamos mas é em cima de um ôdre, dentro do qual se despejou uma latrina.



Se carregarmos um bocadinho com a bengala no chão, o Rocio estoira como uma hexiga. É conveniente pois que não carreguemos nas ruas.



Não carreguemos!



Em quanto o Celyseu transbordava de gente para ver os Cavallinhos,



S. Carlos tinha trezentos ouvintes para escutar Saint-Saens, um artista cujo talento, unico, enche de admiração o mundo e só em Lisboa não consegue encher de espectadores dez camarotes.

Pedimos aos nossos dilettanti que não falem no concerto proximo porque, em vez de interpretar Beethoven,



Saint-Saens promette forrar um arco de pipa com o papel de uma symphonie, e furar esse arco n'uma cambalhota. Vão cêdo se quizerem apanhar logar!



A' empresa aconselhamos que em vez de escripturar artistas de tal ordem, escripture simplesmente alguns burros sabios. Ha um conservatorio d'elles na Academia das Bellas Artes, rua de S. Francisco.



Delguin Fedes lá está fresquinho. Chegou ha tres dias. Vem mais sabio.



Os veranitos de S. Martinho



HUGUENOTES



V. Ex.^a creio que se esqueceu... Vem sem gravata!



Nos Huguenotes a princeza mostrou ao publico que era da ordem da Jarreteira, com más insignias.



Nos corredores, abuso da batuta da parte de dois maestros.



MUITO CORPO E POUCA PENA

MUITA PENA E POUCO CORPO

Notavel caso de insensibilidade nos membros locomotores d'uma artista.

XAVIER DO R. B. L. M. V. M. S.

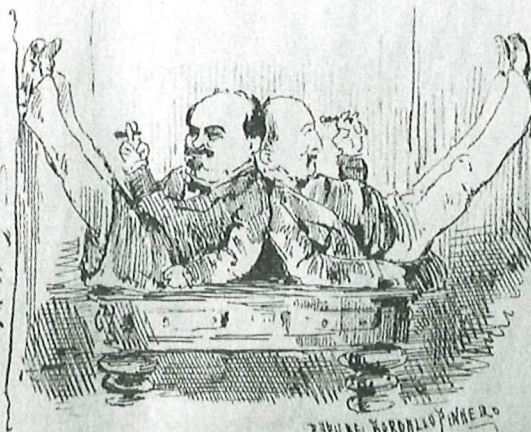
Theatro de S. Carlos



Serobicos massaricos, quem vos deu tamanhos
bicos?



Segundo o Sr. Lermína é assim que se conversa em Paris.



Não seria ainda mais elegante conversar assim?

A gymnastica de sala segundo Schereber

Proveitosas lições no palco de S. Carlos por Madame Pantaleone e Mademoiselle Synnerberg

O defuncto dr. Schereber, director do Instituto Orthopedico de Leipzig, considerando que nos ossos da mulher moderna se notam graves deformações provenientes da estação sedentaria, do uso do espartilho e dos tacões Luiz XV, da curva imposta á columna vertebral pelo trabalho da costura, etc., resolveu reconstituir pela gymnastica a graça normal das formas e a elegancia feminina, e consagrou a esse intuito um livro importante para a hygiene, em que se descrevem os diversos movimentos que as senhoras devem executar em cada manhã para o fim de restabelecer no organismo o jogo harmonico e perfeito dos diversos elementos que o constituem.



Na opera D. Carlos Madame Pantaleone e Mademoiselle Synnerberg mostram-se evidentemente resolvidas, poderíamos talvez dizer escripturadas, para tornar conhecidos do publico os exercicios de Schereber.

Folgamos de poder contribuir com o nosso prestimo para vulgarisar os saudaveis movimentos exemplificados ao publico pela gesticulação dramatica de tão interessantes artistas, e passamos a descrever esses movimentos acompanhados da respectiva lettra, traduzida em vernaculo, para uso das familias e das escolas.



Juntas as duas mãos, erguer energicamente os braços acima da cabeça. Lettra: Deus! Poderoso Deus! Repetir oito vezes este exercicio.



Collocada no peito a mão direita, estender com força o respectivo braço a toda a sua extensão, voltando ao mesmo tempo a cabeça para o lado opposto. Lettra: *Afastae a pavorosa imagem! Não a quero ver!* Seis vezes.

Movimento analogo, afastando a pavorosa imagem do lado esquerdo. Seis vezes. (Recommenda-se particularmente este exercicio bem como o precedente para desenvolver os musculos do peito.



Enclavinadas as mãos no seio, estender os braços com impeto para diante. Dois tempos. Lettra do primeiro tempo: *Punge-me a cruel duvida!* Lettra do segundo: *Horror! horror!* Oito vezes.



Dobrar o corpo sobre o estomago, inclinando o busto quanto seja possivel para deante e afastando simultaneamente para traz os punhos cerrados. Lettra: *Verdugo! assassino! infame!* Seis vezes.



Movimento inverso. Recuar o busto, estendendo os braços para diante. Letra: *Oh! isso nunca! jámais!* Seis vezes. (Recomenda-se este exercício para fortalecer os rins.)



Bem direito e erecto o busto, dar trinta a cincoenta passos pela casa erguendo o mais que seja possível os joelhos e não pousando no chão senão os bicos dos pés. Letra nenhuma. Apenas um ligeiro sorriso nos lábios. (Exercício especialmente recommendavel para regularisar as funções intestinaes. Convém algumas vezes acompanhá-lo com o uso interno de sedlitz.)



Caminhar para a porta do fundo, alquebrando compassadamente o corpo pela cintura, já para a direita já para a esquerda. Letra: *Onde está o principe? Vou recebê-lo!* (Este gracioso movimento é soberano nas congestões do figado, principalmente se a donzella, antes de se dirigir em cada manhã á porta do fundo para receber o principe, houver tomado jalapa).

Theatro de S. Carlos



A que titulo recebem os redactores dos jornaes bilhetes de entrada nos differentes theatros?

Nós supponhamos que as empresas theatraes, offerecendo aos jornalistas entrada gratuita nos espectaculos, prestavam d'esse modo uma homenagem ao publico, facultando-lhe o direito de fazer julgar os espectaculos pelos representantes da opinião. Os lugares especiaes da imprensa nos theatros, nos caminholos de ferro, nas assembleas legislativas, etc., não significam senão uma coisa, e vem a ser que os jornalistas são considerados como os procuradores e os fiscaes do publico.

A empresa de S. Carlos, conferindo no theatro lyrico entrada gratuita a certos jornaes e denegando-a a outros, deverá ter a bondade de nos dizer qual é o seu criterio sobre este ponto.

A empresa considera os bilhetes das redacções um tributo ao publico ou um favor pessoal aos jornalistas?

No primeiro caso a imprensa não pôde recusar os bilhetes que lhe são offerecidos e deve informar o publico fazendo a critica imparcial dos espectaculos.

No segundo caso a imprensa, que não pôde como instituição accellar favores pessoais, deve recusar no theatro a entrada gratuita que se lhe offerece.

Particularizando mais: o jornalista tem um bilhete gratuito para dizer á empresa e aos artistas a opinião do publico? Ou tem bilhete gratuito para dizer ao publico a opinião da empresa?

Pela nossa parte, em vista dos conflictos recentes sobre esta materia, precisamos que a empresa de S. Carlos nos diga qual é o seu ponto de vista n'esta questão para resolvermos como nos convém proceder com relação aos seus bilhetes.

Enquanto a empresa da companhia lyrica não fizer o favor de nos illucidar, pedimos-lhe que disponha como lhe couvier da cadeira devoluta do Antonio Maria no theatro de S. Carlos.





JAYNE & BORDALLI PINHEIRO

Princesa do Roberto, seus attributos, narizes competentes e os respectivos Moraes e Funesill. bailarinos.

Edição e venda Guedes rua da Oliveira de C.

S. CARLOS.

63



Noticiando em outro lugar a primeira recita do *Roberto do Diabo* no theatro de S. Carlos, cumprimos para com mademoiselle Borghi Mamo, cujo talento nos obrigaria a todos os sacrificios, o dever penoso de a separar do seu nariz. Desde que o modo como temos até hoje comprehendido o perfil physionomico d'aquella interessante e amavel artista pôde parecer um accintoso erro de galanteria para com os seus dotes physicos, nós retiramos submissos o nariz que lhe temos attribuido, protestando nunca mais o desenharmos senão desligado de toda e qualquer conjectura de odiosa personalidade.



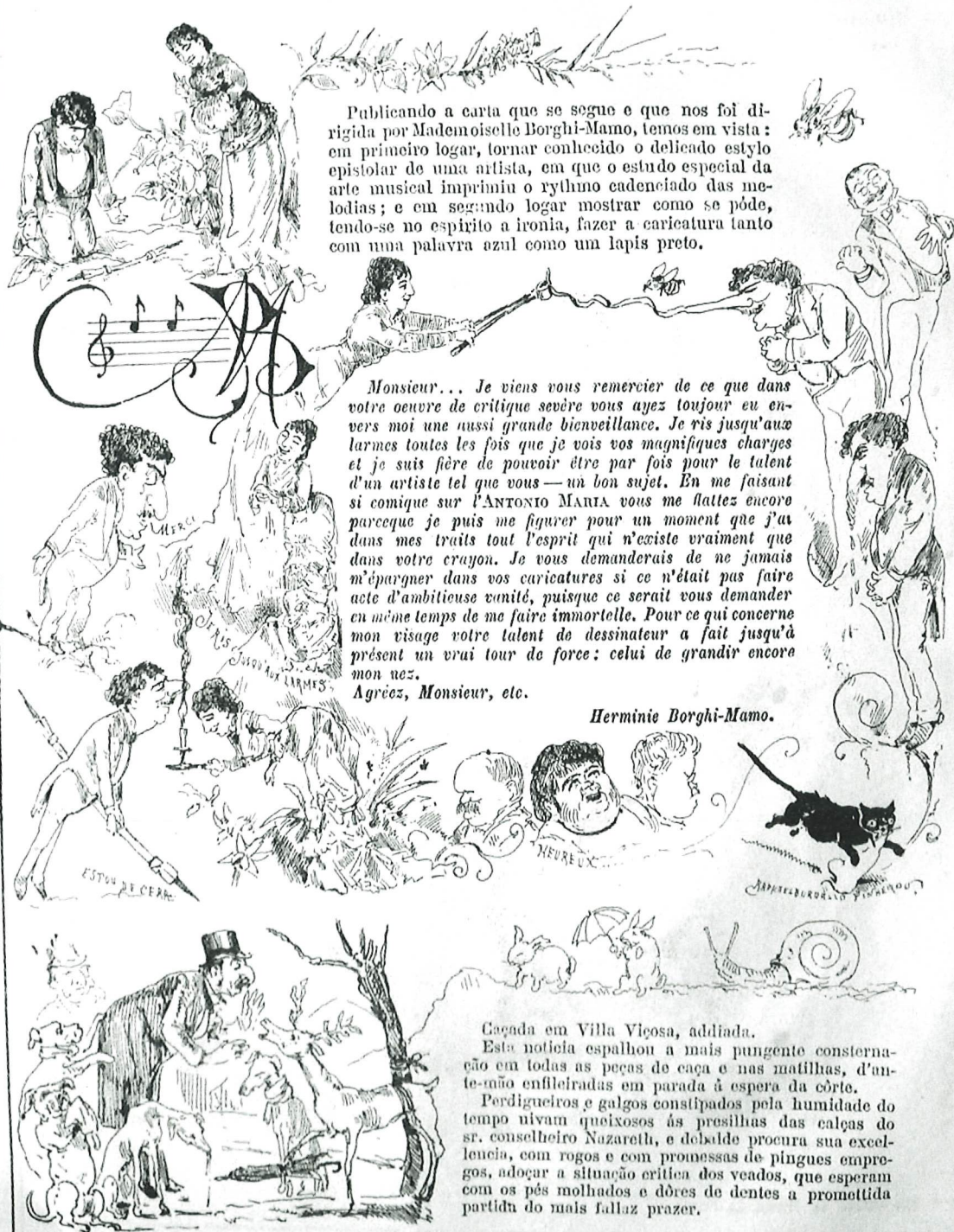
Collaboração de Mademoiselle Borghi-Mamo

Publicando a carta que se segue e que nos foi dirigida por Mademoiselle Borghi-Mamo, temos em vista: em primeiro lugar, tornar conhecido o delicado estilo epistolar de uma artista, em que o estudo especial da arte musical imprimiu o rythmo cadenciado das melodias; e em segundo lugar mostrar como se pôde, tendo-se no espirito a ironia, fazer a caricatura tanto com uma palavra azul como um lapis preto.

Monsieur... Je viens vous remercier de ce que dans votre oeuvre de critique severe vous ayez toujours eu envers moi une aussi grande bienveillance. Je ris jusqu'aux larmes toutes les fois que je vois vos magnifiques charges et je suis fier de pouvoir être par fois pour le talent d'un artiste tel que vous — un bon sujet. En me faisant si comique sur l'ANTONIO MARIA vous me flattez encore parceque je puis me figurer pour un moment que j'ai dans mes traits tout l'esprit qui n'existe vraiment que dans votre crayon. Je vous demanderais de ne jamais m'épargner dans vos caricatures si ce n'était pas faire acte d'ambitieuse vanité, puisque ce serait vous demander en même temps de me faire immortelle. Pour ce qui concerne mon visage votre talent de dessinateur a fait jusqu'à présent un vrai tour de force: celui de grandir encore mon nez.

Agréez, Monsieur, etc.

Herminie Borghi-Mamo.



Caçada em Villa Vicosa, adliada.
Esta noticia espalhou a mais pungente consternação em todas as peças de caça e nas matilhas, d'um-te-mão enfileiradas em parada à espera da corte.
Perdigueiros e galgos constipados pela humidade do tempo uivam queixosos às presilhas das calças do sr. conselheiro Nazareth, e debalde procura sua excelencia, com rogos e com promessas de pingues empregos, adoçar a situação critica dos veados, que esperam com os pés molhados e dores de dentes a promettida partida do mais fallaz prazer.



Esta opera apresenta-nos exactamente as mesmas scenas que temos visto na politica: ha a nebulose, ha o poder occulto, ha o sabhal de S. Bento. E a unica differença é que o maestro Boito tem por scenographo o pintor Manini, ao passo que a carta constitucional tem apenas o architecto sr. Possidonio.

EM FIM

No meeting de S. Bento



Segundo o governo, este meeting não pede Lourenço Marques, pede chuva.

No meeting de S. Carlos



BOQUILLO PINHEIRO

Tomando a manifestação de S. Carlos pela conjura dos Huguenotes, o governo patcia-a.

Em S. Carlos, encerramento. A companhia dispersou, e as portas do templo fecharam-se, deixando lá dentro muitos fleis que não apparecem n'outra parte e que não tornaremos a ver senão para o anno que vem. Entramos na estação morta para todo o dilettantismo



—referimo-nos ao sr. José Carlos, e para os jovens—



referimo-nos ao sr. conde de Mesquitella.



No theatro do Gymnasio o publico sendo-lhe recusada a Marselheza, quebrou os bancos, quebrou as cabeças e atirou á platéa com a mobilia da terceira ordem.

Proibir a Marselheza, que é o hymno nacional de uma nação alliada e amiga, parece-nos absurdo mas, substituir a composição de Raugot de Lisle pela demolição do theatro e do publico parece-nos incongruente.

Se queremos ir outra vez, como a *grande armée*, implantar atravez da Europa com as pontas das bayonetas os *direitos do homem*, exija-se a *Marseillaise*. Mas se o que pretendemos apenas é fazer pacatamente uma ber-rata incruenta de *vitas* e de *peus*, para isso bastará talvez que nos toquem o *Negro Melro*.

O nariz de Mademoiselle Borghi-Mamo

(HISTORIA DA IMPRESSÃO PRODUZIDA PELO ASPECTO DO APPENSO NASAL D'ESSA CANTORA NO ESPIRITO DO PUBLICO)



No primeiro mez da estação.



No segundo mez.



No terceiro mez.



No quarto mez.



Ao acabar a temporada.



Moralidade: Não ha bem que sempre duro nem nariz que não acabe.



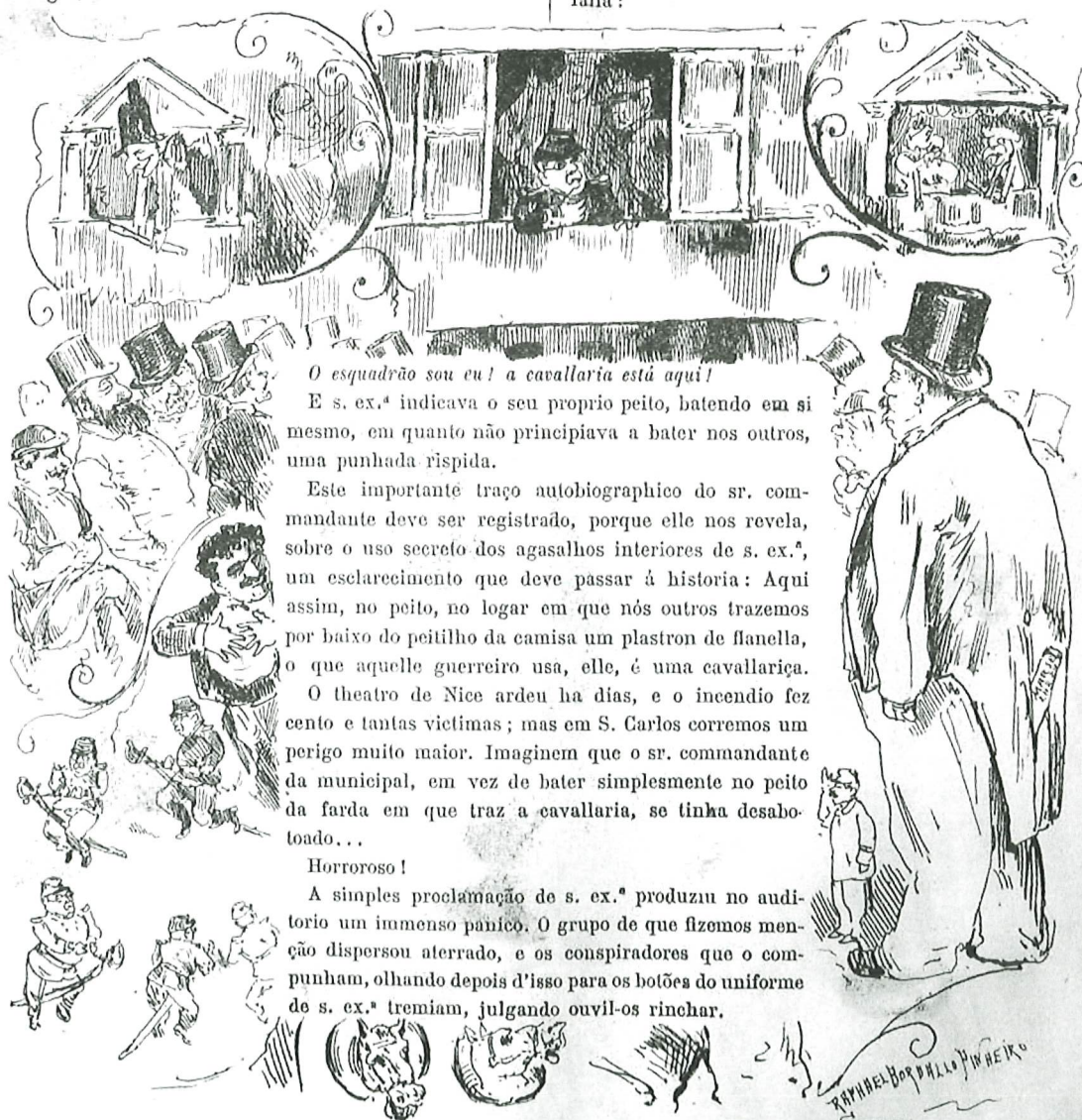
Na ultima noite de S. Carlos, alguns espectadores dos *fauteuils* discutiam em voz alta, á entrada oriental da superior.

A policia acudiu em massa áquelle ponto do theatro, suppondo que os *dilettanti*, a que nos referimos, se dispunham a fazer uma revolta,— talvez mesmo uma salada! — e que elles iriam d'ali a uma tenda comprar vinagre.

E os *dilettanti*, surpresos pela onda policial :

— Mas só a guarda civil é pouco para decidir a questão que nós ventilamos ; venha tambem a cavallaria ! venha um esquadrão !

Eis senão quando, repentinamente, a um postigo que deita do camarote da auctoridade para a entrada da superior, assoma, inesperado e terrivel, como de um alçapão de magica, um kepi e uns oculos. Era o sr. commandante da municipal. S. ex.^a botou ao grupo esta falla :



O esquadrão sou eu ! a cavallaria está aqui !

E s. ex.^a indicava o seu proprio peito, batendo em si mesmo, em quanto não principiava a bater nos outros, uma punhada rispida.

Este importante traço autobiographico do sr. commandante deve ser registrado, porque elle nos revela, sobre o uso secreto dos agasalhos interiores de s. ex.^a, um esclarecimento que deve passar á historia : Aqui assim, no peito, no lugar em que nós outros trazemos por baixo do peitilho da camisa um plastron de flanella, o que aquelle guerreiro usa, elle, é uma cavallariça.

O theatro de Nice ardeu ha dias, e o incendio fez cento e tantas victimas ; mas em S. Carlos corremos um perigo muito maior. Imaginem que o sr. commandante da municipal, em vez de bater simplesmente no peito da farda em que traz a cavallaria, se tinha desabotoado...

Horroroso !

A simples proclamação de s. ex.^a produziu no auditorio um immenso panico. O grupo de que fizemos menção dispersou aterrado, e os conspiradores que o compunham, olhando depois d'isso para os botões do uniforme de s. ex.^a tremiam, julgando ouvir-os rinchar.

KARNEEL BOPPHILO PINHEIRO





RAFAEL BORDALLO PINHEIRO & Ramalho

Bouquet lyrico para cheirarmos durante o inverno!



Com a primeira recita da companhia lyrica temos aberta no theatro de S. Carlos a grande doka da elegancia e do dandysmo de Lisboa.

Fóra do theatro de S. Carlos o dandy e o seductor lisbonense tem a mansidão do borrego e a temperança austera do dormedario.

Mas desde que se abre a opera, o janota torna-se assolador e terrivel. Elle é a estroinice vastatrix dos meios bifes do Silva; das caldeiradas d'ameijoas do Augusto; dos noitibós do fallecido Feliciano e dos corações das cantoras.

Sómente, como o numero das damas que no palco de S. Carlos constituem a materia amada é inferior ao numero dos janotas que na plateia constituem o agente amante, estes procedem, por grupos.

Ha o grupo que dá as palmas na sala. Ha o grupo que dá a critica nos corredores. Ha o grupo que vae dar as boas noites aos camarins. Ha o grupo que dá os bouquets nos beneficios. Ha o grupo que dá as tipoias á hora para conduzir as dançarinas ao restaurant. E ha o grupo que abona os fundos precisos para reforçar a caixa da empresa ficando com os recibos dos assignantes em penhor.

Feitas as contas ao que custa a corrupção de Lisboa durante a epoca do theatro lyrico, acha-se que o custeio d'esta Babylonia que tanto amedronta a moral das provincias sae a dezeseis tostões ao anno por cada cabeça de estroina.

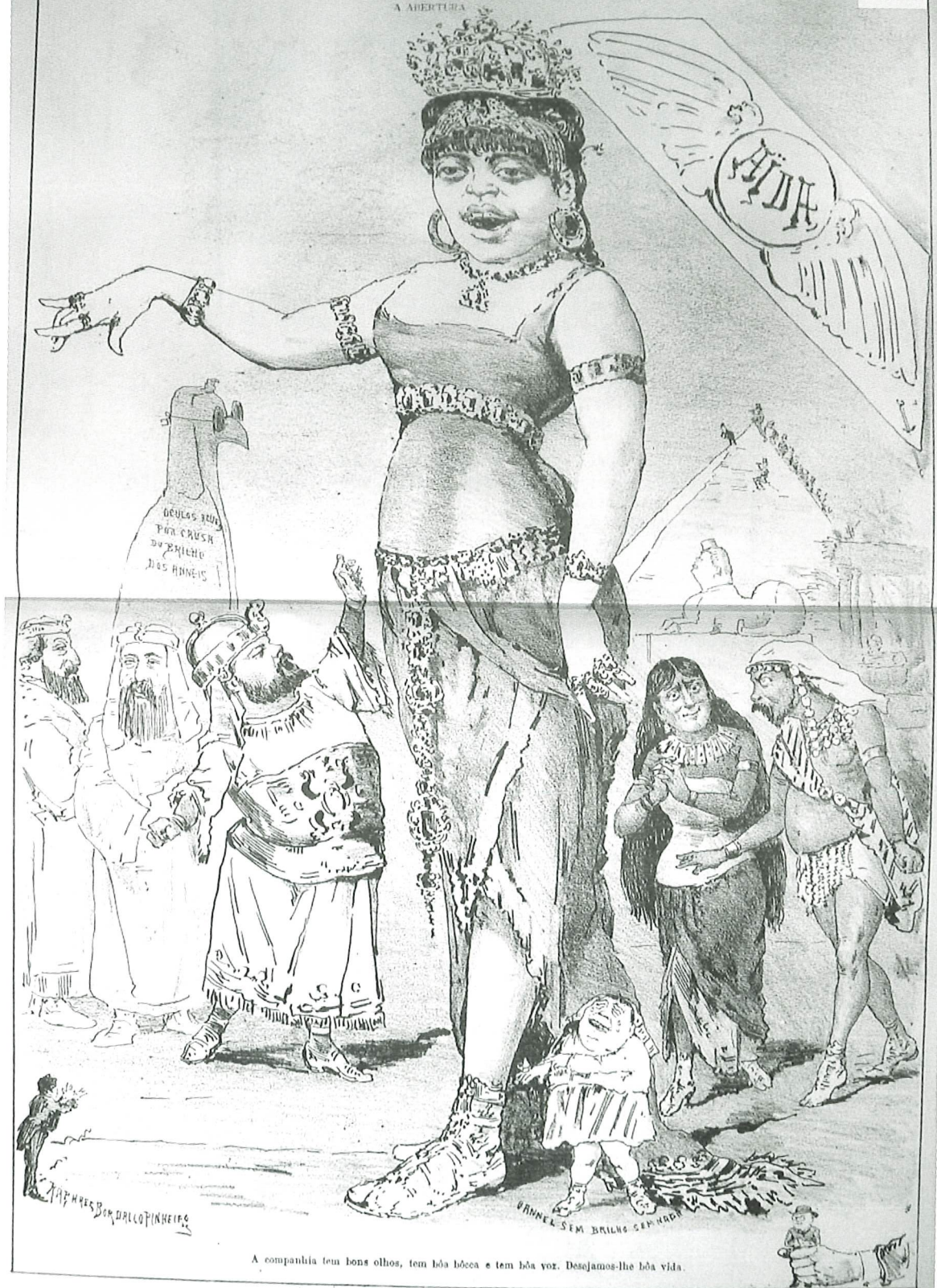
E' medonho!

O abysmo na presente estação abriu com a *Aida*.

A opera agradou, notando-se porém que a empresa não chegasse a gastar um milhão para satisfazer na primeira recita os dezeseis tostões d'avidez votados ao theatro pela prodigalidade do publico.

Com tres meias cordas no bolso a gente tem o direito sacrosanto de pedir o diluvio. Que nol-o dêem!





O que pode o exemplo



Desde que se propalou que por meio das barbas os cidadãos podiam chegar, levados pela mão do sr. Lopo Vaz, aos mais altos cargos da republica, as proprias



coristas de S. Carlos começaram a barbear-se. Seu fim é por certo irem cantar para a alfandega.



Para o fim de evitar da parte do publico manifestações excessivamente ruidosas sobre a critica da companhia lyrica, a empresa resolveu sabiamente collocar ao lado de cada espectador um policia civil.

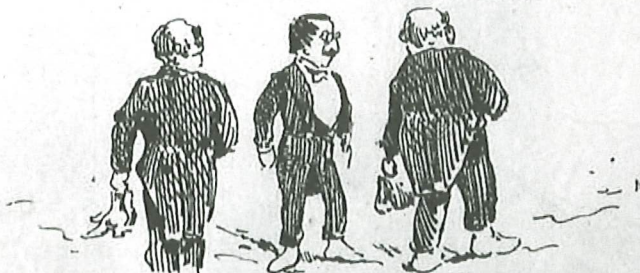


Esperamos que esta deliberação satisfaça completamente o animo do publico. Escripturar os cantores e escripturar ao mesmo tempo os ouvintes, é tudo quanto se tem direito de exigir da bisarria de uma empresa. Temos no palco uma companhia de canto e temos na sala a companhia do sr. Arrobas e da sua trempe. Que mais quereis, ó Heliogabalos?...

De resto as exigencias da grande maioria do publico perante o empresario figuram-se-nos extremamente attendiveis e justas. O publico pede apenas duas coisas: a melhor companhia do mundo e entrada gratis.



Para o fim de economisar á empresa de S. Carlos o custeio da policia encarregada de impedir as pateadas, submettemos á sua consideração este figurino que se decretaria de rigor para entrar na sala.

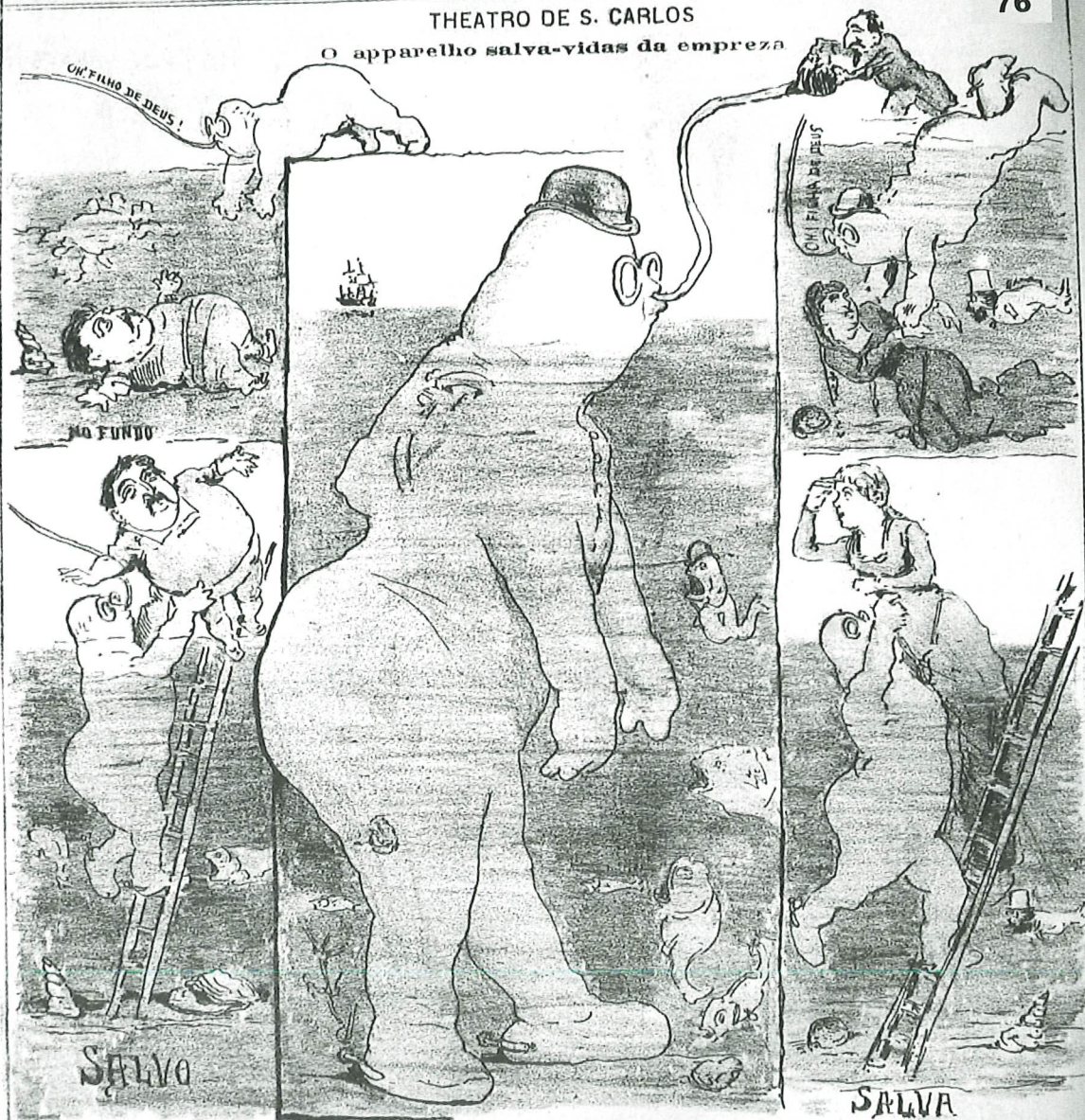


E este distico sobre a porta do vestuario:

Aqui se guardam as bengalas e as botas.



O aparelho salva-vidas da empresa



Exercícios do mergulhador



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Em S. Carlos, debute applaudido da senhora Donadio como cantora e do sr. Antonio Duarte como comendador.

Antonio, muito bem no seu novo papel de convidado de pedra de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Na scena da ceia, depois do espectáculo, no Augusto, foi admiravel o brio com que s. ex.^a atacou o meio bife com batatas da ordem em que foi investido pela munificencia regia.

Parabens á empresa pela sua nova artista e pelo seu novo fidalgo!



A *Dinosra*, implacavelmente cortada com mais golpes de tesoura e de canivete do que é uso dar nos contratos, deixou apenas intacto o talento delicado e a vocalização prodigiosa da artista Donadio.

O maestro Antonio Duarte



Eis o retrato do illustre maestro e applaudido fidalgo sr. Antonio Dartte, segundo o *Cosmoramma, Pittorico*, de Milão. Ha evidentemente um equivoco do retratista. O nobre maestro é, pelo contrario, do seguinte modo:





Primeira representação do *Hamlet*. O príncipe cantou admiravelmente. O rei, comquanto não cantasse, também andou bem, pois passou á dama um bilhete para o seu benefício, d'elle rei, na Rua dos Condes.

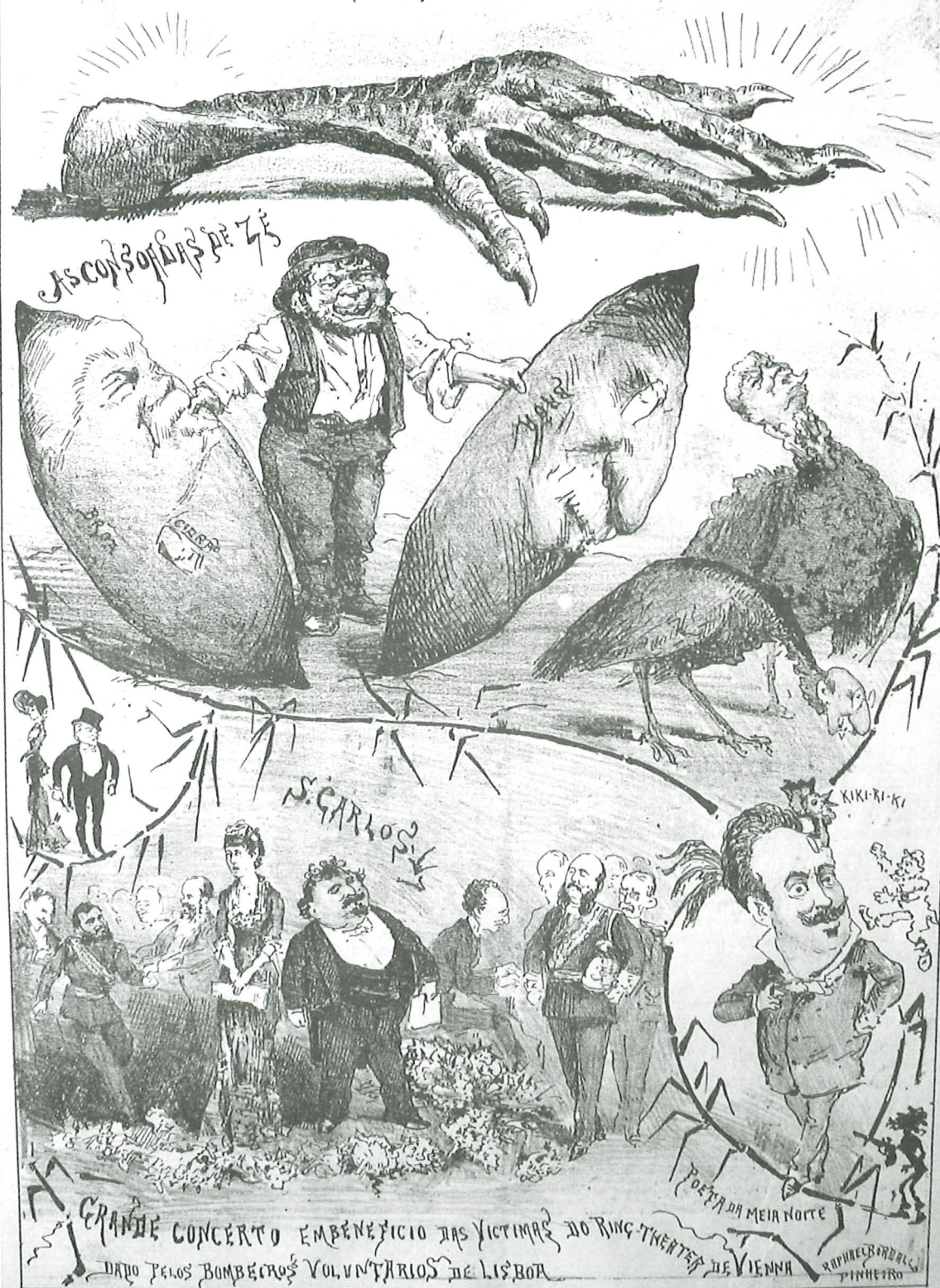


Suas altezas os condes d'Eu no theatro de S. Carlos.



Os poderes constituídos na presença dos nossos serenissimos hospedes.

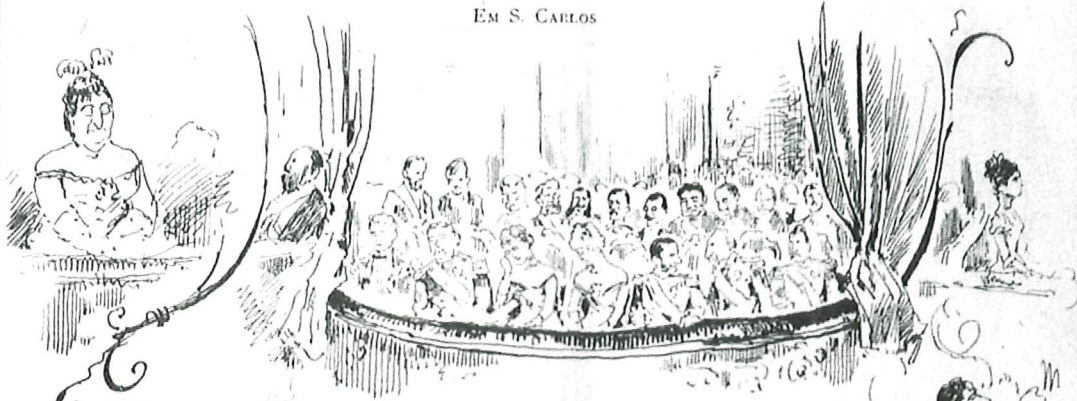
(RECORDAÇÕES DO NATAL)



VARIOS EPISODIOS

83

EM S. CARLOS



O painel.



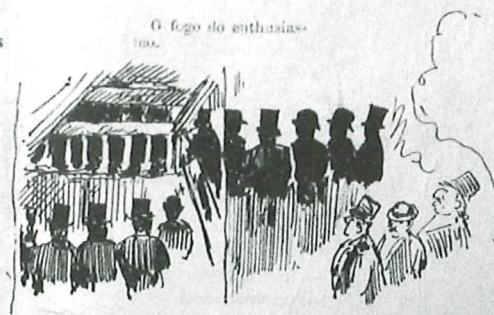
QUE BELLO BRAGO
PARA VESTIR DE
CALÇADO E MEU E
IR AO PAÇO EM
PANTUFALAS



O fogo do enthusiasmo.



NOS TOUROS



Os que viram de mais.



Os que viram de menos.

A toilette ornitológica da rainha da festa. Guardeiros de passar o couro de milho.

A PORTARIA DE LOUVOR



Portou-se muito bem! Vou honrar o conselheiro Arrobas.

REORRALLIO PINHEIRO

THEATRO DE S. CARLOS



O MAESTRO GUIMARÃES, AUCTOR DA OPERA BEATRIZ

THEATRO DE S. CARLOS

EPOCHA DE 1882-1883



Este croquis é illuminado a duas luzes, á luz do dia* e á luz da rampa. Em duvida por qual das duas nos havemos de decidir.

* Não nos referimos ao cabique.

A companhia Frontão

*Grande amor da patria! Extraordinario patriotismo.
Bravo, sr. Brito — Não falta quem prefira o seu frontão
ao do Zé Gregório.*

THEATRO DE S. CARLOS — Recita d'abertura — AIDA



No scena da incensadella do primeiro acto, a empresa mandou fazer uma tal quantidade de fumo de alfazema, que parecia querer exconjurар ugniguos. No final do 4.º acto, os espectadores mais egypcios que a propria peça, já se contentavam com um lugar de lúis, para tomarem parte no triumpho. Poder dos excojuros, da alfazema e de uma boa companhia. — *Um homem a empreita.*

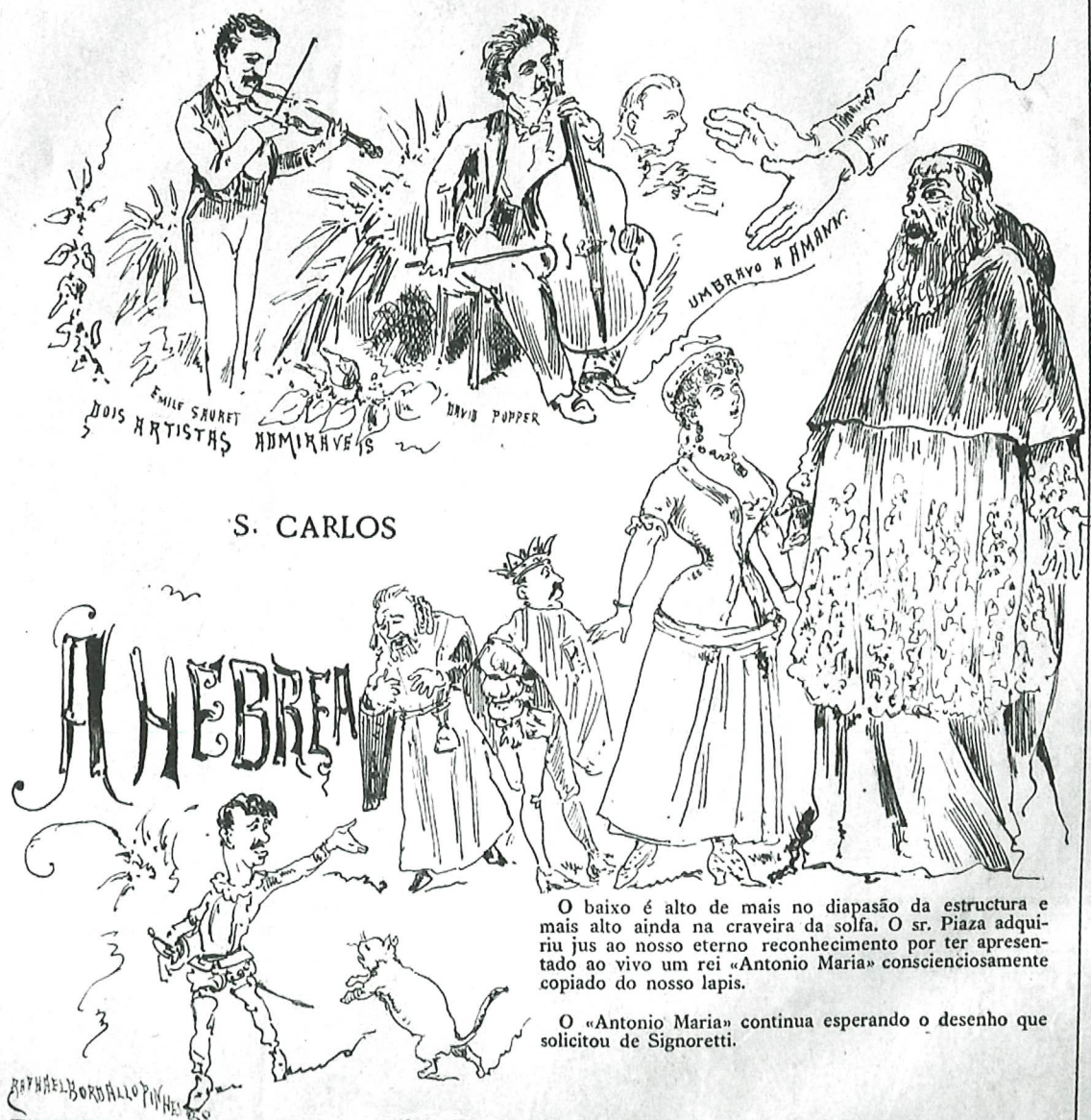


Tendo chegado ao conhecimento do *Antonio Maria* que *Signoreti* é tão notavel caricaturista como distincto cantor, ousamos pôr-lhe as mãos na cabeça, invocando aquella primeira feição, para que nos mande um producto do seu lapis, que uma pagina de vóluto, no proximo numero, aguarda impaciente.



Nós vivíamos convencidos de que a vaccina era um liquido verde, mas o sr. Reszkè, assegura-nos com tal voz e com tal emphase que *la vicina è un pó matura*, que não duvidamos ficar acreditando que a vaccina é effectivamente um pó maduro, que nos defende das bexigas, como o pó insecticida nos livra dos persevejos.

Coliseu dos Recreios — A companhia austriaca



O baixo é alto de mais no diapasão da estrutura e mais alto ainda na craveira da solfa. O sr. Piazza adquiriu jus ao nosso eterno reconhecimento por ter apresentado ao vivo um rei «Antonio Maria» conscienciosamente copiado do nosso lapis.

O «Antonio Maria» continua esperando o desenho que solicitou de Signoretti.

Uma bruxa gorda do MACBETH, das que na opera dizem estas palavras,



enviou-nos pelo correio, occultando-se com o pseudonymo de 1.º Zabumba, a seguinte indiscrição da companhia de S. Carlos.



Giuseppina de Reszké — 1.ª estrella — Pela grandeza podia até ser um sol... mas com algumas manchas. Voz e carne que davam bem para dois sopranos; talento que não chega para um. Estylo de canto arreyesado, nem francez, nem italiano. Na *oída*, dir-se-hia uma pyramide egypcia com fórma avantajada de mulher. Promette fazer tanto barulho como o *Syndicato Salamanqueiro*. Os banqueiros mexem-se...



Pasqua — Outra Giuseppina e outro astro — Este tem mais satellites. Voz quente, estylo mais quente ainda. Segundo a phrase do dr. Beterraba, mette alguma *pharmacia* no canto, á maneira da *Mimi-Borghii*. Tem tendencia para ser *caranguejo* em musica, o que dá que fazer a *Ibis Rabina*, que julga ter feito essa grande descoberta.



Um revisteiro chamou-lhe *Cesar*!... Dizem que ella, ao ler o *mistiforio* critico que elle lhe endereçou, lhe chamou *João Fernandes*.



Marianni na Lodi — Estrella de 16.ª grandeza — Um feixe de nervos. A cantar faz mais caretas que o Carlos Bento a papaguear em negocios fazendarios. Consta que tem costella portugueza ou de gente que viveu em Portugal. No 1.º acto da *Lucia* parecia a serva da dita. É a *machina exploradora*... de *Sua Magestade* o tenor Gayarre, como o *Topa-a-tudo* é agora a da *Magestade Portuguesa* nas viagens ás provincias. Vem adiante, para *desempedir* o caminho.



Vanda Miller — Esta, no mundo lyrico, não é estrella, nem luz, nem cometa, nem coisa que se pareça com isso. Faz-me lembrar o verso do poeta do Conservatorio:

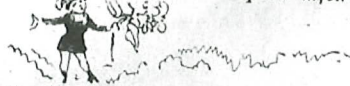
Era noite, sem lua, sem nada.



— Uma *Margarida* que está a pedir para o 3.º acto do *Fausto* o jardim da *Praça das Flores* e para o 4.º acto um *Valentin* da companhia dos *Paulistas*. Se tem vindo na epocha passada... fazia furor!!



Fanny Torresela — Pequeno luzeiro.



Lioní — Chamam-lhe *contralto* — Modo de dizer. Também já alcunharam de 1.º barytono o Magnani, a quem



Ibis cagimba classificou de bufo!!



Barbacini — *Il primo tenore* — Alma até Almeida, mas voz... Podia-se-lhe applicar o dictado popular, invertido,

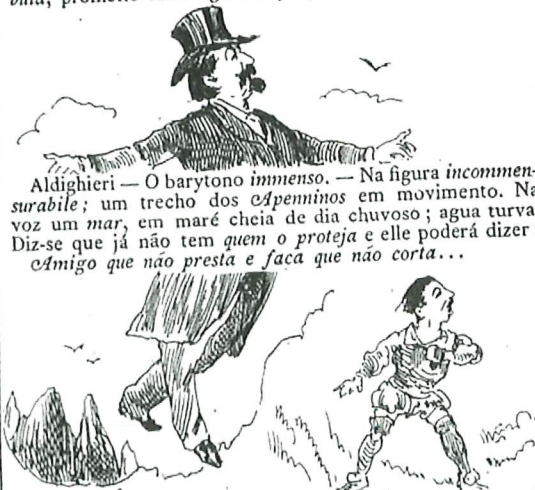
Dá Deus dentes...



Signoretti — 2.º primo tenore. — Menos alma e menos arte do que o primeiro e menos voz. Parece que no centro d'esta tem um marmello que o embucha. O *Gran-Pimpone* de Almada, protector dos tenores pequenos, anda afflicto com a ideia do homem estar embuchado e já se lembrou de lhe applicar dois bons murros nas costas a vêr se lhe arranca o marmello, mas parece-lhe que isso será mais difficil do que enchugar os pantanos de Caparica!



Piazza — Levou baixa de posto. — E o primeiro ingenho da companhia. Depois de ter feito de *Elvino* na *Somnambula*, promete fazer agora a propria *Somnambula*.



Aldighieri — O barytono immenso. — Na figura *incommensurable*; um trecho dos *Apenninos* em movimento. Na voz um mar, em maré cheia de dia chuvoso; agua turva. Diz-se que já não tem quem o proteja e elle poderá dizer: *Amigo que não presta e faça que não corta...*

Sivori — Outro barytono. — Voz crua mas sã. Está ainda verde, mas se fôr amanhã com geito e arte ha de chegar a amadurecer bem e a ser um bom fructo de todo o tempo.



Eduardo de Reszké — O primeiro baixo, com voz que mais parece de barytono. — No estylo é digno *mano da mana*, no talento anda tambem pela mesma. Ao vê-lo na *Hebrea* houve quem o julgasse o *Bispo-Conde*... com vestes cardinalicias. E tanto vale o desempenho de um, como qualquer *pastoral* do outro.



Navarini — Grande voz e pouca ou nenhuma arte. — Quando canta a bocca parece um *frontão*. Já alguns admiradores de obras d'arte teem deitado o binoculo a ver se ali descobrem a figura que o *Cóco* encomendou ao Calmels para com ella mimosear o indígena.



Magnani — A quem acima nos reterimos — Já reappareceu, mas ainda não brilhou. Está esperando pelos *Huguenotes* em que parece o *Meninas meninas*, quem se quer amolar. Dizem que é muito prestimosa. Que lhe preste.



Dalman — Grande artista, o 1.º da companhia.



Pontechi — Excellente remedido para *insonomias*!

O caso da Pasqua



A empresa de S. Carlos teve no domingo de celebrar a *Paschoa*... dos judeus, dando a *Hebrea* em vez da *Aida*.

Maneira do Brito se salvar deante do publico, ou fazendo cantar a Pasqua assim,



ou d'este modo, fazendo cantar os medicos em vez d'ella, um em cada acto.



A SOLA DE ZL.



92

O sr. Ligo, que por sobrenome não perca, propoz na associação dos jornalistas que a assembléa se conservasse pelo espaço de dez minutos em silencio absoluto, como demonstração de eloquente consideração pela memoria de Sampaio.

E deveras eloquente este systema de exaltar de bico calado as virtudes d'um morto illustre e muito devêra agradar á memoria de Sampaio aquella assembléa transformada em exposição de figuras de cera...

A que um grande vulto anda sujeito depois de morto...



SONETO

Disse-me um sabio magico machucho,
De longas barbas, feio como um bicho,
Que do cometa á bolha, ou ao capricho,
Devemos nós o espiritismo bruxo.

E, ao soltar esta affirmação do bucho,
D'alma um gemido atroz lhe sae de esguicho;
A vara quebra, ornada de um cornicho,
E rebenta-lhe o pranto de repucho.

E diz: «O meu talento grande e macho
Hoje em dia não dá nem para mechas...
Foi-se o negocio meu por agua abaixo!»

E dando ao vento estas doridas queixas,
Assentou-se de coc'ras n'um capacho
E desunhou-se a manducar ameixas!



Frondoni veiu á liça da imprensa proclamar a excellencia do quarteto austriaco; as damas monoscabadas não podiam encontrar mais apropriado Magriço. Convicção, nervo e grammatica, á altura da gravidade do quarteto.



Quanto daria a sr. Pasqua para ter agora a voz d'estes sujeitos.

Borrasca

93

Em S. Carlos, no domingo,
Desabou chuva abundante;
— E sempre era cada pinga...
Como o punho d'um gigante.

O espaço, d'um tom alegre
N'esses vastos horisontes,
De repente fez-se negro
Como os bigodes do Fontes.

Vendo a borrasca eminente,
As bailarinas na caixa
Calçavam rapidamente
As galochas de borracha.

E o publico atarantado,
Descalçando a fina luva,
Punha a capa d'oleado
E abria o chapéu de chuva.

O Costa perdeu a falla
E o Dantas teye um desmaio,
Ao verem entrar na sala
O Trovão e mais o Raio.

(Caso novo, extravagante,
Como não ha talvez dois!
O Trovão vinha adiante
E o Raio chegou depois!)



E o motivo da tormenta
Que deixou o povo afflicto?
— Uma questão turbulenta
Que a Pasqua teve co'o Brito!

O Brito, falando á Pasqua,
Bradava com desespero:
— Se não vae cantar descasco-a
Como quem descasca um pero!...

Não me convém o serviço
De cantar só a seu commodo...
Diz-se doente... elle é isso?
Pois patenteie esse incommodo...

O Brito quer, pelos modos,
Que a Pasqua, sem excepção,
Os seus incommodos todos
Comprove por tertidão!...

Porém, se a coisa assim for,
Como se assegura agora,
Vereis com grau de doutor
As lavadeiras da Amora...



O Monte Christo da solfa, por cada nota de musica que lhe sae da garganta entra-lhe na algibeira uma nota do banco. Custa-nosquasi tão cara uma aerea da *Favorita* cantada por elle como um projecto de lei apresentado pelo sr. Fontes: Ainda assim, antes o grande tenor em S. Carlos do que o grande estadista em S. Bento.

Fontes: Ainda assim, antes o grande tenor em S. Carlos do que o grande estadista em S. Bento.



Alleluia! Depois de tantos attestados de medicos lyricos, descobre-se que a Pasqua tem... a tenia!!



Agora é que a empresa vê uma bicha...



que, segundo este amador,



será de sete cabeças

Os medicos pensam em applicar á cantora um tenifero, que poderá ser este

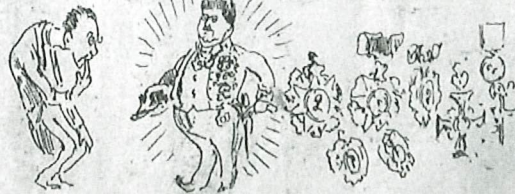


ou este.



verdadeiro

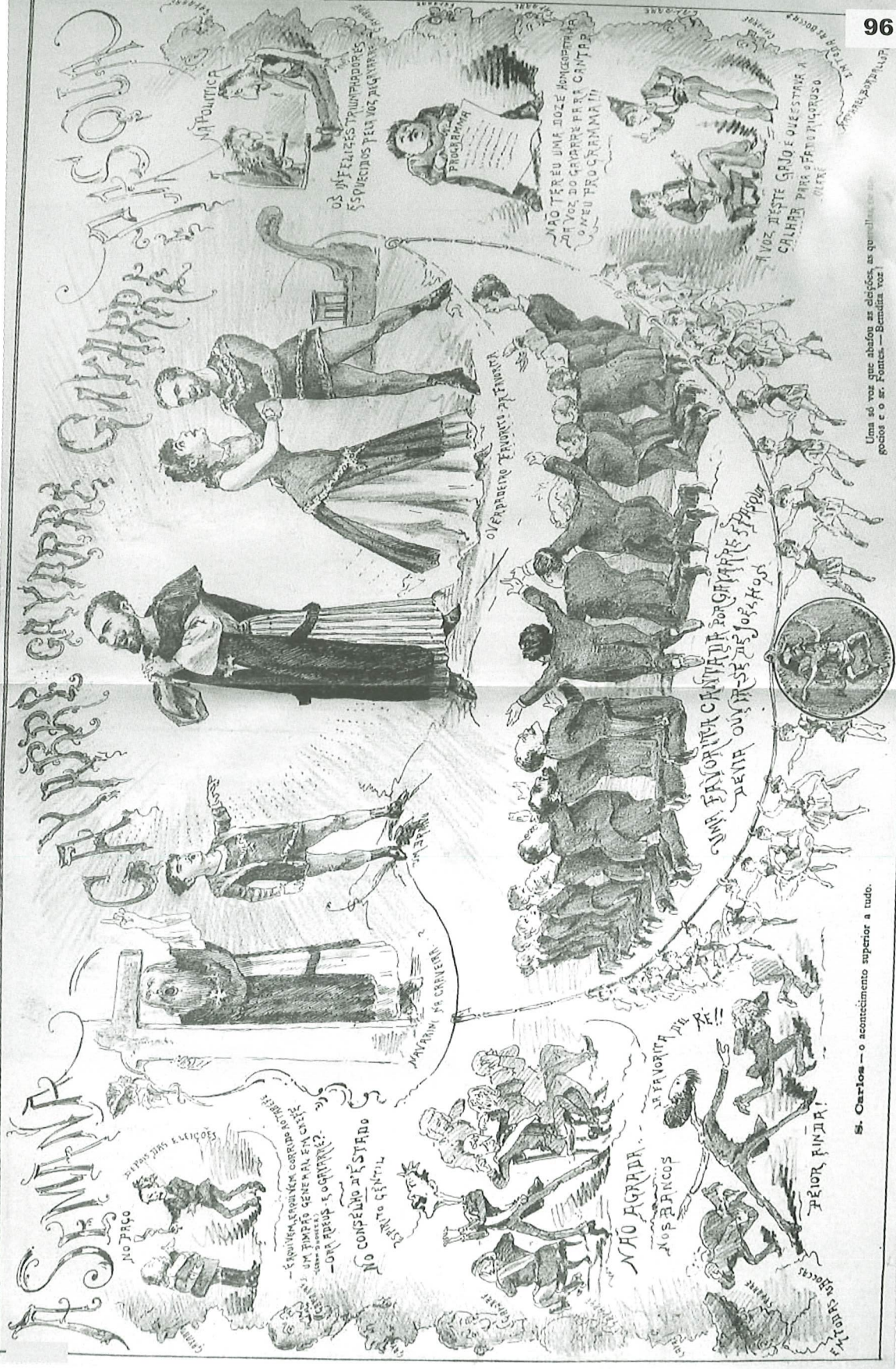
JETHORE (enguicho lyrico)



que para ser conhecido de todos em Italia vae para lá ser exportado em effigie por este modo



segundo uma photographia de Fillon. Vide a montre do mesmo.



S. Carlos — o acontecimento superior a tudo.

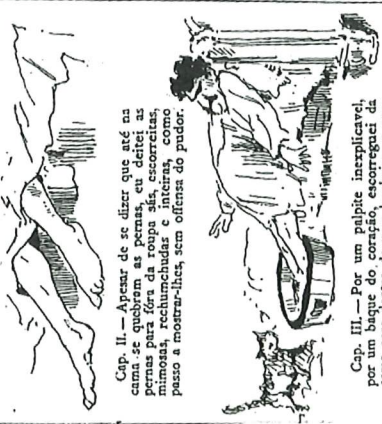
Uma só voz que abafou as eleições, as que...
sócios e o sr. Fontes — Bemalva voz

Como eu quebrei... sem ser banco

História do meu dia de S. Martinho, dedicada aos leitores em geral e em particular aos amigos que me perguntam como o caso succedeu.



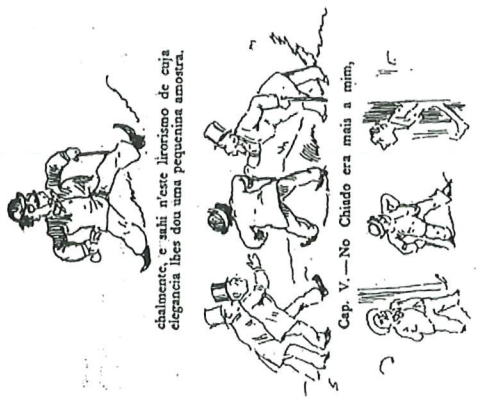
Capítulo I. — Eram dez horas da manhã do dia de S. Martinho, abri um olho, depois outro, depois... não abri mais nenhum. Acordei.



Cap. II. — Apesar de se dizer que até na cama se quibram as pernas para fora da roupa são, escorregam, mimosas, rechumchadas e intacas, como passo a mostra-lhes sem offensa do pudor.



Cap. III. — Por um palpite inexplicável, por um baque do coração, escorreguei da cama para dentro de uma banheira, e com uma esponja e um sabonete comeci zás—



Cap. V. — No Chido era mais a mim,

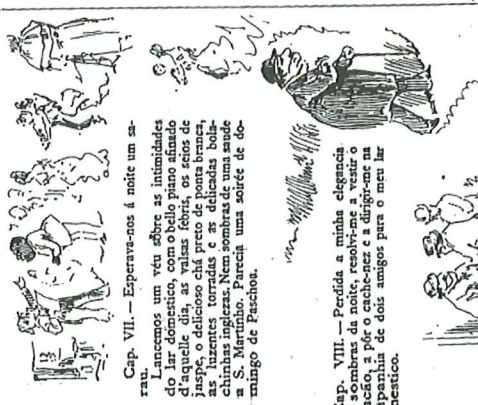
mais a mim. Os lojistas chegavam às por-



tas: as damas deixavam os narizes de fora do nariz. Era a vez o chido denso do sabonete que atirava as atropel.



Cap. VII. — Eram 6 horas da tarde, farto de se admirando, escorreguei e meza de fôrça de Gayner e de mais dois amigos, para a critica-mos ao nosso appetite devorador algumas iguarias modestas mas succulentas. Nem se falou de S. Martinho em todo o jantar, nem ao menos se lhe conspurou um copo. Dizia um gurgurem e libertava o cabelo, que os. N. não se lhe deu ao sab-

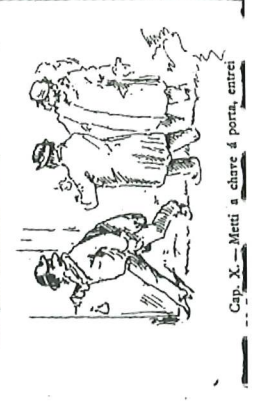


Cap. VIII. — Perdida a minha elegancia nas sombras da noite, resolvi-me a vestir o casaco, a pôr o cachenez e a dirigir-me na companhia de dois amigos para o meu lar domestico.



Cap. IX. — A porta da rua foram cruas as despedidas. — Adeusinho! — Obrigado por

este bondinho. — Aparece amanhã mais cedo para conversarmos mais, etc.



Cap. X. — Metti a chave á porta, entri-



Cap. XI. — Foi então que os dois amigos perceberam que eu era um homem de peso. Foi então que os dois amigos perceberam que eu não era um homem de peso. Foi então que os dois amigos perceberam que eu não era um homem de peso.



Cap. XII. — Vi-me de repente rodeado de médicos. Cheguei a supor que o meu caso seria como o da sr. Pasqua, porque alguns dos médicos que me apalpavam foram os mesmos que me apalpavam a sr. Pasqua. Fizeram-me o aparelho. Que dores! Foi então que eu percebi o alívio que sentem os que abram com o aparelho ao sr. Felmente o pé estava lavadinho d'aquelle di. Felmente os doutores parece que não se contentaram com o aparelho, mas que me repagaram o pé de quando em quando com varias estencias fedorentas.



Cap. XIII. — E aqui me tem os leitores e os meus amigos, preso pelo pé, enalado, sem poder andar, e com o pé doado isto, talvez em castigo de ter estado zás e torradis em noite de S. Martinho!

Moralidade
Aprendam n'estas lições.

THEATRO DE S. CARLOS

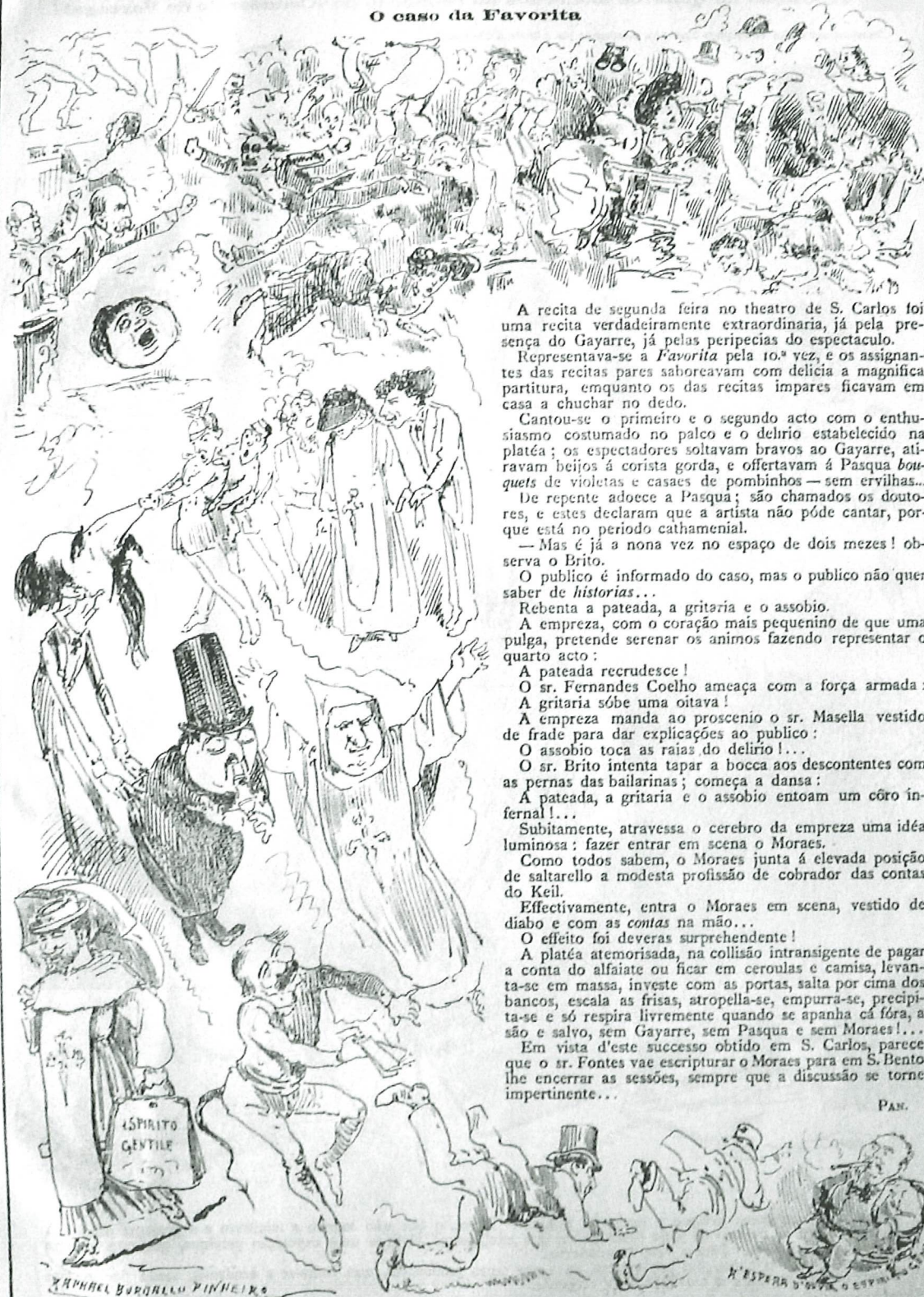
98



A INVICTA CIDADE DO PORTO DECLAROU QUE SE NÃO OUVISSE GAYARRÉ E PASOJA PASSARIA PARA A
OPosição
OS FREITAS BRITO LEVA AO PORTO OS GRANDES CANTORES PARA GANHAR A
ELEIÇÃO COM A FAVORITA.

RAFAEL BORRALLO PINHEIRO

O caso da Favorita



A recita de segunda feira no theatro de S. Carlos foi uma recita verdadeiramente extraordinaria, já pela presença do Gayarre, já pelas peripecias do espectáculo.

Representava-se a *Favorita* pela 10.^a vez, e os assignantes das recitas pares saboreavam com delicia a magnifica partitura, enquanto os das recitas impares ficavam em casa a chuchar no dedo.

Cantou-se o primeiro e o segundo acto com o entusiasmo costumado no palco e o delirio estabelecido na platéa; os espectadores soltavam bravos ao Gayarre, atiravam beijos á corista gorda, e offertavam á Pasqua bouquets de violetas e casacos de pombinhos — sem ervilhas...

De repente adoece a Pasqua; são chamados os doutores, e estes declaram que a artista não póde cantar, porque está no periodo cathamenial.

— Mas é já a nona vez no espaço de dois mezes! observa o Brito.

O publico é informado do caso, mas o publico não quer saber de *historias*...

Rebenta a pateada, a gritaria e o assobio.

A empresa, com o coração mais pequenino de que uma pulga, pretende serenar os animos fazendo representar o quarto acto:

A pateada recrudescer!

O sr. Fernandes Coelho ameaça com a força armada:

A gritaria sóbe uma oitava!

A empresa manda ao proscenio o sr. Masella vestido de frade para dar explicações ao publico:

O assobio toca as raías do delirio!...

O sr. Brito intenta tapar a bocca aos descontentes com as pernas das bailarinas; começa a dansa:

A pateada, a gritaria e o assobio entoam um côro infernal!...

Subitamente, atravessa o cerebro da empresa uma idéa luminosa: fazer entrar em scena o Moraes.

Como todos sabem, o Moraes junta á elevada posição de saltarello a modesta profissão de cobrador das contas do Keil.

Effectivamente, entra o Moraes em scena, vestido de diabo e com as *contas* na mão...

O effeito foi deveras surprehendente!

A platéa atemorizada, na collisão intransigente de pagar a conta do alfaiate ou ficar em ceroulas e camisa, levanta-se em massa, investe com as portas, salta por cima dos bancos, escala as frisas, atropella-se, empurra-se, precipita-se e só respira livremente quando se apanha cá fóra, a são e salvo, sem Gayarre, sem Pasqua e sem Moraes!...

Em vista d'este successo obtido em S. Carlos, parece que o sr. Fontes vae escripturar o Moraes para em S. Bento lhe encerrar as sessões, sempre que a discussão se torne impertinente...

PAN.



O concerto da chamada associação dos jornalistas.
Paralelo historico.



Os homens de letras no seculo xvi e no seculo xix.

1892

Capuletti e Montecchi

(IMPRESSIONE PROVENUTAMI D'ALLA PASQUA)



Cantasti ogg'in modo tale
Che parevi un cherubino,
Quando innalza il canto sino
L'alta reggia celestiale.

Dal primo atto, eretto e ardito,
Alla sua mission fedele,
In te vidi *San Michele*
Calpestando ognor il *Brito*.

Certo ebreo, di torvo sguardo,
Nel vederlo sì prostrato,
Sena ha tanto infuriato,
Che cenò del vino e lardo!...

Gli avannoti, che tu cansi,
Così son alfin uccisi:
Mai di loro io tanto risi!
Mai per te io tanto piansi!

ammiratore.

CAPULETOS E MONTECHIOS

No segundo acto sômos agradavelmente transportados
ao Bom Jesus do Monte. Os judeus Romão e Moraes mos-
tram-se dois barbaros de primeira qualidade; bem se vê
que são de pau buxo...



O doutor Lourenço intrigou-nos de começo; lembrava-
mo-nos de já ter visto aquella cara n'outro corpo... Afinal
viemos a saber que era o pae do Costa apita.

O DOCTOR LOURENÇO E A PRIMEIRA BAILARINA



A primeira bailarina é magnifica mas o Justino Soares
de tal maneira tem embotado ao indigena o paladar da
dança que o publico recebe aquella artista friamente. Pela
nossa parte entusiasmamos-nos até o delirio com os sal-
tos da gentil bailarina e se a inveja não fosse um pec-
cado já lhe tinhamos invejado a ligeireza da perna.

ROMEU E JULIETA OU JULIEU E ROMETA



A situação é esta; o que não se sabe é o final do acto...

Ha guerra, guerra de morte,
Entre christãos e judeus,
Cada qual segue o seu norte,
Cada qual tem o seu Deus.

Com tal bulha e tal furor
De Rheszkistas e Pasquistas,
Acordam na sup'rior
Os *manos anabaptistas*.

Da Pasqua no grão partido...
— A cousa é grave, se diz —
Já por lá anda mettido
Um grande trunfo... o Assis;

Mas, leitor prudente e caro,
Quem gyra n'este trabalho,
Não é Assis — o de Faro
Mas o *dito* de Carvalho.



O Zé Carlos nas cadeiras
De taes ovações sorrí,
E conta historias inteiras
Da grande Piétrali.



Dizem outros: Que portento
É a Reszké, que delirio!
Aquillo é deusa que o vento
Deitou abaixo do empyreo...

E que senhora innocente...
Não tem modos de odalisca...
Dá vontade a toda a gente
De jogar com ella a bisca.



Ibis rabbina, que outr'ora
Achou a Pasqua — ideal...
Prefere o Piazza agora...
Esse sim, não tem rival.



O *Illustrado* requereu
Uma emenda no cartaz:
Que Fontes fosse o Romeu,
Julieta o Manuel Vaz.

E que em vez de se chamar
Montechios e Capulêtos,
Se passasse a annunciar
Como *Fontistas e Pretos*.



ANNO V

Os críticos de S. Carlos

(CONVERSA PARTICULAR)



Bem te conheço, bem sei
Quem tu és... do *Economista*,
Que pretendes dar a lei
Sobre o merito pasquista;

Já te vi em trinta e tres
Manobrando em ovações...
E tocavas, muita vez,
Cornetim pelos salões.

Tu desdenhas? meu amigo
Ao aprisco hasde voltar...
Diz certo proverbio antigo:
Quem desdenha... quer comprar



Esse pequeno artilheiro
Que escreve ali no *foyer*
Umas insidias... Bregeiro,
Venha cá, que fez você

Da *ignota dea* gentil
D'essa ideal creatura,
A incarnação do abril,
A primavera em 'sculptura?...

Tu não vês que é de mau gosto
Tu que és tenente... — ai, mulheres!
Levares baixa de posto
Fazendo assim... pé d'alferes?



Que diz o Antonio Du...
O Bellini lusitano,
D'este combate tão crú,
D'este lutar tão insano?

Desde que foi retratado
De farda, espadim, *commendas*...
Anda muito socegado
E não mostra as suas prendas.

Pizarro... critica certa...
Tudo faz... de tudo entende...
É qual outro que... Concerta,
Toca, aluga, afina e vende...



José Carlos, dilettante
Da mais fina e boa marca,
Assiste á luta incessante
Como um velho patriarcha.

Á Pasqua vae elle dar
Um *lhetim*... ainda bem!
É caso para cantar...
Cada um dá o que tem.



V. de D. não ha escriptor
De que a Pasqua mais se ufane,
Pena é ter sido o cantor
Da afamada... Cristofani.



Alfredo, ó novel chronista
D'essa folha do Burnay,
Que és um grande pianista...
(Toca o *Barba-azul*, olé!)

Fu que és gentil e garboso
Faze-me um favor que peço:
Quanto eras habilidoso
Eu não sabia, confesso,

Tocas, compões e criticas
Tudo bem (modestia á parte)
Porém... fuge d'essas tricas
Ó *Topa-a-tudo* da arte.

Ibis-cachimba, um coral,
Que, mansinho, faz a critica,
Como no mesmo jornal
De habito se faz a politica;

Dizes que não tens partido,
Que és *incolor*, ai lindinho,
Sujeito muito sabido...
Mas p'ra cá vens de carrinho.

O da *Crença* já medita
Em dizer duas parólas
Sobre a questão, que se agita
Da differença de escolas.

Se a da Reszké é franceza
Vai elle travar polemica,
Pois affirma, com certeza,
Que ella é... da *Escola Academica*.



RIGOLETO



Theatre de D. Maria

Sexta feita 26 de janeiro. Festa artistica de Baptista Machado

P'ra o actor Augusto Rosa
Deve chegar amanhã
Dos *magasins du printemps*
Um fato soberbo, assim...
O Torres já tem casaca,
E a grande Emilia dos Anjos
Mandou fazer uns arranjos
No corpete de setim!...

O Baptista encomendou
De fato uma nova andaina:
O proprio Keil n'essa faina
Trabalha sem descansar.
E na Cecilia Fernandes,
A mais habil costureira,
Tem a Amelia da Silveira
Um vestido a concertar!

Mas tal escrup'lo nos fatos
Foi despesa mal cabida,
Visto que a peça escolhida
Se chama *Os filhos de Adão*...
Sendo em rigor os *costumes*
E de suppor, pelos modos,
Que na peça venham todos
Com *toilettes* á frontão...



PAN.

S. Carlos

Muita gente ficou pasmada quando no nosso ultimo numero dissémos que o critico musical do *Economista* tocava cornetim... Pois toca... E como elle toca!.. Que emboadura de rapaz... Parece que elle se fez para o cornetim ou o cornetim se fez para elle.

Não ha Arban que lhe ponha o pé adiante... Qual Arban, nem qual diabo...

Que as philarmonicas dos Terremotos, do Timbre dos artistas, da Incrível Almadense e dos Prussianos do Seixal mandem a concurso os seus melhores musicos de cornetim e verão, verão como elle os confunde...

Quando elle toca, os rouxinoes agachando-se nos troncos dos arvoredos... callam-se atemorizados...

Os gatos miam supplicas ao Altissimo e todos os cães do universo ladram, a tremer, o acto de contricção...

Se toca cornetim? Pois inda o duvidaes?... E como elle toca...



Quando em *trinta e tres* elle apparecia de instrumento em punho as damas mais circumspectas arregalavam os olhos e preparavam-se anciosas...

Teve os melhores applausos na Assembleia da rua da Horta Secca... Ha muito tempo, sim... Mathusalem acompanhava-o ao piano muita vez... D. João vi quiz nomeal-o cornetim da real camara...

Ai, como elle toca... Agora vae enfraquecendo nos baixos... Mas foi bom, bom de lei... Fez furor... E ainda perguntaes se elle toca cornetim? Mas, decididamente, não conheceis nada da historia patria... E esfalfaram-se Herculano, Latino, Chagas para uma tal ignorancia...

Lêde os periodos aureos das nossas dynastias, e lá encontrareis as grandes aventuras d'este cornetim e seu senhor... Lêde as paginas eloquentes da historia de Affonso Henriques e lá achareis os primeiros triumphos do critico do *Economista*...

Se toca cornetim? Mas mette raiva que se desconheça uma gloria que nos dá tanto orgulho...

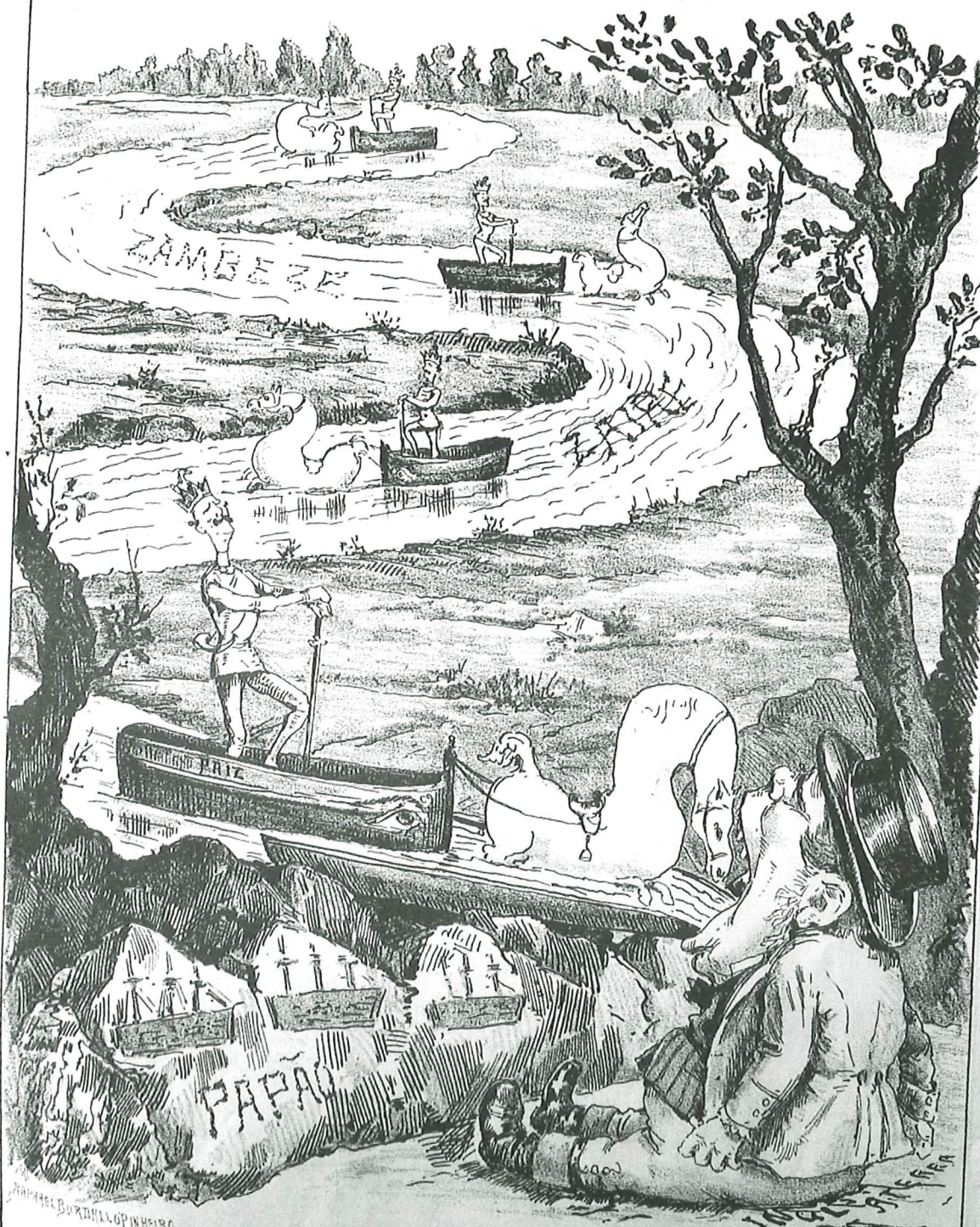
Que firmeza de sons, que agilidade em variações... Com que vontade a *União e capricho* o teria nas suas fileiras... Com que phrenesi o Gaspar lhe lançaria a mão e o faria assentar praça na municipal.

E então sim; então valia a pena ir todas as tardes ao Passeio applaudil-o e victorial-o... nas variações do *Carnaval de Veneza*!





A morte, que ainda ha poucos dias levára á França um dos seus artistas mais notaveis, acaba 'de roubar á Alemanha um dos seus musicos mais distinctos. As duas nações irreconciliaveis sentem-se irmãs na dôr, em presença dos crepes que envolvem as fronte de Ricardo Wagner e de Gustavo Doré.

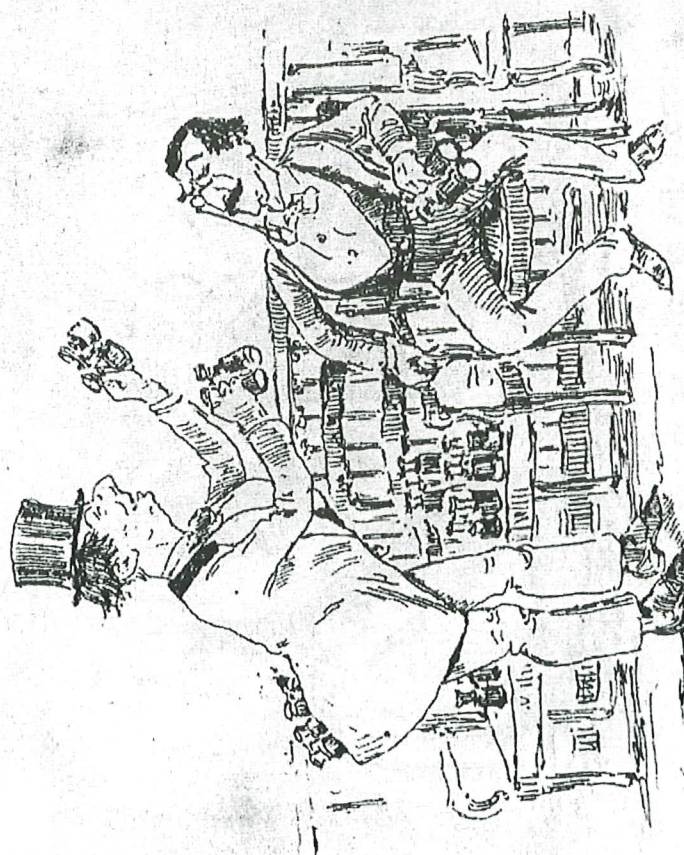


... E os rios serão engulidos; e depois dos rios as arvores; e depois das arvores as casas; e depois das casas as gentes...

As figuras luminosas, os cysnes, os patos, tudo, tudo correrá para o ventre protector!...

... E nós gritaremos sempre que os hespanhoes é que nos querem *papar* e nos mandam esquadras que veem servir de *papões*...

Depois da representação do Lohengrin



Agora é que eu começo a gostar...



COM VISTA - ALOJA DO RIBEIRO - OCULISTA

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Pois eu já não gosto...

THEATRO DE S. CARLOS
 Primeira representação do Lohengrin



É uma peça magistral! Produziu-nos o effeito que devesa despertar no espirito das equinas a leitura da melhor poesia de Victor Hugo: não parecemos, mas gostamos!

Depois da representação do Lohengrin



Protesto

O cysne do Vouga, o cysne de Gonta e o cysne das Matinéas Hespagnols, protestam contra o cysne do Lohengrin que é muito mais bonito de que os declarantes e tem além d'isso a vantagem de não fallar nem escrever.



CAHAS BOM ?

ACHO BOM MAS... MORO LONGE.



Nós, que não apreciamos nem louvamos senão o producto estrangeiro, exportamos de quando em quando uma ou outra notabilidade, que lá fóra applaudem e celebram e que nós deixámos escapar porque *santos de casa não fazem milagres...*

Desenho da capa do album offerecido a Giuseppina Pasqua por uma comissão de admiradores



Obra de talha de Leandro de Sousa Braga.

A CRISE



Parece que começa a dór de dentes...

Chronica de S. Carlos



A cidade já não pode com tanta festa.

No domingo, festa de Barbacine; na segunda, festa da De Reszké; na terça, festa da Pasqua; na quarta, festa de Aldighieri!

A festa de Barbacine, sendo aliás uma festa notavel, não teve nada de ultra-extraordinaria.

Desculpem a *mayomaise* do extra-ultra e



Saltemos por cima de Barbacini.

A festa da prima-dona De Reszké foi uma coisa estu-
penda.



Colchas da India nos camarotes;
Incriveis Almadenses no hotel;

Cavalleiros com archotes pelas ruas;



Corôas de loiro, por arames, a descerem do paraizo sobre este vale de lagrimas e sobre as calvas dos espectadores...



Parecia o ensaio geral da procissão da saude.

O que notámos é que sendo a procissão da saude feita por artilheiros, no caso sujeito foi promotora a cavallaria, passando a artilheria para a festa da Pasqua...

Para complemento, a distincta prima-dona foi agraciada com o titulo de cantora da Real Camara. Este systema de conferir ás cantoras aquella distincção no momento da partida, leva a crer que um bello dia, quando a sua magestade apeteça ouvir a missa do gallo cantada, tenham de chamar-se as artistas a toque de cornetas, assopradas aos quatro ventos por archeiros, como no Lohengrin.

Giuseppina Pasqua teve muito menos corôas, muito menos philarmonicas, muito menos colchas e muito menos archotes, mas muito mais delirio. Isto de delirio é como a cerveja no verão: o caso está em beber o primeiro copo...

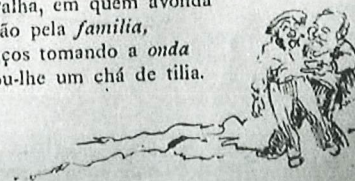
Em resumo, os frequentadores de S. Carlos, com tão successivas festas, já não teem braços para applaudir. Foram-se-lhes gastando a pouco e pouco, no entusiasmo das ovações e quem quiz festejar o Aldighieri teve de pedir os braços emprestados ao visinho do lado ou fazer uso da *Galactokrene Bensabat*, que faz crescer tudo de repente, até os côtos dos braços!



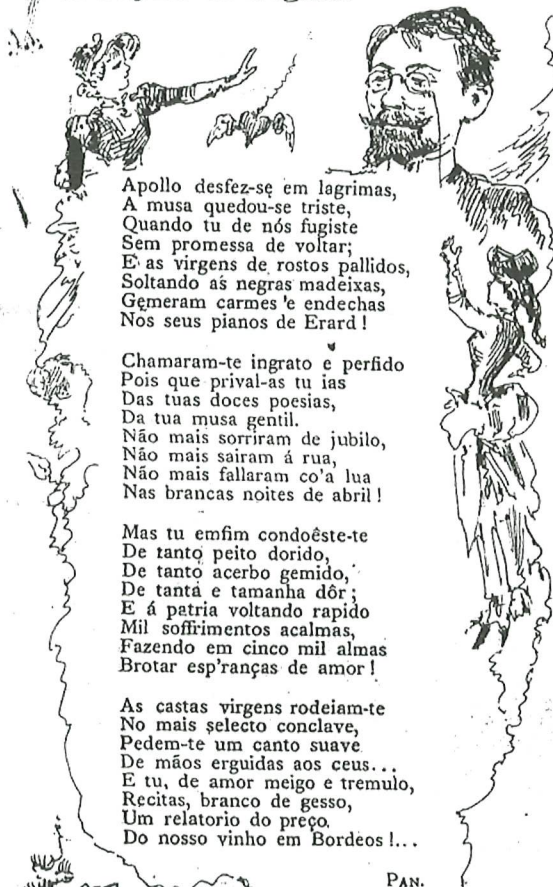
Theatro da Trindade ás 11 1/2

Uma onda que se estreiou hoje não estava costumada a sair fóra da barra e assim que se apanhou no mar alto enjoou de tal maneira que deixou o mar coalhado de mais de meio alqueire de feijão branco com cabeças de nabos.

Chico Palha, em quem avonda
A affeição pela familia,
Nos braços tomando a onda
Ministrou-lhe um chá de tilia.



A Jayme de Seguíer



Apollo desfez-se em lágrimas,
A musa quedou-se triste,
Quando tu de nós fugiste
Sem promessa de voltar;
E as virgens de rostos pallidos,
Soltando as negras madeixas,
Gêmeram carmes e endechas
Nos seus pianos de Erard!

Chamaram-te ingrato e perfido
Pois que privas tu ias
Das tuas doces poesias,
Da tua musa gentil.
Não mais sorriram de jubilo,
Não mais saíram á rua,
Não mais fallaram co'a lua
Nas brancas noites de abril!

Mas tu emfim condoeste-te
De tanto peito dorido,
De tanto acerbo gemido,
De tanta e tamanha dôr;
E á patria voltando rapido
Mil soffrimentos acalmas,
Fazendo em cinco mil almas
Brotar esp'ranças de amor!

As castas virgens rodeiam-te
No mais selecto conclave,
Pedem-te um canto suave
De mãos erguidas aos ceus...
E tu, de amor meigo e tremulo,
Recitas, branco de gesso,
Um relatorio do preço.
Do nosso vinho em Bordeos!...

PAN.



何謂也
O QUE É ISTO?
(CONFUSIO)

Temos á vista a publicação recentemente incetada que se intitula o *Mandarin*; é um folheto elegante, que ainda não temos por absoluta falta de tempo mas que de antemão apreciamos fiados no proloquio de que pelo dedo se conhece o gigante...

Eu adorava a De-Reszké
(Como cantora e artista)
Dei-lhe sempre muitas palmas
Apesar de ser pasquista!...

E quer saber o High-life
O que pasquista me fez?
— Vender sempre pela Paschoa
Mais brindes o 103.

Ha de findar a semana
Vae-se embora o mez de abril,
Sem que eu saiba onde elle quer
Que a gente lhe ponha o til...

116

SYNOPSIS

DOS ACONTECIMENTOS A QUE DEU CAUSA A ÉPOCA
PASCUÓ-RESZKISTA

Familias completamente arruinadas.....	14
Relogios no preço	127
Letras descontadas.....	87
<i>Pugilatos:</i>	
Murros.....	46
Dentes partidos.....	7
Bengallas idem em diversas costellas (genero masculino).....	18
Ventas esborrachadas, pares.....	17
Pequenos tabefes.....	59 147
Divorcios.....	5
Duellos.....	1
Topas a Tudo & C. ^a	1
Pares de luvas estragadas.....	999
Lunchs.....	1
Ceias.....	1
Crises ministeriaes.....	1
Archotadas.....	5
<i>Descomposturas:</i>	
De rachar.....	49
Mansas.....	125 174
Casacas alugadas ao Cruz.....	97
Termos, taes como, distincta, grande, rouxinol, sereia, etc., etc.....	2:725
Borrachos.....	27
Poesias em diversas linguas, incluindo a lingua bunda.....	11
Total.....	4:423

N. B. — Ha duvida sobre a origem da crise ministerial, mas tudo leva a crêr que foi por causa d'aquellas cantoras.



Quererá o til no braço?
Na barriga? no quadril?
Francamente não descubro
Onde deva pôr-lhe o til.

Soneto

Quem tem vagar faz colheras

Por causa de umas inclitas cantoras,
Talvez da solfa as pimponescas musas,
No templo das famosas semifusas
Estoiraram crueis metralhadoras.

Os nobres campeões das taes senhoras
— Que não eram nenhuns pimpões de blusas
Para gloria immortal das teimas lusas
Façanhas mil fizeram berradoras!

Ao barulho estupendo e nunca visto
Uivaram muitos cães, tremeram loisas.
Estremeceu o mundo... e mais do que isto!

Oh, miolo, nos cacôs não repoisas!...
Oh, meu bom Pae do Céu, meu santo Christo,
Quem não tem que fazer... sempre faz coisas!...



Arthur Napoleão: A artema ponta dos dedos; quando corta as unhas caem-lhe no chão fragmentos de melodias de Schubert; quando passa os dedos pelo teclado faz-nos esquecer e perdoar a todos os pianos da rua dos Fanqueiros; seria capaz, se se mettesse n'isso, de fazer vibrar a tecla do sentimentalismo no coração empedrenido d'um senhorio! Infelizmente partiu já, não chegando ao menos a aquecer o lugar do banco de piano.

O doutor Sobral: Uma população enferma chama-lhe *o seu anjo salvador*; de anjo não terá elle cara, mas tem-n'a de bom homem que é bem melhor de que isso; os que elle trata sentem ao curar-se a saudade de não ver mais debruçado á cabeceira do leito aquelle rosto de expressão rasgada e suavissima que lhes fôra balsamo em momentos de agonia.

O capitão Salvi: Quando nasceu, grudaram-n'o a um cavallo e largaram-n'o por esse mundo fóra; nunca mais se despegou e tem dispendido em calções de malha o decuplo do que nós gastamos em sapatos de sola e vira.

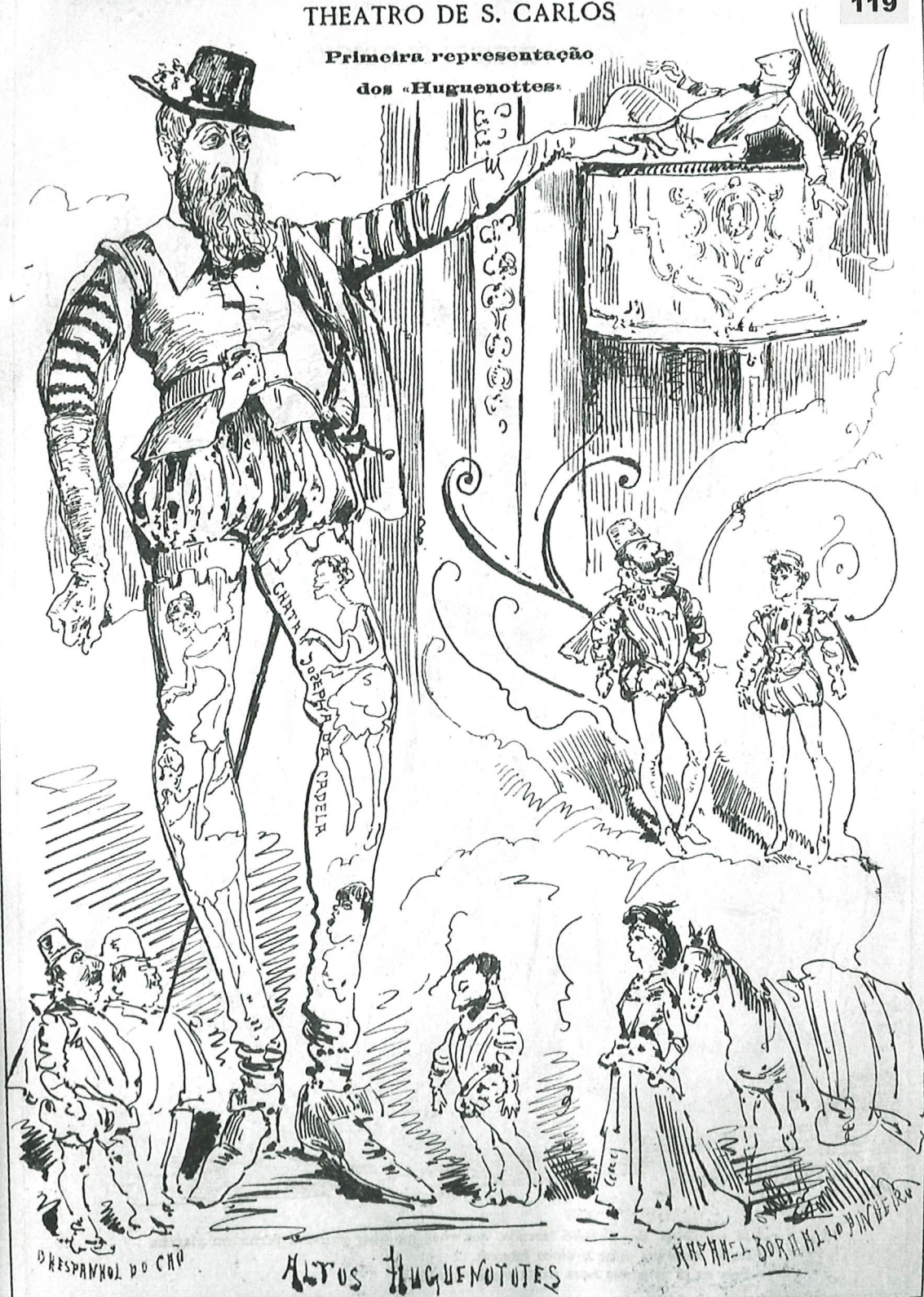
Os Andradas: Conta-se d'elles uma lenda maravilhosa: deixaram a patria e andaram lá por fóra, a correr terras, espalhando e fazendo crer por toda a parte que em Portugal se estuda, se trabalha e se tem talento!

Francisco Michel: Um chimico notabilissimo que veio a Portugal exclusivamente para fazer experiencias sobre generos falsificados e que tão farta copia de exemplares encontrou para os seus estudos que resolve necessariamente acabar os os seus dias entre nós.

THEATRO DE S. CARLOS

119

Primeira representação
dos «Huguenottes»



Theatro de S. Carlos

RIGOLETO



Musa do Desdem

(FAUSTO E MEPHISTOPHELES NA BAIXA)

*Fausto*

Eis a singular Cidade,
a Cidade do Occidente
Mãi de Fortes n'outra edade,
bella como um sol poente!

Eis a Cidade marmórea,
e solemne como um rito!..

Mephistopheles

Cidade heroica na Historia,
— e até berço do Pequito!

Fausto

Eis a Cidade assentada
á beira d'agua, que a beija,
toda de branco enfeitada
como uma noiva na egreja!

É bella, mansa, quieta,
como um sonho virginal!..

Mephistopheles

ou como uma borboleta,
sobre o chapéu do Vidal.

Fausto

Tem templos, praças, escólas,
estatuas que olham o mar.
De noute, idyllios, violas,
e facadas ao luar.

Tem bellas, doces mulheres
d'um meigo olhar sobrehumano...

Mephistopheles

e bachareis e alferes,
que recitam ao piano!



Fausto

Tem sete montes distantes,
voltados ao azul sublime,
como os braços d'uns gigantes,
pedindo o perdão d'um crime!

Pela encosta, a lua cheia
oscilla, por horas mortas...

Mephistopheles

como um burguez cambaleia,
vindo ao domingo das hortas.

Fausto

Do poente a luz vermelha
cae ali, na despedida,
como um monge que ajoelha
no limiar d'uma ermida!

E nas serras de granito
quando ribomba o trovão...

Mephistopheles

parece a voz do Infinito,
— ou da Guiomar Torrezão.

A Natureza sincera
é aqui Mãe e Rainha!
É seu bafo a Primavera.
É seu sorriso a andorinha.

A Comedia que se chama
a Criação infinita...

Mephistopheles

faz-me dormir como um drama
do Ferreira de Mesquita!

Fausto

Hoje esta cidade heroica,
velha cidade de Fortes,
sisuda, solemne, estoica,
parece um campo de mortes.

Sopra n'ella uma nórtada
de tristeza e d'abandono,
como em torre devastada,
— como n'um campo d'outono!

Sopra n'ella um vento frio
de desgosto e de mysterio,
como n'um peito vasio,
ou na flor d'um cemiterio!

Mas inda ha de fulgurar,
como nunca houve nação...

* *Mephistopheles*

quando eu me fôr confessar
ao prior da Encarnação.





A arte á mesa do orçamento

A arte fez-se burocrata. Vamos vel-a aperfeiçoar a letra com o sr. Carlos Silva e escrever officios pelo teor seguinte: «Tenho a honra de remetter aos ouvidos de V. Ex.ª as inclusas cinco fífias que me estavam atravessadas nas guellas.»

Decreto nomeando os empregados da nova secretaria denominada *Theatro de S. Carlos* — appendice ao Ministerio da Fazenda.

Funcionará no Largo de S. Carlos, enquanto não poder ir para a arcada do Terreiro do Paço



Conselheiro official maior Director Geral



Primeiros officiaes



Segundos officiaes



Amanuenses



Continuos

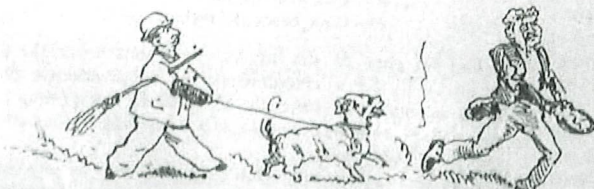


Chefe da companhia braçal

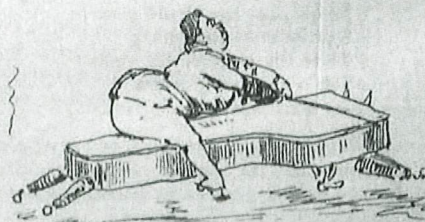
Companhia braçal



O CONTRARIO



Fornecedor de tinta para os gastos da secretaria. Correio a pé



Correio a cavallo

NOTA. Nenhum empregado poderá exercer o seu logar sem manga d'alpaca. Todos têm direito á reforma; alguns podem requerel-a já.



Aspecto da secretaria de S. Carlos em noite de estreia de empregado

RAFAEL-BASTOS-PINHEIRO

S. Carlos

O theatro de S. Carlos, que estava por conta do sr. Brito e que está agora por conta do governo, continua a funcionar regularmente, como uma perfeita repartição publica que é. A opera lyrica deve effectivamente estar muito melhor *por conta* do governo, que é um brasileiro abonado, mas resta saber se o referido brasileiro, no caso de a empresa de *D. Maria* dar a borda, como a empresa de S. Carlos, tomaria tambem por conta a arte nacional como tomou a arte de fora de portas. Fiâmos muito d'um coração tão brasileiro, mas receiamos tambem que a sua predilecção pelas damas estrangeiras seja superior ao seu affecto pelas matronas do paiz...

* * *

Como dissemos, S. Carlos continua a funcionar burocraticamente das oito horas á meia noite em ponto com a regularidade d'uma alfandega.

Tem verificadores e reverificadores.



Despachantes.



Primeiros officiaes (do exercito)



Aspirantes (tambem do exercito)



Guardas do fisco



Remadores



E por ultimo até, foi nomeada apalpadeira a nossa colega D. Guiomar Torrezão!



O movimento é importantissimo. Entram fardos



Saem fardos



Apalpm-se volumes suspeitos de contrabando...



O diabo!...

Como era de suppor, com S. Carlos succedeu o mesmo que acontece na burocracia quando ha mudança de ministerio: os de baixo sobem e os de cima descem. É assim que vemos hoje sentados nas cadeiras os que no tempo da empresa Brito tinham logar no paraíso e occupando o paraíso os que até aqui viramos florear na superior...

O actual bilheteiro é o sr. Grillo.

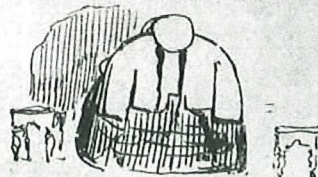


Apesar de grillo, porém, ainda não o ouvimos cantar, o que devéras lastimamos porque podia, em caso de necessidade, substituir vantajosamente alguns dos artistas da companhia.

Deus queira que os *dilettanti* lhe não dêem com a baba de comer alface, aliás são capazes de lhe comprar os bilhetes a generos, o que dará em resultado receber o governo o producto das recitas representado em logares de hortaliça...



A Africana vae magistralmente executada.



Apenas nos occorre fazer um pequeno reparo em questão de vestuarios: o sr. Piazza, por exemplo, vinha muito mais bem vestido com o fato do sr. Rapp e vice-versa.



E, já que fallámos no sr. Rapp, vem a pello pedir ao illustre cantor que não espete tanto o fura-bolos da mão direita quando vem á bocca de scena, porque pode enfiar-o sem querer pela bocca d'algum espectador da geral...



AS AFRICANAS

Contrastes



ORA... QUE SECA

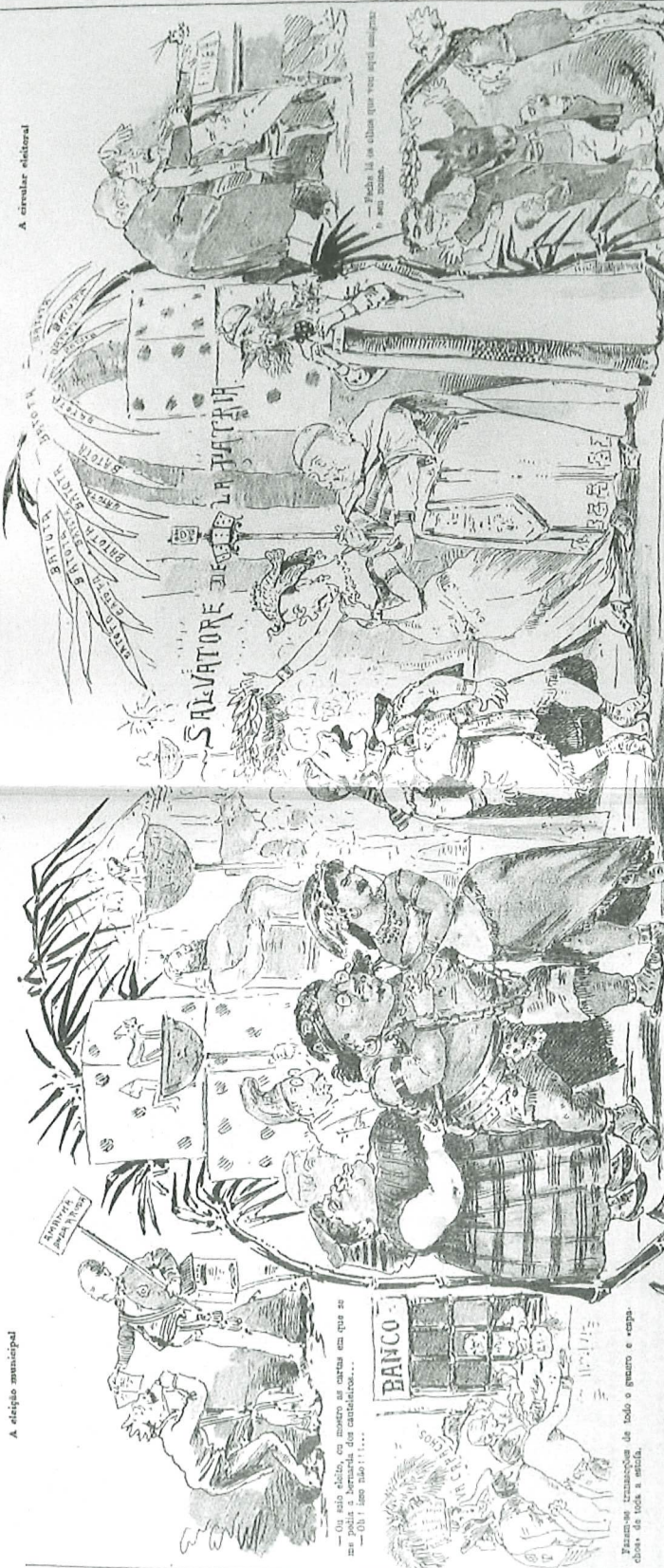
126

A Africana de Cabo Verde

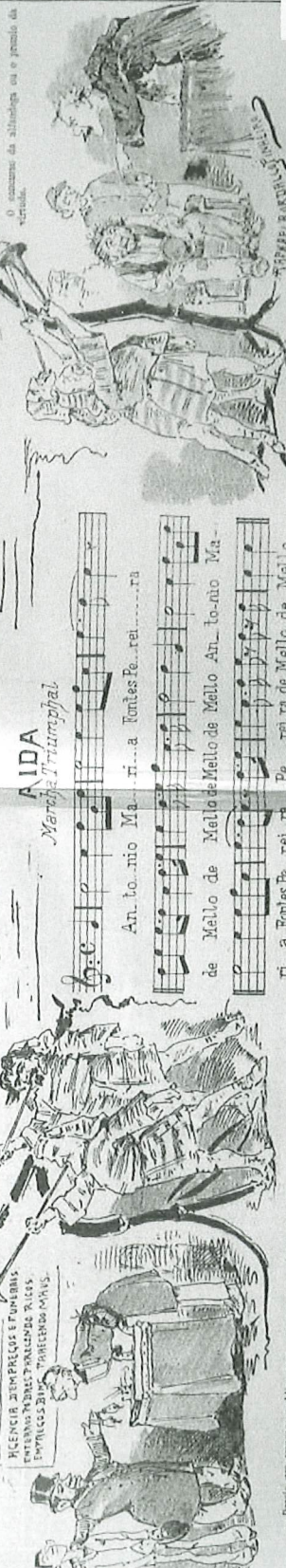
A Africana de S. Carlos

A AIDA NA BATOTA

A eleição municipal

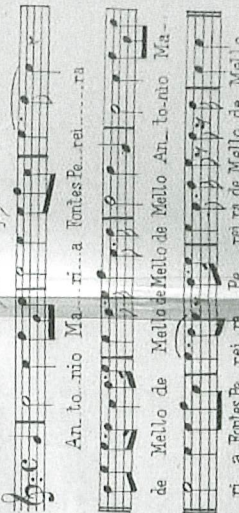


A circular eleitoral



AIDA

Marcha Triunfal



— Dessejo um emprego publico para este rapaz que é estúpido e não quer trabalhar, pague com o meu dinheiro e congoço o senhor Fontes!
— Olha! senhor, o quero engraxar o estuero de minha negra mas não há. Finalmente ainda está para porra.

Em vista da falta lyrica, tomados pelo espirito, compoem-se hoje e cantavamos de futuro a dar em musica os principios vultos da situação.

O tenor Gayarre



O eminente cantor tem recebido no hotel muitos bilhetes de cumprimento dos seus collegas os amanuenses do governo civil, os aspirantes da alfandega, os primeiros officiaes da caixa geral dos depositos e os chefes de repartição do ministerio da fazenda. Estas deferencias por parte da burocracia portugueza são justissimas, visto como Gayarre, sendo considerado na Europa como um dos primeiros cantores do mundo, tem igualmente direitos a que o classifiquem *chefe de repartição da Favorita* muito conspicuo...

Não se illuda porém o notavel artista com a sinceridade d'esses salamalekes traiçoeiros, porque a burocracia é muito invejosa e não pode ver com bons olhos que um simples chefe de repartição esteja recebendo os honorarios proprios d'um chefe de estado.

Lisboa está anciosa por ver tomar posse do seu logar o novo funcionario, certo de que elle escreverá com a sua melhor calligraphia o officio do *spirito gentil*.



Penteie bem esse cabelo,
Vista a comprida borjaca,
Que amanhã lá vamos vê-la
Co'a sua manga d'alpaca.



E. R. M. ^{cc}

Edital

Pela repartição central do theatro de S. Carlos se faz publico que está aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar da data do presente edital, para o provimento do logar de *Propheta* vago pela aposentação, com o ordenado por inteiro, que vae ser concedida ao funcio-



nario que actualmente desempenha aquelle cargo, em vista dos serviços relevantes recentemente prestados pelo mesmo funcionario no cumprimento dos seus deveres.

Os concorrentes deverão apresentar certidão de idade, provando que não teem menos de sessenta annos, nem passam dos noventa e cinco, attestado de vaccina e um bilhetinho do sr. Fontes.

(Fica excluido do concurso, apesar de ter todos estes predicaos, o sr. Santos Pipia).

Pela mesma repartição se annuncia que o *sol* faltou ao ponto, logo no primeiro dia de repartição, porque a costu-



reira lhe não apromptou a tempo a manga de alpaca com que devia apresentar-se ao serviço publico e alguém accintamente lhe substituiu nas pilhas electricas a agua do contador por agua de Loeches, promovendo-lhe uma indisposição que o obrigou a ficar em casa. O *sol* porém, que é propriedade do sr. Motta & Comp.^a e sempre foi tido na conta de empregado honesto e assiduo, já entrou no exercício das suas funcções, recebendo, a titulo de gratificação por bons serviços, uma cesta de capacho para aquecer os pés em quanto durarem estes frios.



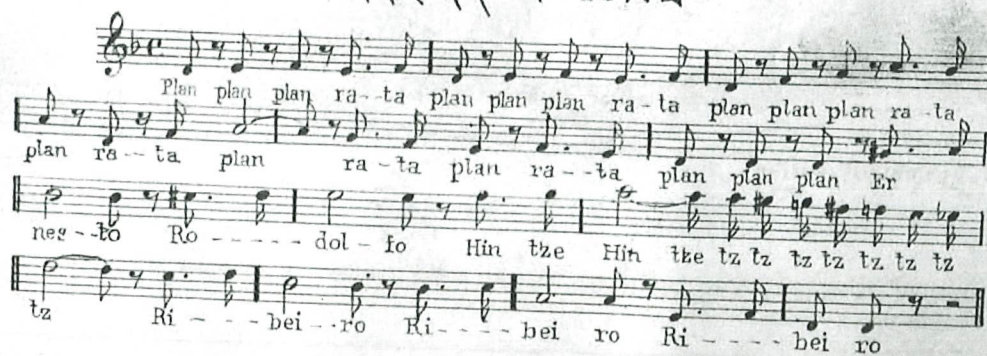
Secretaria do Theatro de S. Carlos, em 19 de dezembro de 1883.

O chefe da repartição
Campos Valdez.

COMPANHIA LYRICO-REGENERADORA.



MARCHA DA " IONE "



NOTÍCIAS BUROCRÁTICAS



O sr. conselheiro Romão, chefe da repartição de mímica da secretaria de S. Carlos, coadjuvado pelo primeiro



official Moraes, tem-se mostrado incansável no desempenho da última pantomima oficial que foi commettida ao seu serviço. Ouvimos que os poderes públicos resolveram ao que parece fazer baixar, do ministerio competente, uma portaria de louvor, como remuneração aos serviços de tão prestante funcionario.

ADDIU !. .

131a



Julian Gayarre acaba de dizer adeus a Lisboa, ou antes, foi a cidade que, de lagrimas nos olhos, assistiu na *gare* á partida do notabilissimo artista a quem, acenando com o lenço, clamava em phrase soluçante :



— Adeus ! *spirito gentile*, fonte de harmonias suavissimas onde libavamos como n'um Lethes delicioso o esquecimento dos dissabores da vida, ao ponto de nos esquecermos de que ha Fontes de fel e vinagre onde bebemos a azia de cada hora !

Ao almoço de despedida do illustre cantor assis **131b**
alguns dos seus melhores amigos e sinceros admiradores
de cujas *toilettes* vamos fazer uma succinta descripção.



Gayarre — setim preto e brilhantes.
Valdez — casimira e oiros.
Lima — decotado e faille grenat no pescoço.
Silva Pereira — moiré preto e coraes.
Carvalho — seda lavrada, rubis, perolas, e mais joias.
Raio — de tarlatana e polonaise gris.
Bordallo — de phantasia, tule, sem joias.
Arbós — mantilha e seda gris.
Rubio — esclavina e saragoça.
Gorgon — pastora andaluza; sarapintado de azul.



Ernesto Rossi lá vae nas pingadas de Gayarre; talvez no mesmo compartimento do wagon, talvez sobre a mesma almofada de onde Gayarre se levantou ha pouco estremunhado, ageita-se n'este momento Ernesto Rossi nos preambulos deliciosos do mais delicioso somninho maroto!

Ao toast do magestoso banquete artistico com que o celebre tragico nos empanturrou durante a sua curta estada em Lisboa, offereceu-nos Ernesto Rossi o opiparo manjar de *Frei Luiz de Sousa*. Foi um prato em tudo digno do *serviço* que o precedera! Confessamos até ter sido esta a unica vez em que applaudimos phreneticamente um padre... Magnifico! Inimitavel! Estonteador!

Um abraço muito estreito ao nosso bom amigo e — já que isso é moda na sua terra — um beijo muito repenecado, para que elle vá enjoado toda a viagem, apesar de a fazer por terra.

Addiu!...





Rapp é um Mephistopheles de taes dimensões que anda com os pés pelo inferno e a cabeça pelo ceu. Borghi, de Margarida e Borghi, de Bella Helena, são duas pessoas distintas e uma artista verdadeira. Ortisi é um Fausto que usa saltos de pião e que tem umas barbas brancas muito parecidas com as do sr. visconde de Gandarinha; se não fôra a voz, iríamos jurar que estava ali um digno par do reino.

THEATRO DE S. CARLOS. PRIMEIRA RECITA DA OPERA PORTUGUEZA DE AUGUSTO MACHADO



O critico d'uma peça é tanto mais para estimar-se quanto é certo que elle convencerá os descrentes de que em Portugal se podem produzir obras de merecimento como as que lavramos ao estrangeiro. Um bravo ao autor e ouro aos artistas que tanto se empenharam e contribuíram para este verdadeiro acontecimento artistico.

As folhas diarias tem mais ou menos fallado detidamente da *Laureana* e por isso não diremos sobre essa opera outra coisa que não seja a manifestação da nossa admiração sincera e do nosso grande enthusiasmo, por vermos que entre nós, que aos proprios olhos nos desprestigiamos e apoucamos como coisa que nada vale, existe ainda vontade e talento e tão incontestaveis que não podemos recusar-lhe justiça, a despeito da leviana indiferença com que usamos acolher tudo quanto em o nosso meio se produz.

Cabe-nos tambem applaudir a boa vontade da empresa de S. Carlos, como a de todos os artistas que tomaram parte no desempenho d'aquella peça e cuja coadjuvação dedicada e lealissima tanto concorreu para o complemento d'aquelle grande exito.

A todos um bravo enthusiástico e a Augusto Machado um abraço muito estreito.

Como é sabido, sua magestade el-rei e sua illustre familia, a quem o luto official não deixa temporariamente frequentar divertimentos publicos, entenderam e muito assisadamente que tal pragmatista em nada pode entender-se com os divertimentos particulares e que, pelo facto de na rua terem de chorar, nem por isso em casa deviam deixar de rir; e, não querendo perder a primeira audição da *Laureana*, mandaram estabelecer um fio telephónico entre o palco do theatro de S. Carlos e o real palacio da Ajuda.

D'esta fórma, sua magestade poude ouvir toda a opepa muito alegremente, com toda a commodidade do lar domestico, sem as etiquetas cortezãs nem as luvas *gris perle* do camarote real, sentado no throno, de manto de armi-nhos, ou mettido na cama, de barretinho de algodão, con-soante os seus appetites ou as suas necessidades corporaes.



Confessamos que de começo sua magestade, pouco costumado decerto a apreciar operas por um canudo, vio Braga pelo dito primeiro que se habituas-se ao manejo dos tubos telephonicos.

Assim, por exemplo, quando se tratava de applaudir algum trecho de musica mais notavel, el-rei, que não tem senão as duas mãos com que segurava os canudos, tinha de largal-os para bater as palmas, seguindo-se fatalmente que com este abandono do fio telephónico perdia sempre o fio da cantoria!



Durante o primeiro intervallo sua magestade e os principes não perceberam que já tinha acabado o acto e continuavam a escutar attentamente pelo telephone. A este tempo suscitou-se uma questão — puramente particular — entre uma formosa dançarina e um elegante frequentador do theatro de S. Carlos, trocando-se, ao que parece, algumas palavras menos bem soantes na lingua de Calderon...



— Então que diabo é isto! segredou el-rei; a opera ha bocado era em italiano e agora mette recitativo em hespanhol?!...



E logo para os principes:

— Larguem os canudos, meninos, que este solo de trompas não é para as suas castas trompas de Eustaquio...

Ao que o principe real respondeu sensivelmente contrafeito:

— Ora o papá sempre tem coisas... Agora que estava-mos a ouvir uns trechos tão bonitos da *Galina Ciaga*...

— Qual gallinha nem meia gallinha! volveu sua magestade encolerizado; o que os meninos ouviram cantar foi o gallo, o que quer dizer que já são horas de irem conversar com o travesseiro...



Depois d'esse pequeno incidente sua magestade familiarisou-se de todo com o canudo do telephone ao ponto de não perder pitada de quanto se passava em S. Carlos pelos sons que lhe chegavam ao ouvido.

Quando a comissão de amadores veio ao palco para offerecer uma coroa a Augusto Machado, el-rei disse para os assistentes:

— Lá entrou em scena o Antonio Duarte: conheço-o pelo *tlín tlin* das medalhas...



Durante os bailados, o senhor D. Luiz conhecia os passos de todas as artistas:

— Escutem! Está dançando a primeira bailarina... Lá vem ao proscenio a Chata Josepha da Cadella...



Alguem espirrou na plateia e sua magestade prophetizou logo:

— O João Guimarães está precisado d'um xarope de peros; conheci-o pelo espirro...



Houve ainda uma vez em que el-rei se deixou intrigar pelo canudo; foi quando pegou no fio que corresponde ao telephone collocado junto da *corista gorda*.

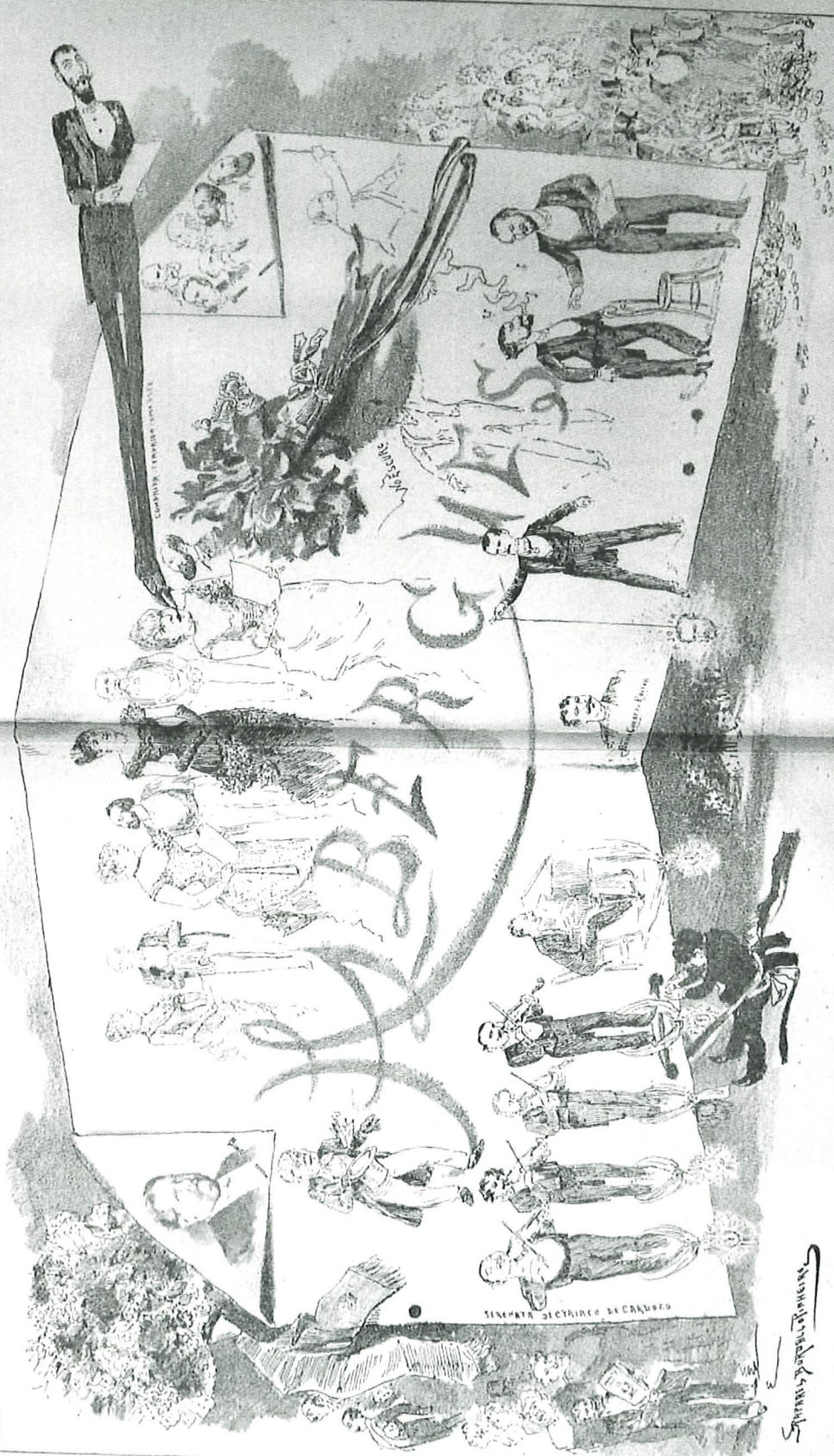


— Com os demonios! pensava o monarcha; a opera é realmente boa, mas este capricho de escrever quasi um acto inteiro só para a *corista gorda* é que me parece demasiadamente original...

De resto, sua magestade não pensa senão no canudo telephonico. Na ultima representação da *Laureana* o monarcha foi ouvir a opera para vale de lenções e fatigado pelos seus afazeres de reinante adormeceu profundamente durante o intervalo do segundo para o terceiro acto; acordando alta noite estremunhado e suppondo que a opera ainda durava, estendeu machinalmente a mão para a banquinha de cabeceira em busca do telephone... Tendo-o encontrado encostou-o cuidadosamente sobre o ouvido e escutou em silencio durante alguns minutos ao cabo dos quaes murmurava despeitado atirando com o *telephone* para o meio da casa:

— Não vejo, por minha vida!
Se bem que escancare o lusio...
E oiço só coisa par'cida
Ao rumor d'um grande busio l...

THEATRO DE S. CARLOS. RECITA EM BENEFICIO DOS ALBERGUES NOCTURNOS



Associações de todo o coração a esta esplendida festa, como nos associamos sempre a tudo que é grande, e bom, e generoso, sem escurarmos sequer de indagar-lhe a proveniência. Tanto mais, que o edifício do Teatro representa para nós uma espécie de seguro de vida e o pão da velhice garantido — durante a noite.

THEATRO DE S. CARLOS

A PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO DO «REI DE LAHORE»

136



LINDÍSSIMA E RIQUÍSSIMA OPERA - BASTA DIZER QUE OS COROS SÃO FORMADOS PELOS PRINCIPAES BANQUEIROS - GANDARINHAS E BURRATOS VOZES DE OURO

ERMINIA BORGHI-MAMO

COMMEMORAÇÃO DA SUA FESTA ARTISTICA EM 15 DE ABRIL DE 1884



Depois do que toda a imprensa tem escripto a respeito d'esta insigne artista e notabilissima cantora, o *Antonio Maria* não encontra para offerecer-lhe como penhor da sua sympathia senão esta modesta pagina.



Luzia Rocha nasceu a 17 de Fevereiro de 1978. É licenciada em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa. Obteve o grau de Mestre pela mesma instituição. Prepara presentemente a sua dissertação de Doutoramento. É membro do 'Study Group on Musical Iconography' da International Musicological Society. Tem apresentado comunicações

orais a convite de várias Universidades e Instituições portuguesas e estrangeiras e possui artigos publicados por periódicos internacionais da especialidade, como o *Imago Musicae* ou o *Music in Art*.



O caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro era um frequentador assíduo do Teatro de S. Carlos. No seu jornal 'O Antonio Maria' fez várias caricaturas sobre as récitas deste teatro expondo, deste modo, a ópera na sua vertente mais cómica. Estas caricaturas fornecem-nos informações preciosas sobre cantores, empresários, público e sobre a vida cultural lisboeta de finais do século XIX. A abordagem da autora incide em aspectos iconográfico-musicais na sua mais íntima relação com a Musicologia, História, Sociologia e História da Arte.

Patrocínio

FCT
Fundação para a Ciência
e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

